





EX-LIBRIS



BORBA  
ALVES DE MORAES

RUBENS BORBA  
ALVES DE MORAES

w.





OBRAS DE SENIO

---

# O TRONCO DO IPÊ

TOMO I



SENIO

---

O

TRONCO DO IPÊ

ROMANCE BRASILEIRO

---

RIO DE JANEIRO

EDITOR PROPRIETÁRIO

B. L. Garnier. — Rua do Ouvidor n. 69

1871

Typ. e lith. —IMPARCIAL—de Felix Ferreira & Comp.  
146 A RUA SETE DE SETEMBRO 146 A



## I.

### O FEITICEIRO

Era linda a situação da fazenda de *Nossa Senhora do Boqueirão*.

As aguas magestosas do Parahyba, regavam aquellas terras fertilissimas, cobertas de abundantes lavouras e extensas mattas virgens.

A casa de habitação chamada pelos pretos *casa grande*, vasto e custoso edificio, estava assentada no cimo de formosa collina, d'onde se descortinava um soberbo horisonte.

Assomava ao longe, emergindo do azul do céo, o dorso alcantilado da *Serra do mar*, que

ainda o cavallo a vapor não escarvara com a ferrea ungula.

Das abas da montanha desciam como sanefas e bambolins de verde brocado, as florestas que ensombravam o leito do rio.

A's vezes tardo e indolente, outras rapido e estrepitoso com a crescente das aguas que o entumeciam, assemelhava-se o Parahyba na calma, como na agitação, á uma python anti-diluviana colleando atravez da antiga selva brasileira.

Nas fraldas da collina á esquerda estavam as fabricas e casas de lavoura, a habitação do administrador da fazenda e as senzalas dos escravos. Todos estes edificios formavam um vasto parallelogramo, com um pateo no centro; para este pateo, fechado por um grande portão de ferro, abriam os cubiculos das senzalas.

Mais longe, derramados pelo valle, viam-se o monjolo, a bolandeira, o moinho, a serraria, tocados pela agua de um ribeiro que serpejava rumorejando entre as margens pedregosas.

A' direita da casa, onde se erguia a alva capellinha da fazenda, sob a invocação de Nossa Senhora, a collina declinando com suave depressão ia morrer ás margens do Parahyba. Desse

lado encontrava-se o jardim, o pomar, a horta, e varios sitios de recreio arrançados com muito gosto.

Si a natureza brazileira, toucada pela arte européa, perdia alli a flôr nativa e a graça indigena; em compensação tornava-se mais faceira.

Tudo isso desapareceu ; a fazenda de *Nossa Senhora do Boqueirão* já não existe. Os edificios arruinaram-se ; as plantações em grande parte ao abandono morreram suffocadas pelo mato ; e as terras, afinal retalhadas, foram reunidas a outras propriedades.

A gente do logar, tanto os fazendeiros e ricos, como os simples roceiros e aggregados se preocuparam muito durante algum tempo com o desamparo em que o dono deixava nma fazenda tão fertil e aprazivel.

Alguns attribuiam o facto singular ás seduções da côrte ; e protestavam interiormente não casar suas filhas com homem habituado ás delicias da *Babylonia fluminense*.

Outros que melhor conheciam o dono da fazenda abandonada desconfiavam de alguma questão de familia, e fallavam de certas complicações a respeito da herança do antigo proprietario.

A gente pobre inclinava-se mais á explicação de umas tres ou quatro beatas do logar. Segundo a lição das veneraveis matronas, a causa do desmantello e ruína da rica propriedade fôra o feitiço.

A fazenda do *Boqueirão* era mal assombrada; e em prova do que affirmavam, além de umas historias de almas de outro mundo, cem vezes resmoneadas entre os costumados biocos; mostravam de longe a cabana do pai Benedicto.

Esse argumento era peremptorio. Assim nenhum dos moradores passava naquelle sitio, que não estugasse o passo ou esporeasse a cavalgadura lançando um olhar de esguelha á velha cabana de sapé, e sentindo os cabellos se irriçarem com um subito calafrio.

Os espiritos fortes não faziam caso dessas abusões; mas arranjavam-se de modo que nunca tinham necessidade de passar naquelles sitios depois do lusco-fusco; salvo quando levavam bôa e alegre companhia.

E' natural que já não exista a cabana do pai Benedicto, ultimo vestigio da importante fazenda. Ha seis annos ainda eu a vi, encostada em um alcantil da rocha que avança como um promontorio pela margem do Parahyba.

Sahia d'ella um negro velho. De longe, esse vulto dobrado ao meio, parecia-me um grande bugio negro, cujos longos braços eram de perfil representados pelo nodoso bordão em que se arrimava. As cans lhe cubriam a cabeça como uma ligeira pasta de algodão.

Era este, segundo as beatas, o bruxo preto, que fizera pacto com o *Tinhoso*; e todas as noites convidava as almas da vizinhança para dansarem embaixo do ipê um *samba* infernal que durava até o primeiro clarão da madrugada.

Sabiam as matronas até o nome das almas do outro mundo que frequentavam a cabana do pai Benedicto, e tinham a honra de ser convidadas para o batuque endemoniado á sombra do ipê.

Havia quem as tivesse visto e reconhecido, quando se dirigiam, com traço de phantasma em grande gala, para a morada do bruxo, *sub-delegado* de satanaz. Bem se vê que a autoridade policial da freguezia não estava nas boas graças das matronas.

Ignorante das relações intimas que entretinha o habitante da cabana com o principe das trevas; tomei-o por um preto velho, curvado ao peso dos annos e consumido pelo trabalho da lavoura;

um desses veteranos da enchada, que adquiriram pela existencia laboriosa o direito á uma velhice repousada, e costumam inspirar até a seus proprios senhores um sentimento de pia deferencia.

O pai Benedicto descera a rocha pelo trilho, que seus passos durante trinta annos haviam cavado, e chegou ao tronco decepado de um ipê gigante que outr'ora se erguêra frondoso na margem do Parahyba. Pareceu-me que abraçava e beijava o esqueleto da arvore; depois sentou-se com as costas apoiadas no tronco; ahi ficou aquecendo-se ao sol do meio dia como um velho jacaré.

Approximei-me para pedir-lhe agua mais fresca do que a do rio. Mostrou-me um fio crystalino que manava da rocha viva e deu-me excellentes limas e laranjas.

Curioso de ver de perto o tronco do ipê, que o preto velho tratara com tanta veneração, descobri junto ás raizes pequenas cruces toscas, enegrecidas pelo tempo ou pelo fogo. Do lado do nascente, n'uma funda caverna do tronco, havia uma imagem de Nossa Senhora em barro, um registro de S. Benedicto, figas de páo, fei-

tiços de varias especies, ramos seccos de arruda e mentruz, ossos humanos, cascaveis e dentes de cobras.

— Que quer dizer isto, pai? perguntei-lhe eu apontando para as cruces.

O velho só abriu os olhos, toscanejando, e murmurou com a voz cava:

— Boqueirão!...

Como bem se presume não entendi.

— Você vive só n'este logar?

Levantando as mãos, invocou o céu em testemunho de seu isolamento; e outra vez resmoneou como um echo roufenho:

— Boqueirão!...

Dessa vez julguei comprehender. O velho estava caduco.

Acommodei-me á sombra sobre a relva para esperar que o sol descambasse. O preto de seu lado, como um instrumento perro a que houvessem dado corda, começou a cantilena soturna e monotona, que é o eterno soliloquio do africano. Essas almas rudes não se comprehendem a si mesmas sem fallar para ouvirem o que pensam.

A brisa trazia-me por lufadas trechos da

cantilena, a que eu procurei, mas em vão, ligar um sentido.

O sino de uma fazenda soôu ao longe repicando meio dia. O preto velho ergueu-se a custo e com o passo tropego e lento seguiu por um espinhaço do proximo rochedo que vinha serpejando como uma grossa raiz, morrer á alguns passos do tronco do ipé. Acompanhei com os olhos o seu andar vacillante sobre o dorso aspero da pedra, até que sumiu-se n'uma garganta do fraguado.

Já tinha esquecido o preto e pensava nos cuidados que deixara no Rio de Janeiro, quando feriu-me o ouvido uma voz cava e profunda que proferia estas palavras :

— Perdôa, perdôa !...

O mais estranho era que as palavras saham das entranhas da terra, e rompiam mesmo do chão que eu pisava. Si não fosse meio dia, a hora dos esplendores e das maravilhas da criação, talvez meu espirito se deixasse levar das superstições que infestavam o lugar. Mas feitiçaria com o sol a pino, e a natureza a sorrir, pareceu-me um contra-senso.

Algumas velhas raizes do ipé, resurgindo á



flôr da terra, como succede com as arvores annosas, tinham sido carcomidas pelo caruncho; e formavam brocas profundas que se entranhavam pelo solo. Quando eu fazia essa observação, conjecturando que as palavras talvez houvessem partido desse tubo natural; ouvi outra vez a voz subterranea que reboava:

— Perdôa, perdôa, senhor!

Além de confirmar a primeira observação, conheci que a voz era do preto, e transmittia-se por um phenomeno natural proveniente da construcção geologica do sitio. Seguindo a direcção que tomara o pai Benedicto, fui achal-o mettido em uma especie de furna que havia no rochedo, inclinado ou quasi cahido de bruços sobre uma pedra humida, coberta de limo e parasitas.

Ainda os labios grossos e tremulos do ancião balbuciavam as mesmas palavras que eu ouvira; e as repetiram por muito tempo até que ali ficou extatico e immovel.

Que mysterioso crime se commettera naquelle sitio, para o qual tantos annos passados ainda o negro velho implorava o perdão á memoria de seu fallecido senhor?

Mal sabia eu então que assistia ao epilogo melancolico de um drama, que mais tarde teria de desvendar.



## II

### O PASSEIO.

Na manhã de 15 de janeiro de 1850, sahia da *casa grande*, na fazenda de *Nossa Senhora do Boqueirão*, um grupo de tres crianças, acompanhadas por duas mucamas e um pagem agaloado.

Eram duas meninas de onze a doze annos, e um menino de quinze.

— Vem, Adelia; disse uma das meninas convidando a outra a acompanhal-a na corrida.

— Não gosto de correr!

— Nhandã Alice, olhe o que sinhá recommen-

dou! disse por desengargo de consciencia uma das mucamas, que se deixou ficar bem tranquilla.

— Ella não faz caso!.. murmurou com indifferença o menino observando a corrida de Alice.

— Você bem viu, nonhô Mario, quando sinhá recommendou que não corresse. Não foi? Depois... Ai! Eufrosina é que teve a culpa.

— Iaiá Adelia, é que não gosta destas cousas: accodiou outra mucama. Lá de uma polka ou de um galope, no baile, isso sim; não é iaiá?

Adelia suspirou:

— Ah! O meu querido Rio de Janeiro!

— Ali é que se póde viver! tornou a mucama.

O pagem que vinha se requebrando com desejo de encartar sua palavrinha disse:

— A ultima vez, que estive lá com meu senhor barão nos divertimos muito.

— Sae-te daqui, Martinho! Quem conta com moleque; disse a Eufrosina; e depois de inflingir essa correcção ao pagem, voltou-se para a collega, mucama de Adelia. Mas Felicia, isso de baile sempre, sempre, tambem cança.

— A mim, não cança; respondeu Adelia com uma voz cheia de melodias.

— Pois a mim aborrece-me! asseverou Mario com ar importante.

— E' porque ainda não viu!

— O barão tem dado muitos, ainda ultimamente nos annos de...

O menino parou como si o labio lhe recusasse a palavra; e com um meneio da fronte designou a direcção em que sumira-se a outra menina.

— Nos annos de nhanhã Alice! acodiu Eufrosina completando o pensamento.

— Mas... acodiu Felícia hesitando; e trocou um olhar com Adelia.

Mario sorprehendeu esse olhar:

— Entendo...

— Meu padrinho é muito rico, atalhou Adelia; mas o baile do Cassino!...

— E' verdade; o baile do Cassino! repetiu a mucama como um echo.

— Entendo, continuou Mario; ha mais luxo, mais riqueza; e portanto mais impostura e mentira.

A mucama deu um muxocho, que obrigou o menino a medil-a de alto á baixo.

Adelia chegou-se a Mario; e pousando-lhe a mão no braço, disse com um sorriso encantador.

— Deixe estar que ainda havemos de dansar uma contradansa no Cassino? Quer ser meu par?

E' escusado advertir que nem Adelia, nem Felicia tinham assistido ao Cassino; mas como a mãe da menina frequentava essa sociedade, e ellas a viam muitas vezes preparada para o baile, fallavam como quem tivesse perfeito conhecimento da cousa.

Nesse momento Alice aproximava-se de volta da corrida, e ouvira as ultimas palavras da amiguinha:

— Mario não dansa.

O menino lançou-lhe um olhar frio:

— Com certas pessoas!

— Comigo, não é?

— Principalmente.

— Muito obrigada; respondeu Alice com um sorriso.

— Não tem de que; não me deve nada.

— Está bom; não vão brigar: acodiu Adelia com meiguice.

— Não tenha susto, Adelia! Eu não me zango com elle.

— Não vale a pena!

Não se póde exprimir a amarga ironia com

que Mario pronunciou estas ultimas palavras. Sua mão crispada por um movimento de colera, cahiu sobre o tronco de um arbusto e espedaçou-o.

Alice afastou-se com timidez, enlaçando o braço pela cintura de Adelia.

— O homem está zangado, mesmo deveras! observou o pagem.

— Deixal-o! disse a Eufrosina.

— Estes meninos da roça são mesmo assim. Está que na côrte a gente não vê destas cousas. Meninos tão bem ensinadinhos, que é um gosto!

Esta profunda observação á respeito da educação dos meninos fluminenses partiu como já se presume da Felicia, crioula carioca, das mais pernesticas e sacudidas como dizia o Martinho, pagem do barão.

Mario não ouviu estes commentos á respeito da sua zanga repentina e inexplicavel. Desviando-se da alléa do jardim, por onde seguiam os outros, isolou-se do grupo; e por algum tempo não fez outra cousa, sinão fustigar as folhas e flores, com um pedaço do arbusto que lhe ficara nas mãos. Parecia deleitar-se com essa destruição; á medida que as rosas mais lindas junca-vam o chão desfolhadas, a phisionomia do tra-

vesso rapaz adquiria a fria placidez, que era sua expressão ordinaria.

Entretanto as duas meninas atravessavam o jardim.

Alice, a mais esbelta das duas, tinha certa vivacidade e petulancia que revellavam a flor agreste, cheia de seiva, e habituada á se embalar ao sopro da brisa, ou á beber a luz esplendida do sol. Seus cabellos de um louro cendrado, encrespando em opulentos áneis, voavam-lhe pelas espaduas, e ás vezes com a mobilidade da gentil cabeça escondiam-lhe o rosto como um véo. Nessas occasiões com um simples e gracioso meneio da fronte ella atirava sobre os hombros a nuvem fragrante que lhe sombreava o rosado das faces.

Quem lhe via os grandes olhos velutados de azul, sempre limpidos e serenos, e os labios mi-mosos sempre em flor; comparava naturalmente essa alma pura a um lago sereno engastado em um berço de boninas e cuja onda limpida é apenas frisada pela aza diaphana do silpho, pela petala da flor ou pelo suspiro da aragem.

Seu passo era agil, rapido e subtil como o passarinho, de que tinha a volubilidade e a gentile-



za. Ella desferia de si ao mesmo tempo tres movimentos ; cantava, corria e dançava.

Adelia, de talhe menos delgado, parecia com tudomais elegante; suas fórmaharmoniosas tinham a graça da rosa nascente. Havia em sua belleza um certo ar de languidez, que se nota nas flores dos jardins, assim como nas moças creadas sob a atmospherá enervadora da cidade.

Ao contrario da amiguinha, ella trazia os cabellos negros presos em uma rede de fios de ouro, e toucados com certo esmero. Si algum anel se escapava para brincar-lhe na face, a mãozinha mimosa calçada por fresca luva côr de pinhão, movia-se com um gesto mavioso de infinita graça, e restituia o captivo rebelde á sua doce prisão.

Os labios não sorriam á miude; ao contrario pareciam preferir a seriedade, que punha em relevo a extrema perfeição da boca, e davam-lhe certo ar de faceira gravidade, encantador naquellas feições de doze annos. Quando porém o sorriso lhe enflorava os labios, era como si uma aureola de graça e esplendor lhe cingisse a fronte.

A mesma differença se notava nos trajos das duas meninas, embora fossem feitos na côrte, da

melhor fazenda, e pela mesma modista. O vestido de popelina azul da primeira era como o hymen que fecha o botão e não o deixa abrir-se em flor. O vestido da outra, de sarja verde com enfeites de velludo castanho, era ao contrario o calix delicado da flor que se expandia em toda a louçania.

Adelia trazia um mimoso chapellino de sol da mesma côr do vestido, e um leque de aspas de marfim: seu pesinho, calçado com uma botina de duraque, pisava a relva ou as folhas com tanta delicadeza como si roçara pelo mais fino tapete.

Alice, essa não tinha nem umbella nem leque: seu rosto afrontava os raios do sol, como o seu cothurno de cordovão calcava as asperezas do caminho. Para abrigar-se do sol ella trazia apenas um chapéo de palha de abas largas, mas em vez de pol-o á cabeça, tinha-o suspenso ao braço esquerdo pelas fitas transformando-o assim em uma especie de açafate, destinado a receber flores, fructos, cocos, besouros, pedrinhas e toda a mais abundante colheita do passeio.

Quem visse as duas meninas, acharia sem

duvida mais bonita Adelia, porém gostaria muito mais de Alice.

Mario, esse não era bonito sobretudo para sua idade. Tinha uns olhos pardos muito grandes e profundos; nariz aquilino: e boca sempre ligeiramente frisada por um impertinente desdem. O talhe era bem conformado; e seria elegante si não fossem o andar rijo e os movimentos bruscos.

Quando se observava aquelle menino e via-se o meneio altivo com que elle atirava a cabeça sobre a espadua, o gesto frio e compassado, a ruga precoce que lhe sulcava o sobrolho e a expressão desdenhosa do labio crespo, não se podia o observador eximir á um sentimento de repulsa. Parecia que essa creança de quinze annos já se julgava com direito de desprezar o mundo, que nem conhecia, e os homens de que elle era apenas um projecto.

Entretanto com a continuação do exame aquelle sentimento de repulsa diminuia. Havia nessa phisionomia um quer que seja que atrahia máo grado; advinhava-se na fronte larga uma intelligencia vigorosa; e vinha como um vago presentimento, de que a expressão es-

tranha de seu rosto não era outra cousa sinão o confrangimento dessa alma superior.

O traje do menino embora novo e aceiado, indicava logo de primeira vista, pelo córte como pela fazenda, que havia entre elle e as duas companheiras de passeio muita differença de posição e fortuna.

### III.

#### ESPINHO DE ROSA.

Alice, sob pretexto de mostrar certa rosa muito bonita a Adelia, fizera uma volta com disfarce para approximar-se de Mario, que se isolára do grupo.

A menina conhecia o companheiro e sabia que si não se reunissem a elle, deixando passar despercebido o incidente, Mario com certeza abandonaria o passeio projectado, e sumir-se-hia pelo resto do dia.

— Olha, Adelia! Não é tão bonita?

— Muito! Parece uma flôr de setim!

A flor que as duas meninas admiravam com tanto enthusiasmo, era uma variedade da rosa-

musgo, que ou por capricho da natureza, ou por um processo de jardinagem, reunia o aveludado das folhas da camelia ao gracioso das petalás crespas e fragrantés da outra especie.

— Onde ficará melhor, no cabelo ou no seio? perguntou Adelia.

— No seio, iaiá, é mais da moda! acodiu à Felicia, como quem na materia fallava de cadeira.

— Quero uma!

Tendo manifestado o seu desejo, Adelia voltou-se para Mario, com certo modo senhoril. O menino comprehendeu; quebrou o talo de uma das rosas mais bonitas, e lh'a deu; não como acto de galanteria, mas simplesmente como uma fria condescendencia.

— Ai! Tem tanto espinho! gritou Alice retirando a mão que tentara colher outra rosa.

Mario ficou impassivel.

— Tire uma para Alice; disse Adelia.

— Denguices! murmurou o menino.

— Denguices!... Veja!

E Alice mostrou queixosa a ponta mimosa do dedo, onde burbulhava uma gotta vermelha.

— Ahi está o que nhanhã queria, era isso mesmo.

— Não é nada, Eufrosina. Um bocadinho d'agua ; disse o pagem correndo para o repuxo.

Mario tinha tirado uma segunda rosa, mas não se resolvia a da-la á Alice ; foi preciso que esta entre um sorriso e um receio lh'a tirasse da mão timida. O menino ficára immovel e pallido, com os olhos fitos na gotta vermelha que borbulhava no dedo de sua companheira. De repente apoderando-se da mãosinha mimosa com um gesto arrebatado, sugou o sangue até estancalo como faziamos nós em criança quando nos feriamos em alguma travessura.

Alice olhava-o sorrindo e já esquecida da dôr. Encontrando o olhar da menina, Mario com o mesmo arrebatamento largou-lhe a mão ; e envergonhado, quasi arrependido do que fizera, continuou a fustigar os arbustos, applicando tambem por diversão uma cipoada nas canellas do Martinho.

A menina trançando a rosa nos cabellos, disparou em nova corrida.

— Nhanhã Alice, onde vae ? Olhe o que já succedeu !

— E' escusado, disse Mario. Não se emenda. Quanto mais você gritar mais ella corre.

— Gosto de correr! Que tem isso agora? exclamou Alice voltando-se.

As crianças deixaram o jardim, atravessaram a horta, e entraram no vasto e sombrio pomar.

Seriám dez horas da manhã; fazia um bello dia de sol, mas bafejado por fresca viração. As aguas do rio tinham a côr e o brilho da esmeralda; o céu estava acolchoado desse azul diaphano e macio, onde o olhar repousa deliciosamente, como em cochins de seda.

Um enxame de passarinhos de diversas côres esvoaçava chilreando entre as laranjeiras; e no meio desse concerto harmonioso, destacava como a rutilação do diamante entre as scintillações do cristal, a nota opulenta e sonora do sabiá; longe, formando o sombreado da esplendida melodia, resoava a endeixa plangente da jurity.

As crianças, e mais ainda os escravos, conservaram-se completamente indifferentes á belleza desse quadro, que a natureza tropical coloria ao mesmo tempo de luz e harmonia.

Naquella idade, e naquella condicção, de



ordinario o sentido preponderante é o do paladar; por isso de todas as magnificencias da vegetação vigorosa, o que elles viram e admiraram, foi o dourado das bellas laranjas selectas; o rôxo dos figos e abacates; o vermelho dos bagos da romã; o amarello das goiabas e araçás; o preto das uvas e jaboticabas temporans; e o louro acerejado das mangas, que rescendiam.

Alice quiz por força trepar em uma goiabeira para colher um cacho de uvas da alta parreira. Houve porém desta vez uma opposição geral á travessura.

— Nanhã, isto são modos? Tomára que sinhá saiba; exclamou a Eufrosina.

— Onde já se viu uma menina trepar nas arvores? No Rio de Janeiro só quem faz isso é menina á tôa! observou a Felicia.

O pagem tambem sahiu-se:

— Eu tiro, nanhã; diga o que quer, que eu tiro. Uma moça faceira tem seu pagem para servir a ella.

— Não trepe, Alice; não é bonito; estraga as mãos e póde romper seu vestido; disse Adelia.

Mario limitou-se á sua habitual ironia:

— Ora !... Deixe trepar não faz mal ! E' filha de barão... não cahe... tem muito dinheiro !...

Alice foi obrigada a renunciar á seu projecto e resignou-se a comer as uvas tiradas pelo pagem, o que as tornou muito menos gostosas.

Ha nada para uma criança que se compare ao prazer de saborear uma fructa adubada com o sainete da travessura?

A travessura é a pimenta do reino, que os meninos deitam em seu melão, esse pepino doce, essa indigestão natural que a terra, mãi carinhosa, tem o cuidado de preparar para os estomagos desejosos de emoções fortes.

Eu comparo o estomago que digere um melão, ao Hercules da mythologia esmagando a hydra de Lerna; ao celebre caçador goiano que estrangulou um tigre com as mãos; e a meu patricio capitão-mór Filgueiras, esse heróe das lendas cearenses, que abatia um touro com um murro; trazia um canhão por bacadarte, e finalmente suspendia o seu possante cavallo agarrando-se á um galho de gamelleira com os pés traçados por baixo da barriga do animal.

Era justamente um melão, que Alice lobri-

gara longe, no meio da folhagem. Lançar fóra as uvas, correr para a fructa e trazel-a; foi movimento tão rapido, que os outros só o perceberam, quando a viram de volta abraçada com o melão.

— Nhandã, para que este melão?

— Para comer, Eufrosina! Que pergunta!

— Eu vou chamar, sinhá; porque só ella póde com nhandã.

Entretanto Alice procurava abrir o melão, batendo contra a ponta de um ramo quebrado.

— Uma menina, Felicia, que não póde tocar em fructa, que não adoça; vae logo comer melão!

Adelia, apezar de sua delicadeza de menina cortezã, não pôde esquivar-se á tentação das bellas fructas. Quando o pagem Martinho lhe trazia alguma goiaba ou figo; ella segurando-a na pontinha dos dedos enluvados, voltava-se para a mucama:

— Fará mal, Felicia?

— Deixe ver, iaiá.

A Felicia tomava então a fructa, que cheirava e abria ao meio comendo uma banda dava a outra a Adelia:

— Póde comer, iaiá! Está muito gostosa.

Naturalmente a Felicia alguma vez, escutando á porta da sala, ouvira dizer que o medico dos soberanos tinha por encargo do officio provar as regias iguarias antes de serem servidas á seu amo. Na sua qualidade de mucama, incumbida de velar sobre a formosura e o bem estar da menina, ella considerava-se obrigada a partilhar com a iaiá, todas as gozozinas.

A respeito dos presentes de festa, o encargo da mucama era ainda mais pesado: ella tinha como dever comer o mais depressa possivel os confeitos e amendoas, para esvasiar as caxinhas, que Adelia destinava ás roupas das bonecas.

— Quer um pedacinho, Adelia? perguntou Alice devorando o melão.

— Não; respondeu a amiguinha com um gesto de espanto.

De repente ouviu-se uma voz gritar do alto:

— Quem quer jambo? Lá vae!

Sorpresos, só então perceberam todos que Mario se havia sumido.

Tendo discorrido um momento pelo pomar,

mirando as fructas e visitando com o olhar os ninhos seus conhecidos; o menino sacudiu o corpo com um movimento semelhante ao do cysne ou outro passaro aquatico, que depois de mergulhar arrufa as pennas para expellir as gotas d'agua.

Então com um geito rapido atirou sobre a relva o chapéo de feltro escuro e o jaleco de brim; deu um salto para agarrar um ramo; e grimpoou pelos galhos das arvores com a ligeireza do macaco.

Depois de muitas evoluções arriscadas pelos mais altos ramos; o menino passara da copa de uma jaqueira para o cimo de um jambeiro, caminhando sobre um galho quasi horisontal, sem procurar o menor apoio com as mãos, que elle estendera para manter o equilibrio.

Advertidas pelo grito, as meninas descobriram o companheiro suspenso nas grimpas do jambeiro, quarenta palmos acima do chão.

— Humh!... Aquelle quando começa, tem que se lhe diga! resmungou o pagem.

Adelia sentiu uma vertigem de ver o menino em tão grande altura. Alice ao contrario bateu palmas áquella travessura, que ella não

poderia fazer, mas applaudia nos outros. Saltando gritosinhos de prazer, começou a pular sobre a relva, apanhando os jambos que Mario atirava.

— Gente! Este mocinho é doudo! murmurou a Felicia.

— Desça, eu lhe peço! disse Adelia, cobrindo os olhos com a mão.

— Quem é que póde com aquelle menino?...

— Nem sua mãe delle!

— Nem o pai, si fosse vivo! Olhe, Felicia, ninguem imagina, não... Você já viu assim um cabritinho, que está amarrado todo o dia e que se solta de tarde... Lá vae. prum, prum, prum, saltando, que ninguem mais lhe põe a mão em cima,.. Pois olhe, é mesmo como o bixinho. Ohi!...

Esta vigorosa interjeição, com que a Eufrosina acabou dramaticamente a sua comparação poetica do cabrito, foi arrancada por uma jaca madura, que esborrachando-se na cabeça, cobrira-lhe toda a cara, pescoço e hombros, de bagos amarellos.

— E' para te adoçar a lingua! disse a voz sarcastica de Mario.

— Ih ! Que marmellada ! gritou o pagem.

O menino ouvira as palavras da mucama, e ali mesmo ao alcance da mão achára a sua vingança.

A figura de Eufrosina, coberta de bagos de jaca, era a mais grotesca possível. Assim Alice não se conteve ; as volatas de sua risada argentina repercutiram pelo pomar, e se casaram ao canto dos passarinhos.

— Ora vejam só ! dizia a mucama, si isto não é mesmo para a gente fazer uma... Depois, ai ! que Eufrosina é má. Deixe estar, Sr. Mario, que chegando em casa, Sinhá D. Francisca hade saber. Oh ! si hade !

Quando a parda fallava, os bagos de jaca escorregando lhe entravam pelos olhos e pela boca, sem contar as moscas, atrahidas pelo mel da fructa ; d'ahi uma serie de caretas, cada qual mais exquisita.

— E' pomada para alisar o pixaim ! gritou Mario.

O riso é contagioso. Ninguem pôde resistir. O Martinho apertava as ilhargas e trinava como um frango :

—Qui-qui-qui! Pomada de jaca!... Qui-qui!...  
Para alisar o pixaim.

Adelia e a collega de Eufrosina, a mucama cortesã, riam-se conforme a moda, com esses ritornellos, que tornam a gargalhada da gente do tom uma especie de peça musical, uma cavatina ou valsa. Ellas tinham imitado essa prenda de D. Luiza, a mãe de Adelia.

Diante da fuzilaria de risadas, a Eufrosina bateu em retirada.

— Desaforo! Vou fazer queixa á Sinhá! Eu sou sua mucama della, sua mucama de estimação ; não é para ser tratada assim. Si não presto mais, então me vendam!... Depois é que hão de ver! Ai, a Eufrosina, aquillo sim, era uma bôa rapariga! Coitada! Aonde andarâ ella?... Ora bem descançada de minha vida! Senhor bom é o que não falta!

Assim resmungando lá se foi a parda, tangida pelas risadas das meninas e pelos assobios estridentes de Mario, com quem o pagem Martinho fazia dúo, embora sentisse já de antemão lhe arderem as orelhas, com os arrepe-lões que a mãe não lhe deixaria de applicar, á pedido da mucama.



Logo que se desvaneceu a lembrança do comico incidente, a Felicia perguntou :

— Então a gente vae indo, ou espera aqui pela Eufrosina.

— Vamos ! exclamou Alice.

— Esperar, qual o que ! acodiou o pagem. Acompanhe você sua iáíá ; eu cá tomo conta de nhanhã D. Alice.

— Mas, observou Adelia, onde é mesmo este passeio ? Ainda fica muito longe ?

— Não ! Muito perto ; é ali, no fim do pomar.

— E' que o sol já está ficando muito quente ! objectou a Felicia.

— Tem sombra muita até lá ! respondeu Martinho.

— Mario, você não vem ? gritou Alice para o menino.

— Caminham com meus pés ?

— Ora assim não tem graça ?...

— Ah !...

Adelia soltou esta exclamação vendo o menino atirar o corpo, suspender-se ao galho pelas mãos, e balançar-se como um fructo ao sapro do vento.

— Jesus ! Que estrepolias !

— Eu lhe peço, Mario ; não faça isto ! Desça !  
disse Adelia supplicante.

O menino começou a cantarolar.

## IV.

### TRAVESSURAS.

O character de Mario tinha aquella singularidade, que frisara perfeitamente a comparação rustica da Eufrosina.

Esse menino frio, de poucas palavras, movimentos graduados, que parecia querer tomar uns ares ridiculos de homem serio ; essa natureza de ordinario inerte ou pelo menos tolhida ; tinha intermittencias incompreensíveis, durante as quaes se operavam as expansões energicas e vigorosas de seu organismo.

Era o gamo, condemnado por muito tempo á immobildade, que uma vez solto, arroja-se por despenhadeiros e precipicios. Nada o de-

tinha então ; arrostava o perigo e vencia o obstaculo com agilidade e impavidez admiraveis. Havia n'esse corpo uma superabundancia de seiva, que precisava desperdiçar, para não ficar soffocado. Depois voltava á sua habitual calma e sisudez.

Embora essas alternativas fossem o effeito de uma idysioncracia moral, filha da natureza e tambem da educação, comtudo Mario já governava seu character ; o que promettia para mais tarde o homem de boa tempera, capaz de grandes commettimentos.

Assim o menino podia conter por muito tempo, como já havia succedido, as expansões de seu organismo ; perseverando, á força de vontade, na sua habitual frieza e desdem, apesar das tentações que o provocavam, e do viço infantil que o impellia.

Mas succedia naturalmente, que depois de uma dessas abstinencias, não havia uma expansão, e sim uma explosão. Era como si o menino tivesse encerrado no corpo um fluido electrico, que procurasse desprender-se por successivas descargas.

Depois de uma gymnastica desesperada sobre

os mais finos galhos das arvores; Mario para rematar esse primeiro acto da sua representação acrobatica, lançou-se da grimpá do jambaí e desceu ás cambalhotas, suspendendo-se ora nas mãos ora nos pés.

Afinal pozeram-se as meninas de novo á caminho.

Adelia conservando ainda uma ligeira palidez do susto que lhe causara a descida de Mario, voltou-se para o menino com uma expressão de gentil severidade, que dava a seu bello rosto de criança muito encanto:

— Quando Alice corria no jardim, você não achou bom.

— Oh! elle sempre acha ruim o que eu faço! accudiu Alice com o seu doce e franco sorriso.

— Vamos; diga!

— Não me lembro; respondeu Mario com indifferença.

— Ora não se lembra; e ha bocadinho quando ella quiz trepar na goiabeira?... Você tambem ralhou com ella; e depois fez muito peor. D'aquella altura pendurou-se em risco de morrer.

— Nada se perdia! disse Mario com desdenho.

— Mas então você não póde fallar de Alice.

— Ella é rica, tem seu pai e sua mãe, que haviam de chorar muito si qualquer cousa lhe acontecesse; ha de ter uma vida feliz. Mas eu!... Um pobresinho, que já não tem pai e vive á custa dos outros, que faz n'este mundo ?

— Mario! disse Alice com exprobração.

— E sua mãe? interrogou Adelia.

— Minha mãe, coitada, pouco tem de viver: bem ouvi o medico dizer. Por ella já tinha ido reunir-se a meu pai no céu; é por mim só, que se resigna a estar ainda separada d'elle. Quando eu me lembro disto... O melhor é não fallar n'estas cousas.

— Vamos conversar sobre o casamento de D. Elisa com o Sr. Oscar, e do baile que ha de haver; sim? Disse Felicia.

— Quando será o casamento? perguntou Adelia sorrindo.

— Amanhã, sem falta.

— Eu tambem sou convidada? perguntou a Felicia.

— Está entendido.

— Hade ser uma festa! exclamou Alice, batendo palmas.

— A noiva é bonita já se sabe; disse a mucama.

— Muito, e tão mimosa!... Como Adelia!

— Como você, Alice, ella tem os olhos azues!

— Não se falla da côr dos olhos, mas da graça e das maneiras. D. Elisa é uma moça da côrte, que anda no rigor da moda; parece que chegou de Pariz. Tão faceira!

— E você não é, Alice?...

— Não tenho de que, Adelia.

— Ande lá, e esse rostinho de anjo? disse a amiguinha cingindo-lhe a cabeça loura com o lindo braço, e beijando-a na face.

Alice corou e retribuiu a caricia.

— Mas gentes, o noivo? Ainda não se disse uma palavra do noivo; que ingratição!

— Bonito moço! E tem talento, como Mario! respondeu Alice.

— Gostaria mais que elle se chamasse Fernando.

— Oh! Adelia, Oscar é um lindo nome.

— Fernando é mais lindo: *O' mio Fernando!* como mamãe canta.

Nesta conversação Mario não tomou a minima parte. Tendo chegado ao fim do pomar, e descoberto um ninho de anum, escondido na

folhagem de um jequiá, operou segunda ascensão em busca dos lindos óvos azues.

Ao descer succedeu-lhe um fracasso; prendeu-se uma ponta de galho seco á manga do jaleco e abriu-a ao meio, pondo-a a moda do tempo de D. João 2.º

— Ahi está em que dão as travessuras ? disse Adelia.

— Não faz mal ; redarguiu o menino enrolando a manga rasgada.

— Si faz ! observou a Felicia. O Sr. ainda agora disse que era pobre : quem é pobre não estraga a roupa assim. Depois mamãi é que tem o trabalho.

— Não é ella que paga ; é o Sr. barão.

— Por isso mesmo ; deve poupar para que elle não faça muita despeza.

Mario sorriu de um modo singular:

— Oh ! elle gosta que eu estrague, para mostrar a sua generosidade !

— E' porque papai estima á você como um filho !.. disse Alice fitando nelle os grandes olhos azues, com uma expressão de terno ressentimento.

— Eu cá sei !



— Ah ! que lindos ! disse Adelia admirando os óvos de anuns.

— Não é verdade, Adelia ?

— O que ?

— Papai não estima a Mario como a um filho ?

— Meu padrinho sempre o diz.

— Está bom, está bom, soltem-me ; disse Mario soffrego.

Esta intimação era feita á Alice que desenrolara a manga rasgada, e procurava arranjal-a com alfinetes.

Nesta occasião chegou ainda açodada, e a todo o panno, a parda Eufrosina. Quando o Martinho viu-lhe a gaforinha despontar ao longe, lançou em torno de si um olhar para estudar o terreno, e tomar posição que facilitasse a retirada honrosa ; porque o pagem sabia por experiencia que em taes circumstancias, a parda servia de batedor ao tio Leandro ou á comadre Vicencia, illustres progenitores do pimpolho.

Desta vez porém se illudira. A Eufrosina vinho só ; chegando junto ao grupo, tomou uma attitude importante, propria do caso, e disse :

— Sinhá mandou dizer que volte tudo para casa e já. Acabou-se o passeio.

Diante da ordem tão peremptoria, ficaram todos passados, até Adelia e sua mucama que embora não mostrassem antes grande entusiasmo pelo passeio ; eram agora excitadas pela contrariedade. Só Mario protestou uma desobediencia positiva :

— Eu heide voltar quando quizer !

— Sinhá D. Francisca está chamando vosmecê.

— Não ouço; disse Mario escarnecendo.

— Ella mandou chamar por mim !

— Não me contes historias !

— Mas, Eufrosina ; mamãi me deu licença para ir ver vóvó preta, que está doente.

— Não sei disso, nhanhã ; eu obedeço ao que me mandam.

— Como foi que mamãi disse ?

A parda titubeou :

— Peta !... gritou Mario. Ella não passou do jardim, e vem com estas invenções para ver si alguém fica com medo !

— E' verdade !..Esta Eufrosina escorrega como que !... observou o pagem.

— Vem, vem te metter, safadinho !

O Martinho recuou deante das cinco unhas que elle tinha a honra de conhecer

— Ih !... Está damnada ! Foi apanhada com a boca na botija !

— Quando chegares á casa has de ver.

— Mentira só !...

— Mas então em que ficamos ? perguntou Adelia.

Alice hesitou :

— Si mamãi mandou !...

— Não mandou nada, nhandã ; acodiu o pagem.

— Fica por minha conta, disse Mario. Vamos; em frente; dobrado, marcha. Rufa tambor.

O Martinho não se fez esperar ; fazendo tambor de um embrulho que trazia embaixo do braço, e vaquetas dos dedos, rompeu a marcha :

— Rú ! -tru ! Rato na casaca, camondongo no chapéo ! Rú ! -trû ! Rato na casaca, camondongo no chapéo.

Mario seguiu commandando a fileira que se compunha das duas meninas e da Felícia. Ao mesmo tempo fazia elle as vezes de pifaro, que imitava perfeitamente com o assobio.

Quanto a Eufrosina, ficou atraz como bagagem pezada. A mucama de estimação da baroneza estava em dia de caiporismo. Depois do grotesco accidente da pomada de jáca ; tudo lhe corria mal.

Tendo partido como uma furia para queixar-se á senhora das artes do nhonhô Mario e desaforos do pagem ; resolvida a obter reparação completa ou a pedir venda; a Eufrosina pela preocupação em que estava, não viu uma pedra no caminho, e deu uma formidavel topada.

Não ha nada para chamar á terra um espirito que paira nas mais altas regiões, como seja uma topada. A Eufrosina sentou-se sem querer, e apertando o dedo com a mão direita absorveu-se nessa dor de unha machucada, que representa na escala da dor o papel do *dó* sostenido do famoso Tamberlick, na solfa musical.

Quando pôde andar, a parda com o pé afogueado, mas por isso mesmo com a cabeça mais calma, reflectiu que no fim de contas o mais prudente era esquecer a aventura. Primeiramente ella comparara o menino a um cabritinho ; e o barão, sabedor do caso não havia de gostar dessa licença poetica. Depois o negocio da jáca era tão

ridicula, que em vez de ralharem com o menino e castigarem o pagem; eram capazes de rir á custa della.

Por estas razões, assentou de retroceder; inventando porém a mentira que sabemos, como um pretexto para voltar e tomar ao mesmo tempo uma desforra. Depois de lavar no tanque proximo a cabeça e o pé; tomou na direcção em que viera.

Sua intenção era, quando as meninas contrariadas pela ordem já viessem de volta, ella triumphante e generosa conceder o perdão; e consentir que continuassem o passeio.

Mas a esperteza de Mario desconcertou-lhe o plano; collocando-a de novo em posição ridicula.

Já se vê pois que a Eufrosina tinha razão de estar massada.

---



## TIA CHICA

O sitio em que estavam agora as crianças era de uma belleza agreste, porém magestosa.

Abria-se ali uma pequena varzea que de um lado o rio cingia como um braço, e do outro a floresta sombreava, como verde pallio cobrindo a linda espadua de uma nympha. Algumas arvores, que se tinham separado da mata, errantes e solitarias, erguiam-se aqui e ali pela varzea.

O sol, derramando torrentes de luz sobre o descampado, dava ao esmalte da relva ondulações de ouro e fazia reverberar as aguas do Parahyba, como borbotões de fogo.

Entre os solitarios da varzea, destacava um

frondoso ipé. Monarcha da floresta, alçando com soberba a regia corôa de esmeralda, parecia preceder a selva, que o rodeava como sua côrte submissa e respeitosa. Não era então o tronco decepado que vi muito depois ; estava em todo vigor, embora se notassé já, na cruz onde se abriam as ramas, uma caverna feita pela carcoma.

No fim da planicie corria uma cadeia de penhascos, que descia verticalmente das altas collinas e submergia-se no leito do rio. O mais saliente desses penhascos sustentava na encosta uma cabana de sapé. De longe e visto de perfil, o rochedo parecia um tropeiro, derreado sobre o pescoço da mula e carregando ás costas sua maca de viagem.

Nas abas dessas collinas de granito, do lado opposto á margem do rio, notava-se a vegetação especial, que revella a existencia das aguas dormentes e profundas. Talvez para os outros os nenuphars e as plantas que vivem á borda dos lagos, não tenham como para mim, uma expressão melancolica e absorta. O mesmo succede com os passaros aquaticos; todos elles são taciturnos e graves.

Essa vaga tristeza é congenita das profundidades. Encontra-se nos abysmos da terra,



assim como nos abysmos da alma. Um espirito concentrado e recondito tem pensamentos e sorrisos que boiam á superficie como essas nimphéas, cobrindo de flores magnificas um pégo de afflicção e martirio.

Tudo indicava que ali nas fraldas do rochedo havia uma lagôa ; mas não se podia chegar ás margens nem vêr as aguas porque um muro de pedra secca, já coberto de musgo e orchidéas, impedia a passagem do lado por onde as fragas do rochedo permittiriam o accesso. Muito zelo tinha daquelle sitio seu proprietario ; pois além do vallo, havia um duplo renque de espinheiros, enleizados de cipós, cujo fim era proteger o muro contra qualquer projecto de escalada, e até esconde-lo á vista.

O improvisado pelotão de Mario entrou galhardamente pela varzea, com rufo de caixa, mas reduzido apenas ao commandante e ao tambor. Adelia, arrependera-se logo da condescendencia, impropria de uma mocinha do tom : a mucama não quiz ficar atrás. Quanto á Alice, a sua natureza de colibri não a deixava sujeitar-se á esses brinquedos estudados. A travessura da linda menina era uma inspiração, um adejo gracioso.

— Alto frente ! Apresentar armas ! gritou Mario.

O Martinho, fino na manobra, transformou-se immediatamente de tambor em soldado de fileira. Levantou verticalmente o braço esquerdo como si fosse cano da espingarda, e estendeu a mão direita na altura da supposta coronha.

— Tarara-ram ! Tarara-ram ! Tarara-ram, tram !...

E ei-los a tocar o hymno nacional com acompanhamento de zabumba e trombone.

O importante personagem, honrado com essa continencia militar, era um preto, que assomara á porta da cabana de palha, trazido naturalmente pelo rufo da caixa e pelo gazeio dos meninos.

Quando elle viu quem se aproximava, voltou-se e disse para dentro :

— Olha, mãi; é nhanhã que vem visitar á você!

— Bemdito sejas, meu menino Jesus! respondeu uma voz doce e arrastada.

Entretanto proseguia a continencia :

— Viva papai Benedicto ! gritou Mario.

— Viva !... berrou o Martinho dando no ar uma cambalhota.

— Viva, o rei do Congo !

— Viva ! responderam todos.

— Obrigado, meu branco, obrigado.

Isto dizia o preto descendo a ladeira, e parando a cada passo para curvar-se, abrindo os braços e beijando as duas mãos em signal de agradecimento.

— Este meu nhonhô quer zombar de seu negro velho !.. Zomba, zomba, não faz mal ! Eu gosto de vêr você contente, contente, rindo com a camaradinha !

E o bom preto expandia-se de jubilo, mostrando duas linhas de dentes alvos como jaspe. Ser motivo de alegria para esse menino que elle adorava, não podia ter maior satisfação a alma rude, mas dedicada do africano.

A' meio da ladeira, encontrou-se pai Benedicto com Mario, que saltou-lhe ao pescoço.

— Assim, meu nhonhô, abraça seu negro. Mais!... dizia Benedicto suspendendo nos braços o menino.

— Eu trouxe uma cousa para você Benedicto ! murmurou-lhe Mario ao ouvido.

— Da cá, nhonhô : exclamou o preto ajoelhando para receber o presente.

— Logo ! disse rapido o menino lançando um olhar desconfiado para as companheiras que se aproximavam.

Benedicto comprehendeu :

— E sinhá D. Francisca, está melhor, meu nhonhô ? perguntou o preto com interesse.

— Ella diz que está ; mas...

O olhar triste do menino acabou a frase.

Alice chegava com Adelia e as mucamas :

— Adeus, papai Benedicto ; como vae vovó ?

— Chocando, chocando, nhanhã ! Emquanto não tirar aquella cafifa do corpo, não fica bôa !

A cafifa da tia era um rheumatismo chronico, mas de accessos periodicos, que a punham de cama e tólhida por muitos dias.

— Eu vim visitar a ella. Mamãi mandou.

— Deus lhe pague, nhanhã. Vae ; ella hade ficar muito contente.

A linguagem dos pretos, como das crianças offerece uma anomalia muito frequente. E' a variação constante da pessoa em que falla o verbo ; passam com estrema facilidade do *elle* ao *tu*. Si corrigissemos essa irregularidade apagaríamos um dos tons mais vivos e originaes dessa frase singella.

Quando as meninas entraram na cabana, Mario que as acompanhara com o olhar, tirou do seio um pequeno embrulho enrolado em um lenço. Dentro havia uma moedinha de prata de cunho antigo que valia uma pataca, e um pequeno registro de S. Benedicto.

O preto recebeu o mimo de joelhos, e como si fosse uma reliquia sagrada. Não é possível pintar a effusão de seu contentamento; nem contar os beijos que deu nas mãos de Mario e nos presentes, ou as ternuras que na sua meia lingua disse ao santo e á moeda.

Cumpre advertir que pai Benedicto não era d'esses pretos, que suspiram pelo vintem de fumo; elle gozava de certa abastancia, devida á seu genio laborioso, e ás franquezas que lhe deixava o senhor. Seu reconhecimento não tinha pois mescla de interesse; era puro gozo de saber-se lembrado e querido pelo menino.

De seu lado Mario gozava tambem d'aquelle prazer que elle causara, e que por uma especie de refração communicava com sua alma. A expressão terna que se derramava agora na sua phisionomia, era muito rara. Para trazer ao preto aquelle insignificante presente elle

fizera o sacrificio de muitas d'essas ambições infantis, que sonham com uma caixa de soldadinhos de chumbo, ou com uma carta de bichas: ambições tão ardentes, porém menos funestas, do que a dos meninos de cabellos brancos pelos soldadinhos de chumbo que se chamam correios de ministros, e pelas bixas que se chamam salvas de artilharia.

Pai Benedicto era um preto alto e robusto. Ordinariamente grave e tristonho, a idade que, já andava pelos sessenta, o natural temperamento, e especialmente sua qualidade de feitiçeiro, o dispunham ao recolhimento e constante preocupação.

Mas havia uma força bastante poderosa para arrancar ao seu natural essa alma robusta; era a affeição de Mario. Nada mais interessante, do que ver o negro atletico dobrar-se ao aceno de um menino; lembrando um d'esses enormes cães da Terra-Nova, que se deixam pacientemente fustigar por uma criança, mas estrangulariam o homem que os irritasse.

Entrando na cabana, Mario achou Alice e Adelia sentadas á cabeceira de tia Chica.

— Benza-a Deus ! Cada vez mais bonita ! dizia a preta. Eufrosina, você tenha muito cuidado com minha nhanhã.

— Bonita, vóvó, e esta carinha ! Não dá vontade de beijar ? disse Alice passando a mão por baixo do rosto de Adelia e atrahindo-o a si para imprimir-lhe os labios.

— Me deixe, Alice !

— E' mesmo um amor de bonita ! Mas minha nhanhã !...

— Ambas são muito bonitas, não é tia Chica ? disse Eufrosina.

— São duas flores ; o lyrio e a rosa, acodiu a espivitada da Felicia.

— E' verdade ; bonitas que não tem mais para onde ! Mas esta mocinha é a afilhada de meu senhor, não é, nhanhã ?

— E' Adelia, é !

— Como está crescida !

— Veio passar estes tempos comnosco, porque o pai tem andado doente.

— Adeus, vóvó ; está melhor ? disse Mario adiantando-se.

— Melhorzinha, nhonhô Mario, parece que Nosso Senhor ainda não me quer.

— Hade ficar bôa logo; eu já reseí a Nossa Senhora! exclamou Alice.

— Reza, reza nhanhã. Deus lhe ha de pagar.

Dizendo isto, a tia Chica descobriu o marido em pé na porta da cabana.

— Olha, calunga; você ainda não viu o presente que nhanhã me trouxe. Como eu vou ficar chibante, hem!

Emquanto Benedicto, examinava gabando o vestido e o chale de lã bem como um adereço de missangas azues, que Alice trouxera para sua vóvó preta; Chica pela terceira ou quarta vez julgou-se obrigada a abraçar a menina e beijá-la com effusão:

— Está com inveja, calunga? disse a preta sorrindo para o marido.

— Tambem eu tive quem se lembrasse de mim; não foi você só.

— Ah! deixa ver!

— Não se mostra.

Mario agradeceu ao preto com um olhar aquella reserva.

— Não é capaz de ser tão rico nem tão bonito como o meu? replicou a tia Chica.

— Mais!...



— Não, Benedicto, você não tem razão. Eu sou pobre; não posso dar presentes ricos, como a filha de um barão!

— Mario, vóvó não quiz dizer isto! Estava brincando!

— Mas, nhonhô Mario... eu...

— Está o que succede, mãe; não era melhor ficar ahi com sua lingua bem socegada: observou Benedicto acompanhando o menino que sahira bruscamente.

Chica ficára atordoada. Sua intenção fôra apenas metter o marido em brios para mostrar o presente que recebera e satisfazer-lhe assim a curiosidade. O effeito imprevisto de suas palavras a sorprendeu dolorosamente.



## VI

### HISTORIA DA CAROCHINHA

As meninas merendaram na cabana.

Embora preza na cama, Chica não se esqueceu de cumprir o dever da hospitalidade.

Tirou d'uma prateleira suspensa ao lado do cama umas latas e cestas, cheias de biscoitos, rosquinhas, beijús e fructas ; o pagem foi buscar a agua fria da rocha ; e a Eufrosina pôz a mesa sobre um banco largo.

Tudo nessa habitação revelava o mais apurado aceio ; a roupa, apesar do grosseiro tecido, cegava de alvura ; a louça, até nos logares desbeçados, era tão limpa que parecia recentemente quebrada.

— Merenda, minha nhanhã, um bocadinho. Estas rosquinhas de gomme foram feitas mesmo para lhe mandar. Mas eu estou aqui amarrada nesta cama pelo rheumatismo e pai Benedicto tem sua obrigação!... O que a gente ha de fazer ?

Durante a merenda, o silencio das vozes tornou mais sensivel um surdo rumor, que desde principio se ouvia na cabana. Parecia o echo subterraneo do fremito das ondas batendo em alguma praia muito remota.

— Que barulho é este? perguntou Adelia applicando o ouvido. Será algum carro que vem da côrte ?

— Ah ! quem dera ! exclamou a Felicia.

Alice abaixou a voz e disse com um tom receioso e triste:

— E' o boqueirão.

— O boqueirão ?...

— Sim ; onde morreu o pai de Mario.

— Cala a boca, nhanhã, não falla nisso. Depois, olha lá ! ponderou a Eufrosina.

— Ah ! já sei ; exclamou Adelia ; é um buraco muito fundo.

— Não ; respondeu Alice. E' um palacio en-

cantado que ha no fundo da lagôa... onde mora a mãi d'agua.

— Como é que você sabe?

— Vóvó é que me contou uma vez.

Alice tornou para junto da preta, a qual se conservara inteiramente estranha á conversa, preocupada ainda com as palavras que haviam agastado a Mario.

— Conta a historia da mãi d'agua, vóvó!

— Ora, nhanhã, eu nem me lembro mais.

— Para Adelia ouvir! Sim, vóvó, sim!

— Já esqueceu! Faz tanto tempo que eu ouvi a minha senhora velha D. Generosa, aquella santa que Deus tem na sua gloria entre seus anjos.

— Era vóvó de mamãi! disse Alice para Adelia.

Faz tanto tempo que eu ouvia ella contar a sinhá, quando era mais pequena que nhanhã. Sinhá não queria dormir, e então sinhá velha sentava-se junto da cama, com a cabeceira tão branca como capucho de algodão, e começava... Deixe ver se me alembro nhanhã. Ah! Foi um dia....

Os restos da merenda foram completamente

abandonados á golodice do Martinho, o qual na sua qualidade de pagem de boa sociedade, sabia que nada apura e afina as ouças como um estomago repleto. Os outros movidos pela curiosidade cercaram o catre de Chica :

— « Foi um dia uma princeza, filha de uma fada muito poderosa, e do rei da Lua, que era o marido da fada.

« Sua mãi tinha feito a ella rainha das aguas, para governar o mar e todos os rios, todos.

— O Parahyba tambem, vóvó ?

— Já se sabe ; todos os rios do mundo.

— E era bonita a princeza ?

— Não se falla. Era uma virgem Maria. Os cabellos verdes, tão verdes, chegavam até os pés e ainda arrastavam; nhanhã não tem visto aquelles fios muito cumpridos, que as vezes andam boiando em cima d'agua; a gente chama limo; são as tranças della.

— Tão bonito! Cabellos verdes, não é? Eu queria ter! disse Alice.

— Mas tia Chica, quando ella nada, não se vê?

— A princeza?... As vezes, quando a agua está dormindo, ella se deita assim debruços para olhar o céu. Tem saudade das irmãs.

— Que são as estrellas? acrescentou Alice.

— E' nãhã!

— Como são os olhos della? perguntou Adelia.

— Aposto que são verdes como os cabellos?

— Verão que são bem pretos!

— Os olhos não tem cor; é assim como uma claridade da lua que está cegando a gente.

— Está bom; ninguem atrapalhe mais! re-commmudou Alice.

— « Pois a mãi d'agua, como era assim tão bonita, foi adorada por muitos principes, que todos queriam casar com ella; mas seu coração já pertencia a um rei, lindo como o sol. Dizem mesmo que era filho d'elle.

« Aqui, sinhá velha contava como houve muitos combates, e como o rei, filho do sol, sahiu sempre vencedor e alcançou a mão da princeza; e depois as festas que se fizeram, que foi uma cousa de abysmar. Mas essas historias de branco, eu não sei não, minha gente; façam de conta que foi assim uma cavalhada, como houve na villa pelo S. João passado.

— Ah! já sei, a mascarada! observou Martinho.

— « Houve muita alegria pelo casamento, luminarias, foguetes. Nunca se tinha visto festa assim; e durou nove dias e nove noites, que ninguem descansou. Ao cabo desse tempo partiu o rei para seu palacio, levando consigo a princeza. E esta dizia ao marido que tres mezes do anno havia de passar com sua mãe, a fada; e o resto do tempo com elle, seu marido. O rei que lhe queria muito, ficou triste; mas era tão bom, que consentiu; porque elle pensava que si ella não fosse boa filha, não seria boa mulher, nem boa mãe. E esse tempo que ella estava ausente passava com a mãe embaixo d'agua, no seu palacio de diamantes.

« Assim viveram muitos annos, tão felizes, que era um contentamento para toda gente; e a rainha deu um filho ao rei, o menino mais bonito que já se viu. O pai o adorava; a mãe morria por elle; e todo o mundo quando olhava para o menino ficava mesmo captivo.

A preta fez uma pausa.

— Não me alembro mais!

— Ora, vóvó! disse Alice queixosa.

— Ah! sim! Chegando o tempo em que a princeza ia visitar sua mãe, quiz levar o principe;



mas o rei lhe pediu tanto e rogou, que ao menos deixasse metade de seu coração e não lhe levasse odo!.. Ella teve pena e deixou o filhinho, sabe Deus com que dor, e depois de recommendar muito e muito ao rei que tivesse cuidado nelle.

« A fada, mãe da princeza, estava encantada. Quer dizer, nhanhã, que o rei das fadas tinha mudado a ella em uma flor; essa flor grande, muito alva, que nasce em cima d'agua.

— Coitada! Porque?

— « Não se sabe. Então a princeza não achando sua mãe della, e pensando que lhe tinha succedido uma desgraça, poz-se a procura-la por toda a parte, perguntando; « Peixinhos do rio, conchinhas do mar, vistes minha mãe, por quem eu choro mais pranto que as aguas em que nadaes?—» Ninguem respondia; até que afinal o rei das fadas teve pena della, e vendo-a tão formosa, perdôou a mãe. Com que alegria ellas se abraçaram; e logo se puzeram ambas á caminho navegando em uma concha de perola e ouro, anciosas de ver, a rainha, seu caro esposo e filho; e a fada, seu lindo neto.

« Tinha se passado muito tempo, para a gente da terra, que para as fadas não ha tempo. O rei

quando viu que a rainha não voltava, ficou desconsolado e triste de sua vida; mas havia na cõrte gente malfaseja que começou a espalhar certas cousas; que a rainha se tinha namorado de um principe do mar, muito bem parecido. Como as cousas más sempre se acreditam, o rei desesperado quiz vingar-se, e casou-se com outra princeza, que estava muito longe da primeira. A madrasta, toda cheia de si, logo mandou o principe, filho da princeza das aguas, para a cosinha, como si fosse um criado.

« Um dia que o principe vinha, todo sujo de carvão, carregando lenha do matto, encontrou com a princeza do mar que chegava: elle não sabia quem era, ainda que ficou abysmado com sua belleza; mas ella logo o reconheceu e abraçou chorando.

« Então soube o que se tinha passado; e sem querer mais ver o ingrato que a tinha esquecido, sumiu-se com o filho de seu coração no fundo do mar. Por sua ordem as aguas começaram a subir, a subir e affogaram o palacio, o rei, a nova rainha, e todos que tinham dito mal della.

« De tempos em tempos ella vem á terra para affogar a gente, e todo o menino que en-

tra no rio, ella agarra para servir de criado ao filho. Tambem de noite, quando alguma criança chora e afflige sua mãe ; ella a carrega para o fundo d'agua. Aqui está, nhanhã ; é o que me alembra.

—Muito bonita historia!

—Mas, vóvó, e o boqueirão?

—Isto não é da historia. Era sinhá velha, que dizia... Como aqui no boqueirão sempre estava succedendo desgraças, ella dizia que a mãe d'agua morava na lagoa; e que assim no lugar onde tem mais sombra ás vezes se vê ella olhando e rindo com tanta graça, Senhor Deus, que a gente tem vontade mesmo de se atirar no fundo para abraçal-a.

—Mas era para metter medo a mamãe que ella dizia? perguntou Alice.

—Era, nhanhã!

—Então esse boqueirão é muito perigoso? observou a Felicia.

—Tanta gente que tem morrido ahi! disse a Eufrosina.

—Olha!... Basta metter a ponta do pé dentro, e elle faz glû!... assim!

O Martinho representou aó vivo o boqueirão;

fazendo a goela o papel de sorvedouro, e bolisando uma banana a victima tragada abysmo.

—Passa fóra! disse a Felicia.

—E não se pode ver de longe? perguntou Adelia.

—Qual! Meu senhor não quer que ninguém vá lá. Como succedeu aquella desgraça ao amigo d'elle tão do peito, o Sr. Figueira, de nhonhô Mario... Coitado tão bom homem Porisso meu senhor logo que tomou conta fazendo mandou tapar tudo que nem se ver mais a lagoa.

—Então ninguem, ninguem, vai lá? perguntou Felicia.

—Só pai Benedicto, que vai rezar por defunto senhor moço d'elle!

Alice que ficára um instante pensativa gueu-se de chofre:

—Vóvó, eu vou ver a minha gallinha tem muitos pintos?

—Qual, nhanhã, a trovoada matou tu. Uma ninhada tão bonita que tirou na resma!

Alice penetrou no interior da cabana.

—E como morreu o pai de Mario? perguntou Adelia.

—Quem sabe, sinhasinha? Foi uma noite... Elle veio ver o pai, que já estava muito doente. Passando por aqui disse a seu pagem d'elle, que esperasse, enquanto vinha fallar uma cousa com pai Benedicto. Tudo isto era aberto. Parece que errou o caminho e foi dar dentro da lagoa.

—Jesus!...

—Quando o pagem acodiu já não se via senão o cavallo que estava labutando. Mas do Sr. Figueira nunca mais se soube: no outro dia procurou-se tudo; só se encontrou o chapéo nas folhas de aguapé!

Pai Benedicto assomou á porta da cabana.

—Mãi, cala sua boca. Você não se emenda ainda não, hem! Olha! Coruja está piando no mato; assim mesmo com dia claro. Não chama mais desgraça, não!

Com effeito uma coruja assustada soltava o lugubre estridulo, que não deixou de impressionar as pessoas reunidas na cabana.

—Que tem fallar nisto, pai Benedicto? acodiu a Felicia.

—Não tem nada, rapariga! murmurou o preto velho, voltando o rosto para esconder uma lagrima que esmagou com as costas da mão.

—Eu não disse que era senhor moço delle?.. murmurou tia Chica á meia voz.

—Ah!...

—Fazem dez annos, e é aquillo mesmo! disse tia Chica apontando para o marido.

—E' porque, disse pai Benedicto com a voz grave e triste; ainda não se passou uma noite só que eu não visse meu senhor em pé olhando para mim com aquelle modo de bondade que elle tinha. Eu ouço elle chamar « Pai Benedicto! Pai Benedicto! » Depois vae seguindo até lá na varzea; mostra o tronco do ipé; e caminha para o boqueirão...

O pai Benedicto calou-se arrependido de ter fallado; e concentrou-se em profundo silencio. Debalde as pessoas presentes o interrogaram; não puderam obter a menor resposta.

---

## VII.

### PAI BENEDICTO.

A palhoça do marido da tia Chica era bem antiga e tinha antes delle pertencido a outro.

Esse primeiro dono foi um negro cambaio, que ali viveu desde tempos remotos, quando a fazenda não passava de uma roça á tôa com um velho casebre e alguma plantação de mandioca e milho.

O aspecto disforme do negro, e o isolamento em que vivia naquelle sitio agreste em meio de asperos rochedos, incutiram no espirito da gente da vizinhança a crença de que o pai Ignacio era feiticeiro. Realmente elle tinha

todos os traços que a surperstição popular costumava attribuir aos bruxos.

Desde então nenhuma catastrophe se deu por aquella redondeza, nenhum transtorno occorreu, que não fosse lançado á conta da mandinga do negro. Si um roceiro cahia do cavallo e quebrava a perna; si alguma dona de casa se queimava no taxo de melado ou no forno a fazer beijú; si dava a peste nas gallinhas ou chochava o grão na espiga do milharal; não tinha que ver; era feitiço; e as vezes se uniam em uma só praga e esconjuro contra o bruxo do inferno que incaffava a todos e a tudo.

Era porem especialmente ao boqueirão que, segundo as beatas do lugar, presidia o pai Ignacio; collocado pelo inimigo de proposito naquelle sitio para enganar os viajantes e atiral-os no remoinho. Cada alma que o feiticeiro assim entregava em peccado mortal e sem confissão ao inferno; eram mais dez annos de vida que o diabo lhe deixava; por isso já andava elle seguramente pelos cento e vinte, sinão mais; pois a parteira que passava por ser pessoa mais velha do lugar, o tinha visto em



pequena já assim como elle estava de cabeça russa.

Quem não se achasse em estado de graça, bem confessado e commungado, não devia pois arriscar-se nas proximidades do boqueirão; porque com certeza lá ficava em baixo d'agua por uma vez. Não havia santo, nem oração, que o salvasse das manhas do bruxo, fino como um azougue, e capaz de enganar ao proprio diabo, seu mestre delle.

Ou porque o feiticeiro não achasse mais alma penada para á custa della ganhar um suplemento de vida, ou porque se aborrecesse deste mundo; o caso é que um dia desapareceu e ninguem mais soube novas delle.

Já então havia a roça, desde annos, passado para outro dono, que fez della uma bonita fazenda.

Esse novo proprietario, que era Figueira o avô de Mario trouxera varios escravos e entre elles um molecote de nome Benedicto, collaço e pagem do filho José. Pelo tempo adiante o mancebo casou-se e retirou-se da fazenda agastado com o pai; Benedicto que já tinha mais de quarenta annos, era captivo ; não pôde acom-

panhar o senhor moço, como lhe pedia o coração.

A casa onde vivera feliz tornou-se para elle insupportavel ; começou a ausentar-se da senzala para onde o tinham mandado, e a faltar ao trabalho. Succedendo ficar sem dono a cabana do rochedo, pediu ao senhor que o deixasse morar ali ; no que não houve difficuldade.

Com a palhoça, Benedicto herdou a reputação de feiticeiro do pai Ignacio ; sobretudo depois que novos desastres se deram no boqueirão. Embora não tivesse o novo habitante a fealdade carecterisca da profissão, a gente do logar estava tão acostumada a contar com um mandingueiro para explicar as desgraças e revezes ; que não podia dispensar esse personagem importante de suas historias da carocha.

E pois, como Benedicto era um bonito negro, de elevada estatura e phisionomia agradável; as beatas inventaram outro Benedicto á sua feição. A dar-se credito á palrice das taes velhas, aquelle preto bem apessoado em sendo meia noite virava anão com uma cabeça enorme, os pés zambros, uma corcunda nas costas, vesgo de um olho e torto do pescoço.

Era o pacto que tinha feito com *seu mestre* ; de não parecer de dia qual era á noite.

Segundo outros, esse Benedicto não era outro, senão o mesmo pai Ignacio, ou para melhor dizer um rebutalho do inferno que tomara figura de negro para tentar a gente cá na terra. Embora objectassem alguns que antes do preto, velho desaparecer, já o outro existia na fazenda, onde fôra visto ainda molecote ; acodiam as comadres que o inimigo sabia fazer as cousas ; sumira o pagem antes de tomalhe a figura. A prova era que Benedicto, sempre tido como bom captivo, dera ultimamente em ruim e até fujão.

Em face de razões tão peremptorias, ficou o Benedicto tido e havido por feiticeiro. Todos se temiam delle ; mas não faltava tambem quem recorresse a seu poder sobrenatural para cura de certas enfermidades, para descobrimento de cousas perdidas, e realisação de occultos desejos.

Por mais que se excusasse, força lhe foi recorrer ao arsenal de bruxarias deixado pelo pai Ignacio, e satisfazer aos rogos dos parceiros. Algumas cousas que disse, aconteceu sa-

hirem certas, e tanto bastou para augmentar a fé na sua mandiga.

Pai Benedito porém era um feiticeiro de bom coração. Em vez de usar de seu poder para soprar intrigas e desavenças, ao contrario servia de conciliador em todas as brigas que se davam entre os pretos da fazenda; aconselhava os parceiros nos casos de aperto por alguma falta; e apadrinhava o fujão perante o antigo senhor que o tinha em grande estima e muitas vezes o ia visitar na sua cabana. Quanto ao novo, não o tratava com a mesma amisade; mas rara vez lhe recusava o que pedia.

Esse ultimo dono da fazenda trouxera tia Chica, ama que fôra da mulher. Benedicto agradeu-se della; e casaram-se.

Desde então viviam os dous na palhoça muito satisfeitos um do outro. Tia Chica depressa conformou-se ás feitiçarias do marido; assim como pai Benedicto se acostumou ao rheumatismo da mulher. As unicas rezingas que havia entre elles eram á proposito de Mario e Alice.

Ambos se desvaneciam de serem um tanto

ascendentes de seus predilectos. Benedicto como fôra pagem grande do pai de Mario em criança, considerava-se até certo ponto avô do menino. Da mesma fórma tia Chica que tinha criado a mãe de Alice, olhava para esta como si fosse em parte sua netinha.

Cada um exaltava o seu idolo, com enthusiasmo ardente e exclusivo; d'ahi nasciam as zangas e as brigas; porque nenhum queria admittir que houvesse quem se podesse comparar, quanto mais exceder, ao objecto de suas candongas.

Tinham decorrido alguns instantes depois das palavras proferidas por Benedicto á respeito de seu fallecido senhor moço. Ninguem se animava a quebrar o silencio que deixara a voz grave e triste do preto, quando Eufrosina lembrou-se que era tempo de voltar á *casa grande* e exclamou percorrendo o aposento com um olhar inquieto :

— Gentes ! Quéde nhanhã Alice ?

— Está vendo as gallinhas ; respondeu tranquillamente Chica.

— Ha tanto tempo !

— Nhanhã !... Nhanhã Alice !... gritou Eufrosina para o interior.

Alice não respondeu :

— Entra, Eufrosina ! disse Chica vendo que a mucama hesitava.

A cabana tinha além do primeiro repartimento mais tres divisões, a ultima das quaes abria para um terreiro fechado entre paredes de rocha viva. De um lado havia uns degrãos que iam ter á margem do rio; do lado opposto via-se uma fenda que dava passagem para a lagôa, e parecia antes uma grota do que uma sahida.

No fundo uma cerca de varas formava um pequeno gallinheiro, bem provido ; o que depunha á favor dos talentos caseiros de tia Chica.

Em curto momento percorreu a Eufrosina o terreiro, e o resto da cabana, chamando pela menina. Voltou assustada ao ultimo ponto :

— Não está no terreiro !

— Hade estar ahi dentro mesmo.

— Corri tudo.

— Mas si ella não sahiu ainda ?

— Querem ver que nhanhã se escondeu para metter susto á gente ! observou o Martinho.

— Nhanhã Alice! Eu não gosto destas graças! dizia a Eufrosina procurando.

Pai Benedicto sentado á um canto com a fronte

apoiada sobre os joelhos na posição de um idolo africano, e absorvido em profunda cogitação, conservara-se inteiramente alheio ao que passava na cabana. Mas afinal a agitação produzida pela ausencia incomprehensivel de Alice, chamou-lhe a attenção.

— O que é ?

— Nanhã Alice que não apparece.

— Foi lá no terreiro ver a gallinha della, e agora ninguem sabe onde está; disse a Chica tremula de inquietação, mas fazendo um esforço para erguer-se da cama.

— Lá no terreiro ?... perguntou o preto velho com a voz lenta e surda.

— Sim !

O talhe elevado do negro foi se desdobrando vagarosamente, até erigir toda estatura. Seus labios murmuravam palavras entrecortadas, impossiveis de entender. Resava ou fazia uma imprecação á algum espirito invisivel.

Nesse momento derramou-se na cabana um som que podia ser gemido, ou talvez exclamação de surpresa a que o echo tivesse repassado de certa modulação plangente.

Chica já de pé e apoiada á um bordão para ir

ella mesma procurar sua querida nhanhã, cahiu como fulminada sobre o leito. Os outros ficaram atados pelo terror, incapazes de uma resolução.

Só Benedicto arrojou-se com impeto ao terreiro da cabana.



## VIII

### A MÃI D'AGUA.

Descendo-se da cabana pela vereda tortuosa que serpejava entre as pedras, dava-se em um pequeno lago, alimentado pelas aguas do rio.

As margens cobertas de plantas aquaticas eram cingidas pelos alcantis do rochedo, que derramavam sobre as aguas profundas uma sombra espessa. A' superficie do lago lastravam as nimphéas abrindo os brilhantes calices brancos, azues e es-carlates.

O halito da brisa frisava, achamallotando, o azul das aguas, que pareciam ter como as vagas do mar um fluxo e refluxo, porém muito mais brando. Junto ao rochedo onde estava a cabana,

em um seio que formava o lago, a agua parecia adormecida e completamente immovel. Ahi o sopro da aragem nem embaciava o espelho sempre liso e brilhante; apenas, a não ser, illusão da vista, percebia-se uma leve ondulação concentrica.

A extrema velocidade desse movimento espherico era justamente o que produzia a illusão. Quem não observasse o phenomeno com bastante attenção, affirmaria sem duvida que ali era, não o eixo do turbilhão, mas o remanso das aguas, o seu regaço, onde vinham adormecer as ondinhas da margem.

A's vezes a face do lago se arrendondava suavemente, e abria uma covinha mimosa, semelhante á que forma o sorriso no rosto de uma moça bonita. Misero de quem, descuidoso, prendesse os olhos ás caricias que borbulhavam ali.

A onda, que, Shakspeare comparou á mulher na constante volubildade, ainda se parecia com ella na voragem daquelle sorriso. Si na borbulha d'agua se aninhava a morte como um aljofar gracioso, que estava namorando os olhos; tambem assim a alma do homem se embebendo na covinha de uma face

gentil, é submergida pelo abysmo infindo, onde o tragam as decepções crueis.

De um lado da bacia notava-se uma grande pedra quadrada em forma de lage com uma borda levantada á guisa de parapeito, e uma saliencia encostada ao rochedo, figurando um divan. Era obra da natureza, mas aperfeçoada outrora pela arte que talvez aproveitasse o logar para ponto de recreio.

A essa pedra chamavam na fazenda, a *Lapa*. Ella ficava exactamente na base do mais alto e mais aspero dos rochedos, o qual prolongava sobre o lago uma ponta abrupta semelhante á uma crista. Esse docel de granito, com suas franjas verdes de parasitas e orchidéas tornava ainda mais umbroso o rebojo do lago, que só naquellas horas da sesta, recebia directamente alguns raios do sol.

Ahi na *Lapa* ia dar a vereda tortuosa que descia do terreiro da cabana; e continuava enredando-se nas moitas que vestiam as margens da lagôa. Na direcção da varzea podiam-se ver ainda os vestigios de algumas pilastras de alvenaria que denotavam ter ali existido em outro tempo alguma construcção ligeira.

Tal era o sitio que uma tradiçãõ de familia cercava de tão supersticioso terror. Seu aspecto embora ressumbrasse doce melancolia, era tão sereno e placido que estava bem longe de justificar a má reputaçãõ.

Desde muito tempo Alice, curiosa como toda a criançã, desejava ardentemente ver esse logar que parecia-lhe prender-se estreitamente á existencia de sua familia; pois embora de ordinario se evitasse fallar do *Boqueirão*; o facto é que estava sua lembrança viva sempre no espirito das pessoas que a rodeavam.

Por diversas vezes, vindo á casa de sua vóvó preta, a menina cogitara meios de esquivar-se furtivamente e satisfazer sua curiosidade. Ella indusira de certas palavras ouvidas casualmente, que da cabana havia uma passagem, por onde Benedicto descia a lagõa para « banzar sobre a morte de seu senhor moço. » Assim dizia a Chica. Anteriormente, brincando no terreiro de sua vóvó preta, a menina tinha reparado na abertura da rocha.

Naquelle dia pareceu-lhe favoravel o ensejo. A tia Chica estava presa á cama e não podia como costumava seguil-a por toda a parte; Bene-

dicto sahira com Mario e finalmente a presença de Adelia e de sua mucama Felicia distrahiam a attenção das outras pessoas.

Si perdesse essa occasião nunca mais alcançaria o que tanto desejava.

Obter a realisação desse desejo da condescendencia das que a acompanhavam, era cousa em que nem pensava. Conhecia as ordens severas de seu pai : e sabia como eram respeitadas e obedecidas.

A historia da *mãe d'agua* ainda mais exaltou a imaginação infantil de Alice. Desappareceram as hesitações ; sob pretexto de ver sua gallinha, ganhou o terreiro, e desceu pela vereda tortuosa até a *Lapa*.

O receio de que a sorprendessem e o respeito supersticioso que lhe infundia aquelle sitio faziam palpitar com força o lindo seio, desmaiando e accendendo alternativamente as duas rosas da face.

Aproximando-se subtilmente da *Lapa* a menina se debruçou no parapeito de pedra, para ver a lagôa, porém especialmente a *mãe d'agua*. Seus olhos, depois de vagarem algum tempo pelas margens da bacia, fitaram-se com do-

brada attenção no tanque formado pelo rochedo.

A principio ella só viu o espelho chrystallino, onde sua imagem se reflectia, como o rosto diaphano de alguma naiade. Pouco depois teve um ligeiro sobresalto e estendendo o collo, murmurou sorrindo :

— Lá está !

Com effeito distinguia-se no fundo do lago, mas vagamente, o busto gracioso de uma moça, com longos cabellos annellados que lhe cahiam pelas espaduas. A ondulação das aguas não deixava bem distinguir os contornos, e produzia na vista uma oscillação continua.

Seria a sua propria imagem que mudara de logar com seu movimento ? Alem de apparecer o busto de mulher muito distante, tinha a cabeça voltada em sentido opposto.

Alice quedou-se, com os olhos fixos e immoveis para não perder o menor movimento da fada. As vezes sentia uma vacillação rapida na fronte; mas era uma impressão fugitiva; passava logo.

Pouco á pouco a figura da *mãe d'agua*, de sombra que era foi se debuxando á seus olhos. Era moça de formosura arrebatadora ; tinha os cabel-

los verdes ; os olhos celestes, e um sorriso que enchia a alma de contentamento ; um sorriso que dava á menina vontade de comel-o de beijos.

• Alice viu a moça acenar-lhe docemente com a frente, como si a chamasse. A principio não quiz acreditar ; tomou por uma illusão, mas tantas vezes o movimento se repetiu ; tantas vezes a moça lhe accenou graciosamente com a cabeça que não pode mais duvidar.

A *mãe d'agua* a chamava ; e ella teve desejos de atirar-se em seus braços. Mas a fada estava no fundo do lago ; sua mãe pôdia chorar ; as outras pessoas sabendo ficariam com medo. Ella não, não tinha medo. A moça lhe sorria com tanta doçura e bondade !...

Em vez de querer-lhe mal, havia de fazer-lhe tantos carinhos, contar-lhe cousas muito bonitas do reino das fadas e dar-lhe talvez algum condão, que a protegesse ; que obrigasse Mario a lhe querer bem, e a não ser máo para ella.

Nesse momento chegou-lhe trazido pela brisa o echo das vozes que a chamavam. Pareceu-lhe que a puxavam docemente e ião arrancal-a ao eu-

canto daquella miragem. Mas resistiu apoiando fortemente os braços sobre a pedra.

Não ouvia mais nada, nem se apercebia do lugar em que estava. O lago, o rochedo, as plantas, tudo desaparecera, ou antes se transformara em um palacio resplandecente de pedrarias. No centro elevava-se um throno que tinha a forma de um nenuphar do lago; mas era de nacar e ouro. Ahi sentada em cochins de seda, a moça abria os braços para apertal-a ao seio.

A menina teve um estremecimento de prazer. Hesitou comtudo por um melindre de pejo; mas o vulto de Mario perpassou nos longes d'aquella miragem arrebatadora; e a moça do lago outra vez sorrio-lhe, atravez d'aquella imagem querida. Então, Alice, attrahida pelo encanto, foi se embeber n'aquelle sorriso como uma folha de rosa banhando-se no calice do lirio que a noite enchera de orvalho.

Ouvio-se um soluço da onda, e um ai sentido. O soluço expirou ali mesmo, sopitado pela voragem que se abriera. O gemido repercutido pelas fragas foi derramar a afflicção na cabana.

Na desgraça que acabava de succeder nada



havia de sobrenatural. A menina fôra victima da attracção que exerce o abysmo sobre o espirito humano.

¶ Aquelle seio profundo, que parecia o remanso do lago, era ao contrario o vortice de um profundo remoinho das aguas, que se engolphando por algum abysmo cavado na rocha, giravam sobre si mesmas com uma velocidade espantosa.

A abobada da caverna onde as aguas se precipitavam era naturalmente o cimo do penhasco onde estava a cabana, porque só nesse ponto se escutava bem o surdo fragor da cata-dupa. A' margem do lago muitas vezes nada se ouvia, e outras distinguia-se apenas um ligeiro susurro, como o da brisa ramalhando entre as folhas dos pinheiros.

Alice, debruçada sobre o parapeito de pedra, não percebera que fronteira a ella havia na rocha uma face concava coberta de crystallizações que espelhavam o seu busto gracioso, do qual só a parte superior se reflectia directamente nas aguas.

Esse busto refrangido pela rocha, e reproduzido pela tona do lago, apresentou aos olhos de Alice, a sombra ainda vaga da mãe d'agua.

Depois quando uma restea de sol esfrolou-se em espuma de luz sobre a fronte limpida da menina; e um raio mais vivo scintillando nas largas folhas humidas da taioba, lançou as reverberações da esmeralda sobre os louros cabellos; o busto se debuxou e coloriu.

Tudo o mais foi effeito da vertigem causada pela fascinação. O torvellinho das aguas produz na vista uma trepidação que immediatamente se communica ao cerebro. O espirito se allucina, e sente a irresistivel attracção que o arrasta fatalmente. E' o magnetismo do abysmo; o iman do infinito que attrahe a creatura, como o polo da alma humana.

Si Alice não tivesse uma natureza forte e vivace; si a vida no campo, ao ar livre, não lhe dessem firmeza ao character e seiva ao coração; houvera sem duvida cedido ao primeiro atordoamento, e recuaria a tempo de evitar a catastrophe.

Chegando ao terreiro, Benedicto galgou de um salto a escarpa da rocha que se levantava do lado da lagôa. Abaixando os olhos para o remoinho não viu mais do que uma facha azul que scintillou á seus olhos como

um relampago e sumiu-se. Era o vestido de Alice.

— Ah !...

O peito largo do africano respirou profundamente, como si lhe houvessem tirado de cima um rochedo.

A onda, que abrira a fauce enorme para tragar sua victima, fechou-a de novo, e alisou-se placida e fria como a lapida de um tumulo.



## IX

### CASTIGO.

Mario deixando bruscamente a cabana des-cera á varzea, e caminhando a tôa chegara ao tronco do ipê.

Parado ahi, começou a olhar para as cruces pretas, que já então existiam. Não se sabia ao certo quem ahi pozera aquellas cruces, embora as suspeitas recahissem sobre pai Benédicto.

Dava-se porém a circumstancia de serem alguns desses toscos monumentos funebres consagrados á cinzas desconhecidas, de data muito remota ; quando talvez o preto velho, habitante da cabana, ainda não tinha deixado os areaes de sua patria africana.

Havia á este respeito uma tradição. Dizia-se que em succedendo uma desgraça no boqueirão, logo apparecia mais uma cruz á sombra do ipê, indicando a sepultura do infeliz tragado pela voragem.

Ora o mysterio tornava-se ainda mais profundo com o facto muitas vezes verificado do deapparecimento da victima arrebatada pelo remoinho. Alem de outros casos citava-se especialmente o do pai de Mario, em que todos os esforços empregados durante muitos dias foram inuteis. Tudo sumira-se ; o homem e o cavallo; o ventre do abysmo devorou tudo ; só escapou o chapéo, que o vento ou o acaso atirara sobre as largas folhas das plantas aquaticas.

Como pois o mysterioso coveiro achava o cadaver das victimas para dar-lhes sepultura ao pé do tronco ?

Houve quem duvidasse que as cruzes indicassem o jazigo real das pessoas affogadas na lagôa. Na opinião desses o tronco do ipê era apenas como um negrologio rustico e simbolico das successivas catastrophes succedidas no boqueirão. Semelhante duvida estimulou alguns mais ani-

mosos a verificarem o facto; mas a tentativa abortou.

A's primeiras escavações, uma voz terrivel gelou-as de pavor. Entretanto essa voz não pronunciara mais do que uma palavra :

— Espera !

Nessa palavra porém havia uma ameaça espantosa, fulminada pelo céu, ou vomitada pelo inferno. Apos a palavra, a mente horrosada viu surgir uma legião de phantasmas. Fugiram todos assombrados ante a visão medonha.

Contentaram-se pois com os indicios, tirados da circumstacia de ser o ipê visitado pelos urubús sempre que uma nova cruz apparecia fincada na sombra da arvore.

Mario conhecia esta tradicção, que avivou-se em seu espirito, e o preocupou durante o tempo que esteve á olhar para os funebres emblemas. Ahi nessa posição, pensativo, com a fronte vergada, foi Benedicto encontrar o estranho menino, cuja intelligencia precoce parecia desenvolver-se ao influxo de um soffrimento intimo :

! — Quem sabe si eu tambem não hei de ter

a minha cruz aqui ? disse elle com um sorriso indefinivel.

— Nhonhô !...

— Ali, perto daquella !...

O menino apontou para uma cruz, que se distinguia das outras por uma circumstancia quasi imperceptivel : era uma serie de pequenos talhos de faca dados na base, em uma das quinas. Contavam-se onze, sendo o superior muito recente, talvez daquella manhã.

Mario acreditando na tradicção, suspeitava que esse era o jasigo de seu pai. Benedicto por elle interrogado esquivava-se, affirmando que nada se podia saber á tal respeito ; porém o menino, embora se calasse para não affligir o velho, perseverava em suas suspeitas com a firmeza e tenacidade proprias de seu character.

Elle tinha por diversas vezes sorprendido o olhar triste que o escravo fitava naquella cruz ; e notando que fronteiro a ella o chão estava mais solido e batido, attribuia isso aos joelhos de Benedicto, resando á miude pela alma do antigo senhor moço.

Vendo o gesto do menino que apontava naquella direcção, logo depois de palavras tão



sinistras, o velho africano sentiu a alma dilacerar-se.

— Não falla assim, meu nhonhô ! Você não tem pena de seu negro velho ?

O menino parecia concentrado :

— Foi hoje : não foi Benedicto ?

— Foi meu nhonhô; mas não se lembre disto agora, venha brincar com as camaradinhas.

— Não : deixa-me.

O menino permaneceu immovel diante da cruz; e o preto velho, encostado ao tronco do ipê cobria-o com um olhar de compassiva ternura, repassado comtudo de respeito. Naquelle momento dessas duas almas a viril era da criança; a infantil era a do velho.

— As vezes tenho vontade de ir ter com meu pai, para que elle me explique... o que eu não posso entender. Uma cousa, que eu penso, mas talvez não seja !... E' isto que me faz máo para os outros !

— Aquella mãe ! murmurou o preto. Podia estar com sua boca bem fechada. Ninguem perguntou a ella si sua nhanhã era rica e meu nhonhô pobre ! Deixe estar que eu ainda hei de vel-o muito, muito rico !

— Que importa ser pobre ! Os pobres são as vezes mais felizes com seu trabalho do que os ricos com seu dinheiro.

— Eu sei que nhonhô não se importa ; mas também quando a gente pensa que esta fazenda do Boqueirão e toda a riqueza de meu defuncto senhor, que devia pertencer á nhonhô Mario, de repente passou para os outros, quando a gente menos cuidava!... E tudo por que meu defuncto senhor em velho deu para jogar, jogar...

— E foi por isso, Benedicto ? Foi porque meu avô jogou ?

Fazendo essa pergunta o menino fitou no rosto de Benedicto um olhar ardente, que fascinou a pupila do negro, obrigando-o a abaixar as palpebras.

—E' o que todo o mundo diz, nhonhô !

—Bem sei. Mas pensas tu que também isso me afflige de não possuir a riqueza que foi de meu avô e devia ser de meu pai? Este mundo é assim mesmo, Benedicto ; uns ganham, outros perdem. Quem sabe si eu ainda não hei de ser rico, apezar de nascer pobre.

— Hade, nhonhô, hade ; eu tenho uma cousa que me diz aqui dentro no coração !

— O que me desespera é viver á custa dos outros. Ninguem sabe o que a gente soffre; então mamã, coitada! não se queixa, mas chora ás escondidas, que eu bem sei.

— Ah! minha sinhá moça! exclamou o negro velho deixando pender a cabeça no peito e descachando os braços ao longo do corpo, enquanto as lagrimas saltavam-lhe em bagas.

— Mas isto não é nada, Benedicto. Quando eu penso que essa riqueza era mesmo de meu pai, e si elle não morresse, minha mãe não havia de viver de esmolas, aqui onde devia ser senhora...

O negro sentiu uma vibração íntima, e seu grande talhe estremeceu como a lamina de uma espada, segura pela ponta. Recobrando-se porem dessa emoção, que escapou ao menino possuido de seus proprios sentimentos, acodiu com a voz calma :

— Nhonhô se engana. Eu estava sempre na casa grande e vi como foi tudo.

— Está bom! disse Mario, affastando-se contrariado.

— Onde vae?

— Brincar sózinho!

Uma suspeita laborava no espirito desse menino, que alterava o seu genio, e enrijando a tempera de seu character, ao mesmo tempo repassava de fel sua alma. Elle acabava de manifestar seu intimo ao preto velho, unica pessoa com quem se abria; porque para a propria mãe se mostrava reservado, receiando affligil-a e agravar sua molestia.

Dissuadido pelo negro de uma maneira tão positiva, parece que devia aplacar-se aquella turbacão de seu espirito. A pobreza de sua mãe e d'elle era o resultado de uma causa conhecida, inteiramente alheia á morte de seu pai, o fallecido Figueira. Podiam, portanto, sem repugnancia aceitar a generosidade de seu protector.

Mas havia dentro d'elle uma força irresistivel, que repellia a denegacão do preto e lhe embutia no coração cada vez mais profunda a suspeita, que elle quizera arrancar. Quem não sabe o vigor desses preconceitos, sobretudo nos caracteres reconcentrados? Nesses espiritos uma duvida é a gôta acre que uma vez cahindo sobre a lamina de aço polido, primeiro embota-lhe o brilho, depois forma a leve mancha

de ferrugem, que lastrando corroe todo o metal.

Mario affastou-se rapidamente. O preto acompanhou-o de longe com os olhos até desaparecer atraz de uma escarpa do rochedo, na margem do rio. Então seguiu para a cabana onde o vimos entrar pouco antes e interromper tia Chica. Cheio como ia das recordações tristes daquelle dia e daquelle lugar, deixou escapar algumas palavras de que se arrependeu.

Arrancado á suas scismas pelo gemido angustiado que repercutira na cabana, o velho africano quando se arremessou para o terreiro, ia póde-se dizer, estringido por uma só idéa horrivel, que esmagava-lhe o cerebro e lhe estrangulava o seio.

As palavras a pouco proferidas por Mario com os olhos fitos na cruz que indicava o jazigo de seu pai, retiniam no cerebro do africano como o estalo da rocha si batesse no seu rijo craneo.

Aquella lembrança do menino fallando de ter tambem ali sua cruz, e sobretudo o tom profundo com que exprimira o desejo de reunir-se a seu pai; tudo isto e a tristeza de

Mario quando o deixára, passou pelo espirito revoltado do africano, de relance, mas como uma visão horrível, no fundo da qual elle via ou antes revia..

O que?

O medonho abysmo que outrora aos raios de uma lua de inverno, abrira a immensa cratera para devorar em um apice, aquillo que mais amava neste mundo.

Quando, pois, ao primeiro olhar lançado sobre o remoinho elle conheceu que não era Mario a victima, sahiu-lhe sem querer do seio aquelle amplo e longo respiro.

Mas logo cahiu em si. Seus olhos se ergueram do abysmo ao céu, e ahi se engolfaram cheios de uma expressão indefinivel. Que passava nessa alma para assim transfigurar o rosto grosseiro do escravo? Era dôr, era espanto, era uncção; ou tudo isso reunido?

Quem o póde saber?

A grande estatura do negro, de pé sobre o rochedo, illuminada em cheio pelo sol, e moldurada pela natureza agreste que o rodeava, era digna de um cinzel.

— Castigo do céu!.. balbuciavam surdamente seus labios.

Tudo isto foi rapido como o pensamento; não durou o espaço de um minuto. Mal a palavra expirava nos labios de Benedicto, que uma voz subita e vibrante estrugiu nos ares: — Meu pai!..

Na posição em que se achava, Benedicto dava as costas á christa do alto rochedo, que lhe ficava sobranceira de muitos pés. Voltando-se immediatamente ao som da voz, não viu sinão surgir um vulto, volver sobre si mesmo, e despenhar-se do alto.

Era Mario. O menino acabava de precipitar-se no vortice mesmo do remoinho; e desaparecera submergido pela onda, que seu corpo velozmente impellido pelo arremesso retalhara apesar da correnteza.

A alta estatura do africano rodou como uma arvore enovelada pelo tufão, e desabou em terra. Seu corpo foi rolando pesadamente pela encosta, até que as moitas de espinheiros bravos o retiveram suspenso sobre a voragem.

Além repercutia surdamente o estrepito de um cavallo a galope.

---





## X

### DOIS AMIGOS

No anno de 1850, a fazenda de Nossa Senhora do Boqueirão pertencia ao Barão da Espera.

O modo porque o barão tinha adquirido essa propriedade, e especialmente a rapidez com que enriquecêra, sorprehenderam as pessoas do lugar, sobretudo aos fazendeiros que o conheciam desde a infancia.

Joaquim de Freitas era filho de um simples administrador de fazenda ; na idade de treze annos ficára orphão e em extrema pobreza. Seu pai o tinha posto em um collegio de Vassouras, onde ia desenvolvendo o talento natural, e adquirindo instrucção notavel para seus annos.

No collegio muito se affeioára por elle outro menino, filho do commendador Figueira, o mais rico fazendeiro daquella redondeza, então proprietario do *Boqueirão*.

Esse fazendeiro respeitavel, sabedor do desamparo em que ficára o menino e da amisade que lhe tinha o seu José, tornou-se protector do orphão : e a sua custa o manteve no collegio até a idade de desoito annos.

José Figueira era mais velho do que Joaquim de Freitas, cerca de tres annos. Tinham genios oppostos, o que de algum modo concorria para liga-los ainda mais estreitamente. O primeiro communicava a seu amigo certa paciencia e serenidade de animo, que deviam fortalece-lo contra as decepções e contrariedades ; o outro ambicioso, ardente e ousado infundia na natureza placida de seu amigo o calor necessario para reanima-la.

Com a protecção do commendador e do filho, pôde Freitas ajuntar modica somma, que lhe serviu para estabelecer na villa uma pequena casa de negocio, dirigida por um moço portuguez. Quanto á elle, a amisade de José Figueira o retinha na fazenda, ou em passeios pela visinhança

e pela côrte ; occupação esta mais conforme á sua indole.

Figueira casou-se aos vinte e seis annos. Por isso não esfriou a affeição dos dois camaradas de collegio : ainda que o amor reclamasse uma parte do tempo antes exclusivamente consagrado á amisade.

De seu lado Freitas pensou tambem no casamento ; mas para elle, moço pobre, o casamento era toda a esperanza, todo o futuro ; era a riqueza tão ardentemente ambicionada. Assim teve o cuidado de pôr em dieta o coração, fiando sua sorte unicamente de um porte elegante e de um rosto distincto que realçavam olhos muito expressivos e bastos aneis do fino cabello preto.

Elle tinha noticia de todas as filhas de opulentos fazendeiros, que havia nos municipios do sul ; e esperando que uma circumstancia feliz preparasse a realisação do sonho dourado, de sua parte não perdia occasião de adorar o idolo, *moça rica*, sob qualquer forma que se revellava á seus olhos.

Loura, castanha, ou morena, rosada, alva ou pallida ; alta, baixa ou mediana ; bonita,

feia, ou sympathica ; espirituosa, parva ou apenas ignorante; não se dava ao trabalho de escolher. Rendia culto a qualquer dessas encarnações do dote.

Mas o coração é um importuno que apparece quasi sempre onde não o chamam. O Freitas viu em uma festa, D. Julia, filha de uma viuva pobre e ficou ali mesmo captivo de sua formosura. Debalde lutou para arrancar esse amor funesto, que vinha derrocar todos os seus castellos, justamente quando elles pareciam prestes á se realisarem. Foi vencido e subjugado pela paixão, que o atirou como um escravo aos pés da moça.

Por esse tempo occorreu um acontecimento, que devia exercer sobre o amigo e protetor do moço uma influencia bem funesta.

O commendador Figueira, apezar de ser homem de sessenta annos, e viuvo havia mais de vinte, por um capricho de velho casou-se com uma sobrinha que educara. Esse casamento inesperado alterou as relações entre o pai e o filho : além da desigualdade da união dava-se a circumstancia de estar José mal com a prima, a quem tinha em conta de enredeira e accusava de o ter intrigado com o pai.

Mal haviam decorrido tres mezes, que a arrogancia de D. Alina, orgulhosa com sua nova posição, forçou o enteado a retirar-se da casa paterna. Este facto, habilmente explorado pelo genio intrigante da madrasta, ainda mais indispoz o espirito do commendador Figueira contra o filho, aquem chegou a attribuir projectos sinistros á respeito de sua existencia.

Levadas as cousas á este ponto, cessaram completamente as relações de familia. José Figueira, que até então se empregara exclusivamente no serviço da fazenda augmentando o patrimonio que devia um dia pertencer-lhe como filho unico; victima de sua lealdade, ficou reduzido a ganhar a vida pelo trabalho e á aceitar o auxilio de alguns fazendeiros áquem indignára o procedimento do commendador.

Nestas estreitas circumstancias lembrou-se o moço, que sua mãe devia ter-lhe deixado por legitima uma parte dos bens do casal na epocha de seu fallecimento. Até então não se preocupara com isso; e nunca durante tantos annos fizera á seu pai a menor allusão á esse respeito. Nem mesmo sabia se haviam feito inventario e par-

tilhas ; confiava tudo da honradez proverbial do velho fazendeiro.

A situação porém era outra agora. Estava reduzido á penuria, e tinha não só de sustentar-se com decencia, como de prover ao futuro incerto de sua mulher e filho : Mario contava então dois annos ; e o pai muitas vezes embalando o berço do menino para o'acalentar, enxugava a furto as lagrimas que lhe rolavam pelas faces e iam humedecer as brancas faixas.

Obteve José Figueira de um fazendeiro, amigo intimo do pai, o favor de fallar-lhe sobre a questão do inventario. O commendador declarou positivamente que na occasião do fallecimento de sua primeira mulher elle não possuia mais do que dividas, pagas depois com os lucros das colheitas. Si o filho duvidava disso, lhe pozesse demanda, que havia de provar em juizo o que dizia.

Concluiu pedindo ao amigo que não lhe fallasse mais do filho ingrato, ao qual elle já fazia muito em não desherdar. O commendador não fallava certamente da desherdação solemne por testamento, nos casos da lei ; mas desse meio indirecto de que usam muitos pais, collocando simuladamente os bens em nome de terceiro.

D. Alinia por muitas vezes tinha insistido na necessidade de tomar essa medida: seus esforços haviam redobrado desde que dera á luz um menino, mais velho anno e meio que Mario. O commendador porém resistia; a voz do sangue apesar de tudo ainda repercutia em seu coração.

Sabia-se geralmente pelas murmurações dos escravos o que á este respeito occorria na *Casa grande*, e referiam-se até com todas as particularidades, as altercações violentas que haviam frequentemente entre marido e mulher. O commendador estava soffrendo a punição da leviandade de seu casamento.

José Figueira continuava á viver pobremente, trabalhando com o proprio braço. Graças á seu genio laborioso, á sua calma preserverança, e ao auxilio de um fazendeiro generoso que emprestou-lhe dez contos de reis; tinha esperanza de crear ao cabo de alguns annos a abastança para a familia e de garantir o futuro.

Freitas andava depois de certo tempo um tanto arredo, naturalmente por causa dos olhos de D. Julia, que o traziam atribulado entre penas e esperanças. Embora occupado de todo na labutação da roça, comtudo Figueira sentia as vezes

a ausencia do amigo de infancia, especialmente á noite, na hora do repouso e serão de familia, quando é tão grato vasar em seio dedicado a confidencia dos proprios trabalhos, e beber em palavras sinceras e leaes a coragem para a luta.

Essa hora porém Freitas a passava em casa de D. Isabel, mãe de Julia, curtindo magoas e desesperos á troco de umas fagulhas de esperança com que o acalentavam de tempos em tempos. Algumas noites, quando se recolhia á deshoras, protestava não voltar mais ; e no dia seguinte era dos primeiros que chegavam.

D. Julia teria então vinte annos ; era realmente uma belleza. As pastas dos finos cabellos e os grandes olhos pareciam talhados em veludo negro, e embutidas no jaspe de sua tez branca e macia. Tinha a boca lindissima, e as formas correctas e harmoniosas de uma estatua grega. Si alguma cousa se podia notar nesse typo de formosura era a frieza que lhe amortecia as feições.

Filha de uma viuva pobre, tendo de seu apenas a Chica, preta que lhe servira de ama : Julia da mesma forma que Freitas depositara toda sua esperança no casamento ; tambem para ella,



o sonho dourado da juventude fôra o dote ; e o coração não passava de um travesso á quem se perdoariam os caprichos, emquanto não podessem comprometter o futuro ; pois do contrario não haveria remédio senão pô-lo de jejum, á pão e agua.

O acaso, que as vezes toma ares de zombeteiro, reunia essas duas creaturas possuidas de igual pensamento, eivadas da mesma ambição ; e não contente de as pôr em face como espelho uma da outra, fez que se amassem, ellas que fugiam do amor, como de um fatal contra-tempo. Mas nenhuma, cedendo a affeição, renunciou á esperança tão affagada do casamento rico.

Bem se avalia pois das torturas porque havia Freitas de passar na casa de D. Isabel, ponto de reunião dos moços da vizinhança, attrahidos pela belleza da moça. Julia graduava sua amabilidade e ternura pela riqueza de cada um desses portadores de dote de todos os moldes e feitios. O namorado, esse na sua condição de superfluidade agradavel, vinha em ultimo lugar ; apenas lhe tocavam uns sobejos de agrados e carinhos, quando os candidatos mais graduados não se mostravam exigentes, ou se retiravam cedo.

Julia mostrou-se muito superior á Freitas na realisação de seu plano ; ao passo que este se deixava arrastar muitas vezes pela paixão que tinha á moça, ella sempre calma e paciente não vacillava e proseguia incessantemente para o alvo de sua vida : o casamento rico.

Mas em todo esse trama laboriosamente urdido para colher um dote, a moça não era sinão o instrumento de D. Isabel que a movia como á um authomato. Habituada desde criança á obrar e a pensar pelo influxo da mãe, Julia chegando aos dezoito annos longe de emancipar-se dessa tutella ainda mais subordinou-se á ella. Sua natureza fria, incapaz de impulsos ardentes, si alguma vez se aquecia com um raio de paixão, cahia logo prostrada e exhausta; sob a vontade a que por ventura tentava subtrahir-se.

D. Isabel nutriu e acalentou o coração da moça, como tinha feito outrora á criancinha de collo ; e porisso Julia amava quando, como e á quem, a velha desejava. Era esta quem de vespera traçava o programma dos namoros da filha no dia seguinte ; quem dava o plano de certas arrufos e esquivanças proprios para atear a chamma de algum apaixonado ; quem fornecia

á filha diversos modelos de attitudes encantadoras para receber uma declaração de amor.

Si a paixão de Freitas pela filha incommodasse D. Isabel, ha muito tempo que Julia teria deixado de prestar attenção ao mancebo ; mas ao contrario entrava nos calculos da velha entreter essa affeição, que ella considerava ao mesmo tempo um auxiliar util, e uma reserva prudente.

Como auxiliar, o namorico da filha com o Freitas, habilmente dirigido, servia para á proposito excitar o ciume, um dos mais fortes condimentos do amor. Por outro lado, D. Isabel julgava conveniente não desprezar a probabilidade de casamento com um moço, como Freitas, que de um instante para outro podia enriquecer e assim guardava essa carta para o caso de fallarem as outras.

Não era debalde que D. Isabel, ficando viuva na idade de 50 annos e com uma filha moça, em vez de permanecer na corte, foi viver na roça, em uma casa que lhe viera de herança paterna. As amigas a censuravam muito por esse passo, que em sua opinião compromettia o futuro de D. Julia. Mas a mãe tinha confiança na sua habilitade e na belleza da filha.

Ella sabia que na côrte teria de luctar com a concurrencia immensa que já então havia na aquisição dos portadores de bons dotes ; e por isso devia procurar um mercado onde não podesse temer competencias.

## XI.

### DESASTRE.

Estava José Figueira a trabalhar de fouce na sua roça, quando lhe chegou de casa a noticia de achar-se doente e muito mal o commendador.

Ouvindo essa noticia, o filho tudo esqueceu para lembrar-se unicamente que o enfermo era seu pai. Correu á casa, e montando á cãvallo dirigiu-se para a fazenda de *Nossa Senhora do Boqueirão* que distava cerca de tres leguas. Ao approximar-se porém, o impulso que o trouxera ia-se desvanecendo ; e insensivelmente a mão colhendo as redeas demorava o passo do animal.

— Elle pensará que vim trazido pelo interesse.

Nisso Benedicto, que o avistara da cabana, corria para elle com as maiores demonstrações de alegria. O preto conservava pelo senhor moço a mesma ardente affeição ; e não se passava semana que elle não fosse duas vezes pelo menos vizital-o em sua casa, e levar um cêsto de fructas, um molho de canna, ou qualquer outra coisa para Mario a quem apenas começavam a dispor as presas.

— Como está meu pai, Benedicto ?

Apagou-se a alegria do preto, vendo o pezar que resumbrava no semblante de José Figueira, e recordando o acontecimento que havia esquecido no alvoroço de vêr seu querido senhor moço.

— Caiu doente ha tres dias, mas não ha de ser nada de cuidado, nhonhô ! disse o preto com voz baixa e desviando os olhos.

— Sei que elle está mal !

— Vmc. vai lá ?

— Não ! disse José Figueira. Vinha com essa intenção ; mas tenho medo que elle zangue-se por me vêr e peiore.

Apenas o senhor moço afastou-se, Benedicto foi á *Casa grande* tomar a benção ao commendador e saber como elle ia. Encostado no braço da

cama do enfermo, espreitou o momento favoravel para contar-lhe o que occorrera naquella manhã. D. Alina, que desconfiava do preto, veio interrompel-os ; mas o enfermo commovido teve tempo de murmurar ao ouvido do escravo fiel :

— Dize a elle que venha abraçar-me...

Na mesma noite José Figueira recebeu de Benedicto o recado do pai e partio para a *Casa grande*. Parece que a entrevista teve logar em segredo, e que seguiram-se outras á mesma hora adiantada da noite.

Infelizmente voltando de uma dellas, na noite de 15 de Janeiro de 1839, José Figueira errou o caminho e precipitou-se no boqueirão. Ao choque produzido pela noticia de semelhante desgraça, o commendador que estava agonisante não pôde resistir e expirou tendo sobrevivido ao filho apenas dous dias em que não deu accordo de si.

Com espanto dos fazendeiros e até dos correspondentes da Côrte, descobriu-se que em vez de ser um dos homens mais ricos do logar, como todos acreditavam, era ao contrario pobre, e muito pobre. Estava crivado de dividas que absorviam todos os seus bens.

Attribuiu-se a ruina do commendador ao jogo, paixão que dominara o espirito do velho durante os ultimos tempos : « Sem duvida, disiam as comadres do logar, para disfarçar os amargores de boca e as zangas que lhe causava a enfunada da mulhersinha. »

Si a ruina do commendador sorprehendeu geralmente, maior admiração houve ao saber-se que um dos principaes credores do fallecido era Joaquim Freitas, a quem estava hypothecada a fazenda de *Nossa Senhora do Boqueirão* no valor de cem contos de réis. E' verdade que o moço apresentava-se como procurador de varios capitalistas da praça do Rio de Janeiro, associados para o fim de empregarem alguns fundos em emprestimos á lavoura com a devida segurança.

Esta circumstancia bem provada como estava, explicou o facto muito naturalmente ; mas a impressão da subita mudança de fortuna do Freitas, perdurou : e se avivava sempre que sua prosperidade nascente tomava um novo incremento.

Apenas se liquidou a successão do commendador e Freitas tomou posse da fazenda, teve logar seu casamento com D. Julia. A este respeito



contava-se um incidente curioso, e que por algum tempo deu thema ás conversas da villa.

Dias depois da morte do commendador e do filho, estava Freitas em casa de D. Izabel ; o moço conservava a mão direita mettida no peito do collete, pretextando um talho que déra com a canivete ao aparar uma penna. A concorrência era pequena ; estavam ausentes os candidatos festejados; tocava pois a noite ao Freitas, o que raras vezes succedia.

D. Isabel tinha presentido alguma cousa no porte e no olhar de Freitas ; assim recommendou á filha que fosse meiga e affectuosa. Julia entregou-se pois á sua inclinação ; e Freitas em um momento de ternura conversando á janella aproveitou-se de uma occasião em que não reparavam nelles para tomar a mão da moça e beija-la.

Julia disparou a rir, chamando assim a attenção das pessoas que estavam na sala. Freitas sorprezo ao ultimo ponto, não comprehendia ; quando de repente um gesto da moça, suffocada de riso, o tornou livido como um lençol. Escondeu rapidamente a mão, porém era tarde ; já tollos tinham visto o que elle tanto insistira em occultar.

O dedo indice, quebrado violentamente, enroscava-se como um parafuso, projectado em sentido inverso, de modo que estendido o braço a ponta desse dedo em vez de apontar além, apontaria para seu proprio dono.

Este aleijão, que mais tarde Freitas attribuiu a uma queda desastrada, fôra a causa da hilaridade da moça.

D. Isabel reprovou muito a imprudencia da filha e com razão, porque uma semana depois começou a divulgar-se a noticia da subita riqueza de Freitas. Mas o moço, além de apaixonado, tinha agora á vingar seu amor proprio offendido ; era preciso que Julia, a orgulhosa Julia, fosse sua mulher ; mal sabia elle que esse orgulho, como todos os outros sentimentos da moça, não era mais do que reflexo da vontade materna.

D. Alina, a viuva do commendador que esperava ficar senhora da fazenda e de toda mais riqueza com exclusão de José Figueira, viu-se reduzida a uns vinte contos de reis que póde salvar em joias. Ella que devia andar bem ao facto do estado da casa, foi segundo affirmaram das mais sorprendidas ; e não cessava de gritar que seu

marido tinha sido roubado. Constatou que fora a côrte consultar advogados sobre uma demanda á propor ; mas a cousa deu em nada.

Quanto á viuva de José Figueira, essa ficou em triste condição. A morte do marido destruiu o que seu trabalho havia começado : as terras abandonadas nem deram para pagar os dez contos de reis do empréstimo : foi preciso que o credor em attenção á desgraça da pobre mulher, lhe perdoasse o resto da divida.

Freitas mostrou-se nesta emergencia digno, pela gratidão e pela generosidade, da fortuna que o elevava. Deu amparo á viuva e filho de seu amigo de infancia, chamando-os para a fazenda, onde foram habitar a antiga casa do administrador.

A D. Alina, tratou-a com todas as considerações ; e de vez em quando a suppria com dinheiros, que ella ia gastar na côrte em fitas e rendas, sinão serviam para rehver os diamantes já tantas vezes empenhados.

Estes factos, divulgados pelos parasitas de Freitas, e habilmente adornados de elogios, criaram uma merecida reputação de nobresa d'alma e elevação de character ; reputação que mais

tarde devia realçar um rasgo de philantropia.

Lamentando as catastrophes que annualmente causam as enchentes do Parahyba, o fazendeiro criou com avultado dispendio um serviço especial para nessas occasiões acudir aos infelizes naufragos, arrancal-os a torrente, e salva-los da morte e ruina total.

Não foi porém sua reputação e philantropia que lhe valeram o titulo de barão, e sim a somma redonda de doze contos de reis que deu para o hospicio de Pedro II : sumptuoso edificio, que sob a augusta invocação tem servido de lenitivo á loucura de uns e á vaidade de outros.

A riqueza e importancia de Freitas criaram-lhe invejosos e inimigos. Houve quem fomentasse suspeitas a respeito da origem de sua fortuna. Chegaram até á insinuar que José Figueira fora victima de uma espera, junto ao boqueirão, onde tinham lançado o corpo para dar ao assassinato a apparencia de um simples desastre.

A gente da villa porém não dava peso á semelhantes enredos.

---

## XII

### O CONSELHEIRO.

A' hora, em que os meninos chegavam á cabana, estavam reunidas na varanda da *Casa grande* varias pessoas.

Ao redor de um mesa de junco no centro da sala, conversavam tres senhoras vestidas com muito apuro e elegancia. A mais alta era a baroneza, mãe de Alice, senhora de muita formosura, embora fria e sem expressão. A' direita ficava-lhe D. Luiza, mãe de Adelia, uma das estrellas do Cassino naquella epocha. A' esquerda movia-se na poltrona com uma volubilidade nervosa, o talhe delgado de D. Alina, cuja magresa extrema desaparecia sob uma nuvem espessa de fitas, babados e filós.

A baroneza abanava-se com um rico leque de madreperola ; D. Luiza arranjava em ramallete as violetas espalhadas sobre um lenço de fina cambraia. D. Alina gesticulava.

A alguma distancia deste grupo, junto á janella estava sentada uma senhora desfeita e pallida; vestida de preto e com extrema simplicidade. Era D. Francisca, viuva de José Figueira e mãe de Mario : trabalhava em malhas de lã ; e constantemente volvia os olhos á janella, alongando-os pela encosta da collina, onde se desdobravam até a margem do rio o jardim, a horta, o pomar e a varzea. Naturalmente seu pensamento acompanhava o filho no passeio.

— Não sei o que me vae acontecer ! Tenho um aperto de coração ! murmuravam seus labios descorados.

N'uma das extremidades da varanda passeiava distrahido um homem de boa presença, alto e robusto. A cabeça, que elle as vezes erguia por um esforço, ia á pouco e pouco insensivelmente descahindo sobre o peito.

Era o barão.

Tinha uma sobrecasaca de casimira escura abotoada, no peito da qual mettia a mão direita. Estê

habito, contrahira elle desde muitos annos para disfarçar o aleijão da mão direita. Outr'ora vaidoso de sua bonita mão, sentia agora desgosto profundo por causa desse defeito; e diversas vezes pensara em sujeitar-se a uma operação para amputar aquelle membro inutil e ridiculo. Mas cousa singular, elle de coragem provada, tinha medo !

— Estou arrependida depois que deixei Adelia ir a esse passeio : dizia D. Luiza lançando um olhar para a janella. O sol já está tão quente !

— A senhora tambem tem tantos cuidados com sua filha, D. Luiza ; é de mais ; acodiu D. Alina.

— Eu não sou assim com Alice, quero-lhe muito bem, mas deixo-a brincar a seu gosto; observou a baroneza.

— Pois olhe, baroneza ; pelo meu gosto, Adelia não ia a parte alguma sem mim. Olhos de mãe sempre vêem mais !... Felizmente minha filha é muito boa menina ; não podia ser melhor ; conta-me tudo. Não é capaz de fazer a menor cousa sem minha licença ; nem mesmo comer uma bala.

— Isto é o que a senhora pensa !

— Póde acreditar, D. Alina.

— Mas o que você ganha com isso, D. Luiza? Affligir-se á tôa por qualquer cousinha de nada. Si Adelia voltasse agora e lhe disesse — « mamai eu comi uma fructa quente ». Ai ! minha filha vai adoecer ! E no fim de contas não passava do susto.

— Mais assustada fico eu, não sabendo o que ella faz.

— Eu penso como a baroneza. O meu Lucio tem bastante juizo : e entretanto eu não estou a cada momento a ralhar com elle e a atormentá-lo.

— Nem eu com Adelia !...

A discussão promettia prolongar-se. O assumpto não podia ser mais vasto e importante. O verdadeiro systema de educação é um problema muito estudado, mas ainda não resolvido de uma maneira satisfactoria.

D. Luiza e a baroneza sustentavam cada uma a opinião mais conforme com sua indole ; não indagavam si essa opinião era a melhor para formar o coração e espirito da filha ; bastava que fosse a mais commoda e agradavel á mãe.

D. Luiza, espirito curioso, natureza vivaz, que



precisava de um elemento para sua actividade incessante, tinha necessidade de occupar com a filha todo o tempo que lhe deixavam os bailes e theatros. Ella obedecia assim ao mesmo tempo ao estimulo do amor materno, e á uma condicção de seu organismo.

A baroneza ao contrario, espirito indifferente, natureza inerte, não tinha energia bastante para animar sua propria existencia, quanto mais para desperdiçar em disvellos incessantes pela filha, que sem isso crescia bonita e sempre alegre. Ella amava a Alice como se ama na idade do egoismo, sem extremos, com uma igualdade calma e inalteravel.

Quanto á D. Alina, não tinha opinião sobre este, como sobre qualquer outro assumpto. Aquella mulhersinha mirrada e titilante não passava de um cartão para amostras de rendas e fitas ; fóra disso só sabia intrigar. Adoptou a opinião da baroneza, porque era a da dona da casa, onde ella acabava de chegar com tenção de passar algumas semanas. Tres dias depois, talvez á não fosse capaz daquella fineza.

— Venha decidir a questão, Sr. conselheiro !  
exclamou D. Alina para uma pessoa que entrava.

Era um homem que orçava pelos cincoenta annos, baixo e calvo, de rosto largo e feições grosseiras mas não vulgares. A fronte proeminente e espaçosa parecia debuxada no chinó frisado que lhe cobria a craneo despido. De vez emquando um riso mordaz perpassando-lhe nos labios aprofundava os dois sulcos das bochechas, e derramava em seu rosto a expressão desse frio sceptismo, que atira o homem na materialidade para crer e sentir alguma cousa.

Gozava Lopes da reputação de um dos mais brilhantes talentos politicos daquella época; o que lhe valera o titulo de conselheiro, então menos relaxado do que actualmente. Seus amigos acreditavam que na primeira organização lhe seria confiada uma pasta, e das mais importantes. Quando se fallava nisso, o futuro ministro regorgitava de importancia, e derramava em torno um ar de protecção. Nesse tempo ainda não tinham os politicos adquirido o sestro das loureiras, que mostram desdeo pelo que mais cobiçam.

A amisade intima que existia entre o conselheiro e o barão datava de muitos annos e nascera de uma circumstancia curiosa, que naturalmente foi revelada pelo ministro de que trata a

anecdota. Ha tanto ministro leviano hoje em dia, que não admira já existisse a semente naquelles tempos mais atrazados.

Quando o barão pretendeu o titulo, pensou que o seu rasgo de philantropia, embora não servisse para alcançar-lhe o despacho, sómente devido aos doze contos de réis, dava-lhe comtudo direito a escolher a denominação do baronato. Por isso escrevera ao correspondente incumbido de effectuar a transacção, recommendando-lhe com instancia que obtivesse o titulo de *Barão do Soccorro*.

O correspondente cumpriu fielmente a recommendação; mas surdiram difficuldades que obstaram a conclusão do negocio. Foi então que no gabinete do ministro se passou esta scena.

A Excellencia preparava a pasta para o despacho da noite. Lopes que era intimo do ministro e mediante 500\$ mensaes pagos pelas despezas secretas o deffendia na imprensa em artigos bombasticos, fumava recostado familiarmente em uma cadeira de balanço.

— Eis aqui um negocio que me está dando que fazer !.. disse a Excellencia voltando-se para mostrar certo papel.

— Alguma complicação ? perguntou Lopes

quebrando na ponta do botim a cinza do charuto.

— Um fazendeiro do sul da provincia, o Joaquim Freitas que deseja ser barão...

— Hanh !..

— Conhece-o ?

— De nome apenas.

— E' a primeira influencia eleitoral do collegio ; além disso deu doze contos de réis para as obras do Hospicio. Mas o *homem* embirrou ! A principio não queria dar mais do que uma commenda ; por fim como já se tinha recebido o dinheiro, e podia haver um escandalo, consentiu no baronato ; porém não apparece nome que sirva. Já corremos todos os santos da folhinha, e todos os rios da provincia... O Freitas insiste por *Barão do Soccorro* ; mas eu já me contentava em faze-lo barão de qualquer cousa. Ha dois mezes que estou nesta lida.

— Tive agora uma idéa, excellentissimo. Proponha *Barão da Espera* ; disse Lopes com um sorriso prismatico.

— Da Espera... Porque ?

— O Freitas mora pelas margens do Parahyba ; e como nos rios sempre ha uns pontos chamados

*esperas*, onde as canôas se abrigam enquanto passa a força d'agua....

Ergueu-se discretamente um canto do reposteiro, e o correio participou achar-se na sala o senador X, parlamentar muito distincto, que mudava de partido regularmente duas vezes no anno : ao abrir-se a sessão declarava-se opposicionista e pouco antes de encerrar-se dava sua adhesão ao governo.

O ministro sahiu promptamente para não fazer esperar tão importante personagem, que pertencia a uma classe de homens politicos muito apreciada em S. Christovão. A mão que fabrica os titeres do theatrinho parlamentar, tem rasão de preferir essas creaturas de cêra, que o menor calor derrete, ás almas de tempera que o fogo euriija em vez de embrandecer.

No dia seguinte publicou-se o despacho do *Barão da Espera*.

O ministro apenas avistou Lopes nos corredores da camara correu a elle pressuroso:

— Que bôa idéa!.. Parece que deu-lhe no gôto ; e não estava em dia de indulgencia ; ao contrario.

Nos labios do conselheiro Lopes perpassou o

mesmo sorriso prismático da vespera, mas dessa vez o raio da ironia era mais scintilante.

— Excellentissimo, disse elle sentenciosamente ; os ministros fazem programmas, e os reis epigrammas.

— Como assim ?

Lopes cochichou ao ouvido da excellencia que a principio enfureceu-se ; mas tomando a cousa em ar de chalaça, desabotoou o sobrolho em uma gargalhada.

Lendo o *consta-nos* do *Jornal do Commercio*, Freitas ficára desesperado ; e veio á Côrte resolvido a renunciar ao titulo e reclamar seu dinheiro. Afinal pôde obter uma audiencia do ministro, e expôr-lhe sua pretensão de vêr corrigido o engano, ou desfeito o trato e restituído o preço.

Entendia Freitas e com boa razão, que tendo offerecido doze contos de réis á vista pelo titulo de *Barão do Soccorro*, e não por outro qualquer ; o governo devia dar-lhe o objecto comprado, ou declarar que não podia aceitar a offerta, fazendo de sua parte contra proposta.

Assim costumava o fazendeiro tratar a venda dos cafés ou a compra de escravos ; e suppondo

que a base das transacções mercantis, quer se façam na praça do commercio, quer no gabinete do ministro, é a boa fé, não duvidou um instante da justiça de sua reclamação.

O ministro porém provou-lhe que elle estava muito atrasado em politica.

— Meu caro Sr. Freitas, como seu amigo que me prézo de ser devo usar de toda a franqueza. O senhor labora em um engano, quando suppõe que o governo vende titulos, e que pelo factó de dar doze contos de réis. qualquer tem direito a ser barão.

— Mas, Sr. conselheiro, foi o que me disseram !

— Illudiram-n'ó. Dando doze contos de réis o cidadão presta um serviço e fica habilitado a ser remunerado com uma graça. Essa graça pode ser um habito, uma commenda ou um titulo, do nome que approuver ao governo, o qual não recebe condicções. O Sr. desejava ser *barão do Soccorro* : Sua Magestade entendeu em sua sabedoria que devia faze-lo *barão da Espera*. Tome o meu conselho ; vá agradecer-lhe, e não se ocupe mais com isso. Não é bom reviver certas cousas !..

O ministro concluiu com um sorriso misterioso, apertando a mão do Freitas :

— Entende-me ?

— Não excellentissimo, não entendo !

— Ora !.. Conhece o conselheiro Lopes ? Elle fallou-me em certos boatos... calumnias bem sei ! Mas em todo o caso o melhor é deixar esquecer estas cousas.

O novo barão sahi livido de cholera semduvida ou de indignação ; mas não deu andamento á sua reclamação.

Dias depois um amigo a seu pedido o apresentou ao conselheiro Lopes ; e tal sympathia sentiram mutuamente, que se tornaram intimos, e se uniram espiritualmente pelos laços de um mutuo compadresco.

O conselheiro foi padrinho de uma primeira menina que o barão perdera e não tendo outro modo de retribuir a fineza convidou o amigo para chrismar Adelia, sua filha unica.

Com o conselheiro entraram na varanda varias pessoas, hospedes do barão, que tinham ido depois de almoço dar uma volta pela fazenda. Notavam-se entre outras, a volumosa e repolhuda reverencia do padre Carneiro, vigario da fregue-



zia ; a exigua estatura do capitão Tiburcio, subdelegado vitalicio no dominio conservador ; e finalmente a figura esguia e exotica do Sr. Domingos Paes inserida em umas calças de lila preta e brochada com um fraque justo cõr de rapé.

O conselheiro que se dirigia a uma cadeira de balanço voltara-se ouvindo a voz de D. Alina.

— Qual é a questão, minha senhora ; respondeu approximando-se da meza,

— Meu marido ?.. Ha de ser contra mim não tem que vêr !

— Si não tiver rasão, Luizinha.

— Ainda que tenha !

— A questão é esta : disse a baroneza e expôz a materia.

O conselheiro brincando com os berloques do relógio, gesto sobrio e modesto que preludiava seus discursos na camara, exprimiu-se nestes termos :

— Não sou o mais competente sem duvida para decidir em materia tão delicada. A respeito de educação, tenho para mim que o coração da mãe mesmo ignorante tem mais talento do que a cabeça do homem, embora de elevada in-

telligencia. Entretanto sempre direi minha opinião. Eu entendo que uma menina é uma flor, com uma differença, que o perfume desta é alma naquella. Ora si a flor silvestre é mais forte e vivaz, não tem de certo a perfeição e a graça da flor cultivada. Creio pois que para se obter uma moça que reuna as virtudes das duas flores, sem os seus defeitos, é necessario dar-lhe ao mesmo tempo liberdade e cultivo, sol e sombra, ar e abrigo. Eis como eu penso ; portanto ambas tem razão, a senhora baroneza e minha mulher ; com uma ligeira modificação, o systema de educação de cada uma me parece o melhor.

O conselheiro era realmente um talento notavel ; e as esperanças de seus amigos não podiam ser mais bem fundadas. Um deputado capaz de provar ao governo e á opposição que ambos se acham de perfeito accordo, estava talhado para ministro.

O vigario apoiara gravemente com a papada ; o subdelegado se erguera nas pontinhas dos pés, arrebatado como um balão pela eloquencia do deputado. Quanto ao Sr. Domingos Paes consultara previamente a physionomia da baroneza, e ficara impassivel ; era um homem consciencioso ;

os seus applausos, como os seus serviços, pertenciam de direito a quem o sustentava : foi sempre sua regra. Que excellente massa para um deputado governista !



## XIII

### CORAÇÃO DE MÃI.

A mãe de Mario que não cessara de mostrar por signaes bem visiveis sua inquietação, afinal não se podendo mais conter, aproximou-se da mesa onde conversavam as outras senhoras.

— Senhora baroneza, disse ella com timidez ; V. Ex. consente que mande alguma pessoa vêr onde está meu filho ?

— Mario foi passeiar com as meninas, com Alice e a Adelia ; acodiu D. Luiza com bondade. Eu vi-as quando sahiram ; iamos almoçar.

— Estou tão desasocegada ! Parece-me que alguma cousa lhe está acontecendo. Quem sabe, meu Deus ! Si a senhora baroneza me desse licença, eu mandaria...

Durante todo este tempo a baroneza entretida em folhear um album de gravuras não mostrara dar a menor attenção á D. Francisca, apesar do tom respeitoso com que esta lhe fallava.

— Não ha ahi ninguem desoccupado. Todos são precisos para o serviço da casa ! disse á final a baroneza na ponta dos beiços e voltando o rosto para o outro lado.

— Desculpe, V. Ex.. eu pensava...

D. Francisca fez uma reverencia, que terminou a sua phrase, cortada por uma ligeira oppressão. Retirando-se da sala, desceu ao jardim, com intenção de procurar seu filho.

Ella sabia que não teria forças para ir muito longe, com a cabeça exposta ao sol do meio dia ; mas o coração a arrastava. Do modo desdenhoso porque a baroneza a tratara, e da recusa que soffrera, já não se lembrava ; estava tão habituada á essas maneiras que não lhe causavam mais grande impressão.

O supplicio de viver da compaixão alheia, comendo o pão saturado com as lagrimas da humilhação ; esse martyrio , padecia-o ella á todas ás horas e á todos os instantes. Mas a dôr cruciante desse crivo d'alma já não lhe

deixava sensibilidade para soffrer com o pungir de cada espinho.

A baroneza, acompanhara com um olhar de traversez a viuva quando esta sahia da sala.

— Dá-me vontade de rir !...

E seu labio desdenhoso soltou uma risadinha de escarneo.

— A tal senhora não contente de ter casa para si e seu filho, sustento, roupa e escravos; ainda não está contente. Quer pôr e dispôr de tudo. Não sou mais senhora em minha casa ; não posso dar uma ordem que não a contrarie e disponha a sua vontade.

— Mas baroneza ella pediu licença !... observou D. Luiza.

— Agora ; porque estavamos todos aqui na sala. Isso também era de mais ! Porém outras vezes, não se dá a esse trabalho ; vai mandando como si estivesse em sua casa.

— Essa gente é assim mesmo ; acodiu D. Alina. Não se póde protege-los, que não abusem logo.

— Coitada ! Ella está com cuidado no filho ! disse D. Luiza approximando-se da janella,

— Qual ! Não creia nisso, D. Luiza. São partes ; quer se tornar interessante.

— Cuidado no filho !... repetiu D. Julia com o seu risinho desdenhoso. Sabe você o que é esse menino ? E' um demoninho em corpo de gente. Ninguem póde imaginar as artes que elle faz. E' um desespero ! Tem escapado não sei quantas vezes de torcer o pescoco e espedaçar-se de cima de uma arvore ou de um cavallo. Si fosse sómente isto ? E os estragos que causa ? Não posso ter uma flôr, uma fructa !...

— E' muito travesso ; replicou D. Luiza na janelle e sorrindo : eu já percebi !

— Pois quem tem um filho assim, anda com estas cousas ? Não é ridiculo ?...

— Muito ! observou D. Alina.

— Parece que ella traz aquelle filho sempre cosido comsigo, e como hoje separou-se delle um momento já está cheia de cuidados, e precisa de um pagem para ir procurar o nenê ! Um rapasinho que passa dias e dias ahi pelo campo, sem pôr o pé em casa mais do que para dormir.

— Olhe ; disse D. Luiza apontando ; lá vae D. Francisca em busca do filho. No fim de contas ella tem razão. Este passeio já está me dando cuidado !

— Deixe-se disso, D. Luiza. Alice não anda



passeiando tambem ? E eu tenho algum cuidado ? Foram bem acompanhadas. A tal senhora... E' por pirraça que ella faz isto ; como não levou a sua avante, toma esses ares de victima... Eu bem sei para que !...

A baroneza procurava soffrear um assomo de ira que agitava a sua natureza apathica, mas beliosa e irritavel. As rosas das faces de ordinario desmaiadas se animaram ; a pupilla frouxa de seus grandes olhos despediu uma chispa.

D. Alina porém ali estava para soprar naquellas brazas e levantar a labareda.

— Cuida que o barão sabendo que ella foi em busca do filho, ficará com pena e tomará seu partido. Não é ? disse a viuva com a voz meliflua, relanceando entre as pestanas um olhar obliquo a baroneza.

Esta continuava á folhear, mas automaticamente, as folhas do album; ouvindo a ultima observação fechou com força o livro e atirou-o sobre a mesa arrebatadamente.

— Cuida; mas engana-se ! Tudo tem um termo; estou cansada. Hoje mesmo vou fallar ao barão. E' preciso que esta mulher e seu filho deixem a minha casa ; do contrario não respondo por mim.

— Está bem, baroneza, não se afflija ; deixe de pensar nisto ! disse D. Luiza chegando-se para a amiga e tomando-lhe a mão.

A alma de D. Alina se expandira vendo o primeiro fermento da cholera da baroneza. Ha naturezas assim, que se deleitam com a destruição ; especies de abutres moraes, vivendo da dissolução da familia e da sociedade. Aquelle character pertencia a esta classe ; tinha o instincto da intriga ; regosijava-se com as recriminações e dissidencias.

Vendo a mulher do conselheiro serenar o espirito da baroneza, D. Alina incommodou-se mais do que si a privassem de um theatro ou de um baile ; e por isso lançou no coração da dona da casa outra gota de fel.

— Quer meu conselho, senhora baroneza. Guarde para depois ; hoje não é bom dia.

— Porque ? perguntou Julia com altivez.

— Não vê como o barão está carrancudo !

— Que tem isto ?

— Póde não lhe fazer a vontade.

— Veremos !... e a baroneza gorgeou um riso orgulhoso

— Porque será mesmo que o barão está hoje com uma cara tão amarrada ? insistiu D. Alina.

— Ora não sabe?... E' a historia do marido da tal mulher. O que morreu ahi na lagôa.

— Ah! já sei!... E' verdade! Faz annos hoje; 15 de Janeiro!

— A senhora deve lembrar-se bem! Era seu enteado!

D. Alina suspirou:

— Si me lembro!... Então era eu senhora aqui!... Seriam onze horas da noite quando vieram correndo dar a noticia. Meu marido ouviu, antes que se podesse evitar....

As recordações de D. Alina continuariam, si a baroneza evidentemente aborrecida não se erguesse para chegar á janella. Talvez o desejo de ver onde ia a mãe de Mario a impellisse maquinalmente.

O ruido da cadeira arrastada pela baroneza ao levantar-se e o ruge-ruge do vestido arrancaram o barão de seu profundo recolhimento; si, como parece mais natural, o espirito fatigado de tão longa concentração, não veio de si mesmo á superficie, para renovar o folego.

Como quer que fosse, o barão percorreu o aposento com os olhos ainda embotados; e passando por diversas vezes a mão na frente para alisar

os cabellos ou desafogar o cerebro ; recobrou-se da funda abstracção.

Nos homens robustos succede ás grandes contensões do espirito, a necessidade de fortes exercicios do corpo. E' o equilibrio do organismo que reclama essa compensação.

Lembrou-se o barão de dar um passeio ; mas o exercicio corporeo não bastava para serenar seu espirito, ainda torvo e sombrio. Para estes momentos aziagos ; para essas noites lugubres de sua alma ; elle tinha um sorriso, uma estrella, que vertia em seu coração angustiado os orvalhos celestes.

Era Alice.

Si não fosse o lindo anjo louro, quem sabe quantas vezes sua alma atribulada não se houvera lançado n'alguma voragem, aberta para devora-la ; n'uma dessas paixões indomitas que arrastam o homem, como o corcel de Mazeppa ; ou talvez n'esse barathro insondavel onde se affoga a razão na loucura.

Mas quando o abysmo se abria diante de sua carreira desvairada, quando chegava á borda e ia precipitar-se, um elo invisivel o prendia. Era o anjo que lhe fallava ou lhe sorria ; era a mão

dessa gentil menina que perpassando-lhe na frente dissipava como por encanto as tempestades accumuladas ali dentro ; era a lembrança da filha, que illuminava como um raio de esperança a treva espessa de sua alma.

— Alice! disse elle chamando.

E como não visse a menina na varanda, perguntou dirigindo-se ao grupo das senhoras :

— Onde está Alice ?

— Foi passeiar ! respondeu a baroneza recostada á janella.

— Onde ?

— Por ahi.

— Foi visitar a Chica... Não é assim que se chama a preta ? disse D. Luiza para a baroneza.

— Foi ?... exclamou o barão com sobresalto e interrogando a baroneza; Foi á cabana de Benedicto ?

— Parece : respondeu a baroneza tranquillamente.

— Já prohibi que Alice fosse á esse lugar, a não ser em nossa companhia. Quem lhe deu licença ?

— Eu, e aqui mesmo em sua presença. Não tenho culpa que estivesse distrahido.

— Mas, senhora ; não se lembra dos desastres que tem havido naquelle lugar?

— Ella foi bem acompanhada. Nem vai se meter lá no boqueirão.

— E no dia de hoje, meu Deus ! murmurou o barão sem escutar a mulher, e dirigindo os olhos para o lado do rio.

— Não hade acontecer nada, barão ; disse o conselheiro aproximando-se. Adelia tambem foi e eu estou tranquillo.

— Ha muito tempo que sahiram ? perguntou o barão soffrego.

— Ha mais de duas horas. Eu tambem estou inquieta, disse a mulher do conselheiro. D. Francisca já se foi atraz do filho.

— Mario ! murmurou o barão. Elle tambem ?

— Até o meu Lucio, que chegou tarde, lá anda em busca dos outros.

O barão tocou precipitadamente a campainha :

— Sella meu cavallo, já ! disse ao pagem que tinha acodido ao chamado.

— Vae até lá, barão ?

— Estou impaciente, contrariado ; este passeio me fará bem.

— Afflige-se, porque quer ! Não é a primeira

vez que Alice tem ido ver a Chica; e ainda não lhe succedeu cousa alguma. Hoje é que havia de acontecer todas as desgraças porque... Porque á onze annos um homem afogou-se na lagôa!

A baroneza proferiu estas palavras acompanhando com um olhar de indiferença os gestos do barão, o qual depois de procurar o chapéo, afivelava as esporas.

— Compadre!

— Que ordena, Exma? acodiu Domingos Paes açodado.

— Prepare o gamão! disse a baroneza com a maior paxorra.

Em um momento o compadre arranjou o taboleiro sobre a meza, e de pé, ao lado, com o copo de marfim em punho, chocalhando os dados, esperou que a baroneza lhe fizesse a honra de dar o costumado capote.

— As ordens de V Ex.

Momentos depois corria o pai de Alice á todo o galope para a cabana de Benedicto.

— Vontade de passeiar! disse a baroneza com ironia.

— O barão é extremamente nervoso! observou o conselheiro Lopez em tom cathgorico.

O caminho que seguia o barão a cavallo corria ao lado do jardim e pomar, perlongando-os. A meia distancia, o cavalleiro ouviu um queixume.

— Quem está ahí ? perguntou.

— Viu Mario, senhor barão ?

— Ah ! D. Francisca !

— Meu filho !... Creio que succedeu-lhe alguma desgraça.

O barão fincou as esporas e o cavallo partiu de novo recuperando o tempo perdido.

De repente dous gritos soaram-lhe como o echo um do outro. Era o grito de Mario sobre o rochedo, e o da mãe que desmaiara no pomar.

Atirar-se do animal, galgar a cabana, seguir a direcção indicada pelas vozes, foi o primeiro impeto do barão chegando a falda do rochedo.

Elle passou rapido, mudo e hyrto por entre as pessoas que encontrava no seu caminho, e sem demorar-se para dirigir uma pergunta e ouvir uma palavra, só estacou na *Lapa*, transido ante o espectaculo que se apresentava á seus olhos.

---



## XIV

### MARIO

Quando Mario deixou Benedicto junto ao tronco do ipê, elle soltara estas palavras que revelavam no meio de suas tristes preocupações a travessura infantil.

— Vou brincar sosinho.

Não era natural que o preto velho deixasse Mario ir-se d'elle, em disposições de espirito bem proprias para inquieta-lo. Si Benedicto obedecesse ao impulso de sua alma, sem duvida acompanharia o menino, para distrahi-lo de tão negros pensamentos, e evitar que absorvido como ia, fosse victima de algum desastre.

O negro porém sabia, desde muito o que signi-

ficava na boca do menino aquelle simples desejo expresso em breves palavras. Era uma vontade inabalavel, da qual não havia meio de demovê-lo. Esse joven espirito sentia já naquelles primeiros annos, de ordinario tão despreoccupados, a necessidade invencivel da solidão, que é para a alma a sombra depois do sol, o descanso depois da lucta, o abrigo depois do perigo.

Durante a maior parte do dia soffre o corpo a coacção que lhe impõe o trajo e a polidez; carece por fim de sentir-se a larga, de se espreguiçar no leito, e de estender os musculos por muito tempo contrahidos. A alma, igualmente tolhida pela pratica e attenção dos estranhos, carece tambem como o corpo desses espreguiçamentos intimos, de uma expansão franca. Para isso procura um refugio. A solidão é a alcova para a alma.

Não era comtudo esta necessidade moral o unico movel, que levava o menino á isolar-se nesses logares.

Fôra aquelle o theatro da catastrophe que arrebatara seu pai de uma maneira tão imprevista e para elle inexplicavel. O menino não comprehendia como um cavalleiro dirigindo-se á *Casa*.

*grande*, podesse por engano, desviar-se do caminho e precipitar-se no boqueirão ; tanto mais quando esse cavalleiro era um homem nascido e criado naquelles logares, conhecendo perfeitamente a lagôa e os arredores.

Alem de que na traducção do facto havia muito de vago e incerto. Notavam-se lacunas, que de ordinario procuravam preencher com supposições e conjecturas mais ou menos inverosimeis. Mario por vezes havia insistido com as pessoas que se diziam mais informadas da catastrophe ; e nenhuma o satisfizera, nem mesmo Benedicto, talvez de todos o que mais sabia, porém o que mais reservado se mostrava.

Uma circumstancia occorreu, que deixou no espirito do menino terrivel suspeita.

Tempos depois da catastrophe, veio á fazenda um irmão de D. Francisca, morador na Estrella, onde era procurador de causas e meio rabula. A viuva lhe escrevêra por vezes insistindo sobre a necessidade que tinha de fallar-lhe. O Sr. Juvenio levava dois annos á resolver-se ; mas afinal sempre fez a prometida visita.

Mario tinha então sete annos, e assistiu a uma parte da conferencia dos dois irmãos, que ven-

do-o entretido a brincar com um carrinho de cuia não pensaram que lhe desse attenção.

— Donde lhe veio esta desconfiança ? perguntou o rabula.

— Já lhe contei que meu marido foi chamado pelo pai e esteve com elle muitas noites seguidas sem que ninguem o soubesse, sinão Benedicto. Uma vez, quando voltava, achando-me á trabalhar, ralhou commigo; «porque não era preciso matar-me agora que a fortuna ia mudar e nós iamos ser ricos outra vez. » Está se vendo que o commendador tinha lhe promettido deixar tudo.

— Não digo o contrario.

— Na vespera meu marido levou todo o dia a fazer contas e até por signal deixou em cima da meza um papel que eu conservei. Olhe!...

D. Francisca tirou do seio uma folha de papel já amarellado, sobretudo nas dobras ; e o deu ao procurador para examina-la.

— No dia seguinte amanheceu meu marido morto, de uma maneira que não se explica ; e toda a riqueza do commendador passou para os estranhos.

— Para os credores !

A viuva sorriu amargamente :

— De que ninguém tinha noticia !

— Mana, disse o rabula com importancia ; tome o meu conselho ; esqueça-se disso. No fim de contas você ainda foi muito feliz em achar um homem caridoso como o barão que a proteje e a seu filho. Não tente a Deus !

D. Francisca tomou o conselho do irmão ; e nunca mais fallou de suas desconfianças. Quando mais tarde Mario a interrogou á esse respeito, ella espavorida procurou apagar a lembrança de suas palavras no espirito do menino.

Mas não o conseguiu. A suspeita filtrara profundamente naquella alma.

Cançado de inquirir os homens debalde, passou o soffrego menino já então na idade de doze annos, á interrogar a natureza inanimada, os objectos materiaes, que foram testemunhas da morte de seu pai. Começou desde então a luta heroica e admiravel da criança contra as asperezas do sitio agreste e rudo.

Debalde os rochedos irriçavam suas fragas e alcantis, como púas terriveis, ou abria suas gargantas profundas e medonhas para sumir o imprudente, cujo pé deslissasse a borda do precipicio.

Debalde o lago sombrio, povoado dos phan-

tasmas que a tradição fazia vagar por suas margens, envolvia-se, como em um sudario, na solidão fria e glacial, exhalando pelas fendas do penhasco o lugubre estertor do remoinho, a se estorcer em convulsões. Debalde pullulava ahí sob aquella vegetação lymphatica, a geração abundante de medonhos reptis, que produz sempre nos climas tropicaes, o consorcio da agua profunda com o rochedo cavernoso.

Nenhuma dessas ameaças do ermo, nenhuma dessas choleras da natureza selvagem, fez recuar o menino.

Elle avançava, hesitando, é verdade: seu coração batia mais apressado; seus olhos inquietos moviam-se com extrema mobilidade de um á outro lado; frequentemente voltava a cabeça imaginando que um perigo qualquer o seguia passo á passo e estava prestes á cahir-lhe sobre. As vezes parava para escutar os rumores indefiniveis da floresta, essa voz estranha que toma quasi ao mesmo tempo todos os tons, desde o gemido até o grito humano, desde o zumbir do insecto até o rugir do tigre, desde a gota que borbulha até a catadupa que ribomba.

Mas á pouco e pouco, Mario foi se familiariz-

sando com essas illusões do ermo, verdadeiras miragens da floresta : com a differença que as miragens dos desertos da Arabia são produzidas pela luz ; e as miragens de nossas mattas virgens são o effeito da sombra nas horas mais esplendidas deste clima brilhante.

Um perigo vencido é um degráo que sobe a alma do homem, e do alto do qual olha sobranceira as miserias que lhe vão ficando abaixo dos pés : é um apoio em que se firma para arrojarse avante. A' medida que Mario affrontava a bruteza daquelle sitio escabroso, sentia-se mais forte ; a tempera de sua alma apurava-se no atrito daquellas penhas brancas e porventura tomava á seu contacto alguma cousa de rispido e aspero.

O desenvolvimento phisico de seu organismo apurava esse crysol do espirito. O corpo adquiria mais vigor e robustez que punha ao serviço das audacias de uma curiosidade infantil.

Mario conhecia todo o rochedo pelo direito como pelo avesso ; tinha subido aos mais altos e abruptos dos pincares ; e descera ás profundas cavernas e escuras fendas abertas na rocha. Sabia a fórma e o tamanho de cada uma dessas

creaturas de pedras ; todas tinham para elle uma figura, uma attitude e um nome. Estudara até os seus costumes. Sabia a hora em que apanhavam sol, ou se cobriam de sombras ; o momento da sesta do cameleão, e da visita das andorinhas depois do banho.

O lago apezar do terror de que o cercava a tradição, não escapou ás investigações de Mario. Para ali sobretudo, para a voragem medonha, o arrastava sua ardente curiosidade. Aquella agua, onde se tinha submergido o corpo de seu pai, talvez guardasse ainda o segredo da catastrophe.

O menino sabia nadar ; muitas vezes tinha experimentado suas forças no Parahyba, cortando-lhe a veia ; mas a correnteza do rio, ainda mesmo no tempo das enchentes, era suave em comparação com o torvelinho do lago. Aqui a agua tinha um eixo em torno da qual volvia com a velocidade do tufão.

A principio Mario arriscou-se unicamente nos lugares, onde o lago se espraiava, e a rotação das aguas era ainda lenta, embora pesada. Circulou essas orlas do abysmo, provando as forças, e habituando-se a resistir ao impeto da cor-



rente. Mais tarde, protegido por uma corda segura á margem do lago, sondou o remoinho. Da primeira vez pareceu-lhe que o rodavam vivo. A onda agarrou-o como uma folha secca, e enovelando-lhe o corpo levou-o ao fundo do abysmo d'onde o vomitou atordoado.

Graças ao apoio da corda, e por um supremo esforço, pôde Mario ganhar a margem, onde se atirou extenuado: mas a luta se travara entre aquelle menino audaz e aquelle abysmo terrivel; um delles devia triumphar e vencer o outro, ou o abysmo havia de devorar o menino; ou o menino submettería o abysmo e zombaria de sua cholera.

Mario triumphou. Como o rochedo, o lago recebeu seu jugo. Sondou elle as profundidades do boqueirão, e estudou a sua carcassa; com a continuação, chegou a conhecer todos os incidentes do abysmo. Sabia onde estava a raiz encravada no rochedo, a rampa natural da pedra, para em caso de necessidade servir-lhe de apoio contra a torrente.

Toda essa luta porém fôra inutil. O lago, o rochedo, a floresta, se conservaram mudos. Mario não encontrou o menor traço da catastrophe que

passara pela solidão sem deixar o menor vestigio. Si algum porventura havia ficado, os onze annos decorridos o tinham completamente desvanecido.

Comtudo o menino não desanimava ; uma esperança vaga, que si as vezes amortecia, nunca extinguiu-se de todo, o alimentava. Parecia-lhe que o mysterio ali estava palpitante no seio da solidão ; as vezes julgava ouvir-lhe as pulsações ; mas alguma cousa o subtrahia á sua curiosidade. O menino acreditava que avançando na idade, sua razão mais vigorosa descobriria ahi mesmo, o que tinha escapado ao seu espirito de quinze annos.

Durante as correrias pelo rochedo e as tentativas sobre o lago, Mario corria a cada instante mil perigos ; por isso, desde principio evitou a companhia de Benedicto, que se opporia a qualquer travessura mais arriscada. O preto cuidadoso pelo menino, a quem amava com extrema dedicação, insistiu em segui-lo ; mas só obteve irrita-lo.

Mario fingia mudar de proposito ; e quando menos esperavam desaparecia. Peior era sahir Benedicto em sua procura ; porque então com

o desejo de subtrahir-se as vistas que o buscavam, não havia imprudencia que não commettesse. Um dia o velho o viu por diversas vezes á despenhar-se das abas de um alcantil, ou dos galhos de um fragil arbusto, para esconder-se n'algum refugio inacessivel.

O terror que teve então o velho, produziu o effeito desejado por Mario. Desde aquelle dia deixou de ser contrariado; bastava que o menino se affastasse, exprimindo o desejo de isolar-se, para que o preto se submettesse á sua vontade, humilde e resignado. Qual não seria a dor do pobre Benedicto, si acontecesse a Mario algum desastre, pela precipitação com que desejasse esconder-se?

Naquelle fatal dia 15 de janeiro, já marcado pelo sello da desgraça na historia de sua familia, e destinado ainda para tão tristes acontecimentos; naquelle dia, Mario, deixando seu bom e velho amigo, ganhou sob o peso das tristes preocupações a margem do rio que lambia naquella paragem as faldas do rochedo.

— Benedicto diz que estou enganado. Si elle soubesse o que eu ouvi? Queria contar-lhe; mas para que? Não acreditará... Ou talvez acredite, e esconda de mim!...

Mario subindo automaticamente pelo rochedo, foi ter á ponta que se projectava sobre o remoinho. Era o seu pouso favorito; d'ahi dominava elle todo o circuito. Via aos pés o lago adormecido, como um dragão resupino com as azas desdobradas; em torno os alcantis apinhados uns sobre outros; ao longe formando os horisontes do painel, a floresta, a varzea e o rio.

Algum tempo depois de ali chegado, lançando os olhos para o remoinho, viu uma sombra reflectir-se nelle; e reconheceu Alice.

A principio Mario não sentiu mais do que a surpresa de ver a menina proxima daquelle logar, d'onde a deveriam affastar as ordens do barão, e os cuidados das pessoas que a acompanhavam. Reparando porém na insistencia com que Alice permanecia no logar; na tenacidade de seu olhar fixo no torvelinho das aguas; comprehendeu que a menina era naquelle momento preza da vertigem.

Outr'ora, quando mais criança, no começo de suas excursões, elle tambem soffrera esse encanto poderoso da sereia, que o fascinava e atrahia irresistivelmente ao fundo do abysmo. Para vencer a hallucinação, o menino de proposito affrontou

a vertigem, uma e muitas vezes, até que se acostumou á domina-la.

Mario conhecendo a força de attracção do abysmo, imaginou que Alice ia precipitar-se: o seu primeiro impulso foi chamal-a e prevenil-a; mas elle tinha as vezes instinctiva repugnancia por essa menina, aquem envolvia na aversão que votava ao barão e á quanto lhe pertencia.

Nisto, por um phenomeno muito natural nos momentos de emoção, as impressões actuaes se travaram e confundiram com as recordações do passado; produzindo uma especie de nimbo moral, meio visão, meio realidade. Desenhou-se em sua imaginação como um lampejo, a scena da morte de seu pai, tragado pela voragem, enquanto o barão de pé, na margem, sorria com orgulho. No fundo desse quadro, como disputando-lhe a tella, e transparecendo atravez da primeira scena, a phantasia do menino via Alice por sua vez tragada pelo boqueirão; na margem, o barão succumbindo ao peso de tamanha desgraça e elle Mario, em pé, sobre o rochedo, sorrindo-se como o anjo da vingança.

Nesse momento ouviu-se o soluço profundo

da onda. Alice, attrahida pela vertigem, acabava de precipitar-se.

O abalo que soffreu Mario vendo desaparecer o corpo de Alice, espancou de seu espirito a visão, para mostrar-lhe a realidade. Havia nesse menino um coração precoce como seu espirito, já capaz dos grandes odios, como dos rasgos de heroismo.

Diante da catastrophe elle esqueceu quem era a victima, para só lembrar-se que uma vida corria perigo. A idéa de vingança, que affagara em um instante de scisma, agora o enchia de horror. Como podéra associar uma memoria querida á desgraça de outrem?

Por isso o nome do pai lhe viera aos labios, como um grito de perdão e ao mesmo tempo uma santa invocação, no momento em que elle se arrojava no remoinho para salvar Alice, ou talvez morrer.

---

## XV.

### O BOQUEIRÃO.

Com o arremesso do salto, o corpo de Mario retalhara a onda e submergira-se profundamente.

Houve um longo momento de anciedade para as pessoas que esperavam, tomados de espanto o resultado do terrivel sinistro. A agua fechara a voragem, polindo de novo a face muda e gelada. Parecia que o abysmo tinha dito sua ultima palavra ; o *consumatum est* dos grandes desastres.

Afinal alguma cousa rompeu esfrolando a tona do lago. Seria um peixe que viera beijar a flor d'agua, ou algum silpho de azas transparentes que frisara no seu vôo a limpida veia ?

A tremula ondulação foi-se estendendo; e deixou ver distincta a sombra do objecto que a produziã. Era o botim de Mario, cujo corpo verticalmente submergido, não se percebia ainda. A agitação constante do pé do menino, e os esforços violentos que fazia para subir a superficie, revelavam uma luta desesperada.

Com effeito o intrepido nadador, descendo a prumo ao fundo do abysmo tivera a felicidade de encontrar ao alcance da mão o corpo de Alice, arrebatada pelo torvellinho. Enlaçando-lhe com o braço o colo e a espadua e estreitando-a ao seio, procurou surdir; mas além do impeto do remoinho, o peso dos vestidos alagados e da propria roupa que não tivera tempo de tirar, tornavam a empreza talvez superior á suas forças.

Mario havia affrontado o abysmo; mas só, com os dois braços livres, sem roupa que o tolhesse. Era muito differente agora que só tinha um braço livre, e esse, unico, para esforço triplo.

Não obstante elle continuava a lutar. Achava-se justamente no logar mais estreito do remoinho; no que se poderia bem chamar a pharinge do abysmo. Era ahi o foco do turbilhão; era ahi



que a onda angustiada pela rocha, se precipitava com impetos medonhos nas profundezas da caverna.

Mario passara. Embora Alice quasi lhe escapasse do braço, arrebatada pela correnteza, consêguiu elle estreitar de novo ao seio a espada da menina ; quando porém tentou arrancar a victima do eixo do torvelinho para subir com ella á superficie, pareceu-lhe que jámais o alcançaria. Todos os seus esforços foram baldados ; em vão procurou elle com um dos pés o apoio do rochedo, para arcar com o remoinho ; o abysmo não largava a presa.

Entretanto a fadiga invadia o corpo do menino ; o longo folego já por tanto tempo sus-tido, ia-se extinguindo ; em pouco tempo seria asphixiado pela agua, a menos que não subisse á superficie para renovar o ar dos pulmões. Vir a tona, não o podia, sem largar o corpo de Alice, e abandona-la á morte, que a disputava.

O terrivel problema desenhou-se pois bem claro no espirito de Mario ; ou restituir a victima ao abysmo, ou morrer com ella.

A solução não podia ser duvidosa. Si de um lado o instincto poderoso da conservação fallava

no coração do menino ; do outro lado a antipathia que lhe inspirava a filha do barão, devia afastar-lhe a idéa de qualquer sacrificio ; já não era pequeno o perigo corrido até aquelle momento.

Era essa a logica do coração ; mas o orgulho de Mario e o seu desdem pela vida, apresentavam-lhe as cousas por outro prisma. Arrancar Alice ao remoinho, não era para elle rasgo de generosidade ou acto de philantropia ; não, era pura e simplesmente uma satisfação de amor proprio, uma questão de brio.

No seu pundonor infantil, elle se consideraria um covarde, cedendo ao remoinho ; ficaria humilhado si não domasse dessa vez ainda o abysmo, arrancando-lhe do bojo a victima, já quasi devorada. Pouco lhe importava o nome da victima ; no instante daquelle supremo tranze talvez nem se lembrou que objecto, que fardo, era esse tão estreitamente unido á seu peito. Fosse em vez da menina, um cão, lutaria da mesma fórma.

De quem se recordou de relance foi do barão ; e recordou-se pensando no immenso prazer que teria si o esmagasse com seu triumpho e seu desprezo. Afigurava-se a Mario que o exemplo de heroismo e abnegação dado por elle havia de ser

para o rico fazendeiro um motivo de soffrimento e despeito. Porque motivo? Não o poderia explicar; era um vago presentimento.

Póde-se bem avaliar quanto deviam ser rapidas, quasi instantaneas, as resoluções e os movimentos do menino naquella crise extrema.

Agarrando as tranças louras de Alice e enrolando nellas a mão para mais segurança, o menino veio á tona d'agua, e respirou com força. As pessoas que rodeiavam o lago, viram surdir apenas um meio perfil e submergir-se immediatamente :

— Nhô Mario !.. exclamou a voz anciosa de Martinho.

Mario, renovado o ar dos pulmões, voltou a tempo de travar de novo da espadua de Alice. A evolução das aguas, depois de o aprofundar, elevara o corpo da menina para arremessa-lo á garganta que devia sorvel-o. Aproveitando-se do incidente, o menino pôde voltar á superficie, e elevar a cima della a parte superior do rosto.

— Benedicto ! gritou elle.

O preto depois que tombara ferido pela dôr, rolando como um madeiro sobre as fragas do rochedo, ficara algum tempo alheio ao que se pas-

sava. Chamado a si pelos golpes que as farpas da pedra lhe abriram nas carnes ; e admirando-se de não estar ainda submergido pelo boqueirão, quiz atirar-se.

— Não ! murmurou dentro d'alma. Quem ha de enterrar á elles ?.. Depois, Benedicto !... Sempre é tempo para a gente deixar este captivo !

Quando ouviu a voz de Martinho, o preto velho ergueu a cabeça attonito. Seria possivel que o menino vivesse ainda ? Que o pagem o tivessem visto ?

Benedicto não o podia acreditar. Mas a voz de Mario, forte, clara e distincta, acabava de pronunciar seu nome ; não havia duvidar ; o menino vivia. Então o corpo robusto do africano vibrou estremecendo, como o canhão depois da descarga. Com as mãos seguras a dous ramos do arbusto, o seu talhe projectou-se fóra do rochedo sobre o lago ; parecia o tóro de um crocodillo negro, arremessando o bote á presa.

Os olhos dilatados, saltando-lhe das orbitas, pareciam absorver em si a Mario, arrancando-o ás aguas do lago. Não tinha voz para fallar ; os borbotões desse immenso resfolego de um co-

ração quasi asphixiado pela angustia, e que emfim torna á vida, não davam passagem á palavra.

Entretanto quando seus labios se moveram, articulando sons, nada se ouviu é verdade, mas sentiu-se que uma alma se derramava pela superficie do lago, e que essa alma se prostava aos pés de Mario, como uma adoração e ao mesmo tempo uma abnegação. Adoração por vel-o vivo ainda; abnegação para o salvar morrendo si preciso fosse.

— Uma corda, Benedicto; um páu!..

A mão do menino sobrenadando completou seu pensamento. Os dedos crispados fortemente estavam reclamando um apoio á flôr d'agua, um ponto onde se firmasse a alavanca humana para suspender o corpo de Alice.

Mario mergulhara quatro vezes.

Benedicto, na posição em que estava, lançou um olhar de desespero ao lago, á rocha, ao céu. Ali, embutido como um tronco naquella pene-dia bronca, pairando sobre o abysmo no qual o menor movimento podia precipital-o; cercado apenas de pedras e sarças encarquilhadas, como podia elle achar promptamente, ao alcance do

braço, o esteio de que necessitava o carajoso nadador, para salvar-se e á menina ?

O preto sentia a urgencia do soccorro. A lucta heroica de Mario não podia prolongar-se; naquelles transes, contam-se os acontecimentos por apices de instante. Si o mergulhador voltando á tona d'agua não achasse ahi o ponto de apoio necessario, sumir-se-hia para sempre. E Mario não tardava ; o negro media o tempo pela sua respiração.

Martinho e Eufrosina tinham é verdade corrido á cata do objecto indicado. Mas onde o iriam buscar ? E chegariam a tempo, sendo tão grande a distancia para a estreiteza da occasião ?

Não havia pois esperança alguma ?

Uma vida prompta a sacrificar-se; a cega dedicação, capaz de todos os sacrificios ; nada podia contra a fatalidade.

O impossivel, esse frio escarneo da natureza contra a arrogancia do homem ; esse epitaphio de todas as ambições, como de todas as esperanças ; ali estava sorrindo da angustia, como do heroismo, do coração.

A flôr d'agua turbou-se. Mario voltava : era o momento supremo. Seu olhar limpido, que

já atravessava a onda transparente, si não fosse a primeira esperança do triumpho ; seria... o ultimo desengano e o ultimo adeus !

E nada !.. nem uma corda, nem um madeiro !..

Mas havia um corpo humano Benedicto escorregando pelas abas do rochedo , chegara quasi ao nivel do lago ; e d'ahi estendendo-se por baixo da ramagem dos arbustos, foi prolongando-se sobre as aguas. Chegado á extremidade do folhagem, o negro não obstante, continuou a avançar; esticando os braços e forçando os galhos retorcidos a se dobrarem com o pezo de seu corpo.

Assim ajudado por sua grande estatura e pela elasticidade dos braços, como dos ramos do espinheiro ; conseguiu Benedicto manter-se horizontalmente suspenso sobre a bacia do lago, com a cabeça tão completamente derreada sobre os hombros que de longe se diria um corpo estrangulado. Nessa posição o negro quasi roçava com a nuca a flôr d'agua.

Era tempo. Mario remontara; sua mão convulsa enleiou-se nos cabellos grizalhos do negro ; e valendo-se desse ponto de apoio, esforçou para

attrahir o corpo da menina. Mas ainda essa vez o abysmo disputou a preza ; os vestidos de Alice pesavam como uma mortalha de chumbo.

Depois de repetidos arrancos, Mario reconheceu que não obteria resultado algum. Mudando então promptamente de plano, travou os pés no pescoço de Benedicto, e segurando com ambas as mãos os braços de Alice arcou de novo contra a correnteza.

O corpo do negro, inteiriçado sobre o abysmo, escorrendo sangue das feridas, brandia, aos repetidos abalos que lhe imprimiam as arremessas de Mario, como um vergão de ferro. Com o esforço, os artelhos do menino cerrando-se quasi estrangulavam o pescoço do velho africano, cujos olhos injectados e narinas dilatadas, indicavam asphixia iminente.

O menino estorcia-se dentro d'agua. Seu corpo parecia romper-se, como o dorso da serpe, quando se dilata para stringir a preza. A luta estava indecisa. A's vezes acreditava-se que Mario ia triumphar, arrebatando a victima ao boqueirão ; outras vezes o menino perdia a vantagem adquirida e submergia-se ainda mais.

Como era sublime essa cadeia humana que



se estendia desde a aba do rochedo até ás profundezas do lago, com uma ponta preza á vida, e outra já soldada á morte ! Esses corações que se faziam élos de uma corrente grilhados pelo heroismo, essa ancora animada, sustendo uma existencia prestes a naufragar, devia encher de admiração e orgulho a creatura.

| Foi essa peripecia do horrivel drama que se desenhou aos olhos do barão, quando elle chegava á margem do lago. Não teve necessidade de interrogar, de ouvir alguma voz, nem de examinar a scena.

| Do primeiro relance comprehendera tudo. A victima era Alice ; o heroe, Mario ; o instrumento, Benedicto.

| Os joelhos curvaram-se ; e aquelle homem forte cahiu succumbido e oppresso de encontro ao parapetto de pedra. Um brado de ancia rompeu-lhe do seio ; mas com o offego da respiração, os labios não exhalaram mais do que um surdo gemido.

| A esse gemido respondera um grito de triumpho. Mario acabava por um impulso desesperado de levantar ácima d'agua o corpo inanimado de Alice.

— A mão, Benedicto, a mão !.. exclamou o menino offegantè.

Um dos braços do negro desprendeuse dos ramos, e volvendo hirto e rijo como a verga de uma maquina sobre o gonzo de ferro, travou do corpo de Alice e descançou-o no largo peito. Já Mario á nado tinha galgado o rochedo e aliviava o negro daquelle peso.

Um instante mais e Benedicto soffocado pelos artelhos de Mario, se despenharia no precipicio, arrastando consigo a ultima esperanza.

O barão depois que recebeu de Mario o corpo inanimado da filha, correu á cabana para prestar-lhe os primeiros e urgentes soccorros. Quem sabe si já são inuteis ? Si o que elle estreita ao seio, não é mais o corpo, porém unicamente o cadaver de Alice ?

As outras testemunhas da catastrophe acompanharam o barão ; só ficaram o negro e o menino.

Mario apenas conseguira por cima da pedra passar ao barão o corpo de Alice, recostou-se ao rochedo completamente extenuado : ali ficou alguns momentos recobrando o folego. Entretanto Benedicto retrahindo-se lentamente apro

ximava-se da falda da penedia, até que afinal levantou direito o porte robusto.

‡ Mario cingiu-lhe o pescoço com os braços e beijou-lhe as cans. O negro apertando-o ao peito soluçava como uma criança.

‡ Ali ficaram absorvidos na ardente expansão dos sentimentos que lhes tumultuavam no seio. Os outros os tinham esquecido ; ninguem veio perturbar a transfusão de suas almas com uma sollicitude importuna.

Mas de repente foram despertados por um grande choro que sahia da cabana. Era facil advinhar o motivo dessas lamentações, tanto mais quando no meio do pranto se distinguiram perfeitamente estas palavras :

‡ — Morta !.. Morreu !..

Mario subiu apressado á cabana ; Benedicto o seguiu.

---



## XVI.

### O BEIJO DA VIDA.

Correndo á cabana, Mario não era levado pela sollicitude que lhe devia inspirar a sorte de Alice, sua companheira de infancia ; nem mesmo, cumpre confessal-o, pelo natural estímulo da compaixão.

Não hei de encobrir os defeitos desse character, como não pretendo exaltar suas qualidades.

O coração de Mario desenvolvendo com um vigor prematuro as fibras da energia, da perseverança, do heroismo, da amizade e do odio ; ficára atrophiado a respeito da piedade, da sympathia, da ternura, de todos esses sentimen-

tos brandos e suaves que formam o bemol da clave humana.

Em qualquer outro momento, si viessem dizer a Mario que a filha do barão tinha morrido, elle sentiria apenas a surpresa que produz um acontecimento imprevisto, e essa turbação do espirito diante do terrivel mysterio, todas as vezes que elle formula o seu inexoravel problema. ■

Passado esse primeiro assomo, si elle procurasse no intimo a recordação do acontecimento, não acharia sinão um pouco de lodo entre a vaza que existe sempre em todo o coração; não acharia sinão sua antipathia por Alice, e a satisfação de ver-se livre de uma presença impertinente.

N'aquella occasião porém, a vida de Alice era precisa para Mario; pertencia-lhe como cousa sua; elle a disputara ao abysmo, á morte; e tinha-a afinal conquistado com uma coragem que o elevava perante a consciencia. Essa existencia arrancada ao boqueirão era o complemento de seu esforço; o remate de sua obra; a palma de seu triumpho. Sem ella sua acção ficava truncada, sua victoria mutilada: elle teria salvado, embora com risco de vida, um cadaver apenas, um despojo inutil. ■

Como os conquistadores antigos, de que fallava o seu Plutarco, elle carecia de um trophêo ; e esse trophêo era Alice viva, e o barão humilhado no auge mesmo de sua felicidade, na viva expansão de seu amor paterno.

Imagine-se pois qual devia ser o seu abalo e irritação, vendo a morte furtar-lhe perfidamente de uma maneira vil e indigna, essa existencia que elle havia arrebatado de suas garras em luta franca, rosto á'rosto ! Que tropel de pensamentos lhe tumultuava no cerebro, luctando para arrojarse em borbotões ! A's vezes eram impetos de indignação contra o acontecimento que o espoliava de seu triumpho. Outras vezes eram idéas loucas de resuscitar o cadaver transmittindo-lhé metade da propria existencia.

Que inextrincaveis são os fios dessa urdidura moral, com que se tecem as paixões humanas ?

Esse menino inacessivel á compaixão, indifferente ao soffrimento alheio , encerrado no frio egoismo que formava um orgulho desmedido ; essa aberração da infancia ; acabava de expôr a vida, e daria sem hesitar metade dessa vida, para salvar uma creatura de sua aversão !

O corpo de Alice estava deitado na cama de

sua vóvó preta, que sentada aos pés e debulhada em pranto, não sentia o proprio mal. A's bordas do leito, Eufrosina e Felicia ajoelhadas seguravam as mãos inanimadas da menina ; Adelia reclinada por cima d'ellas, pallida de commoção, não sabendo que fazer, si afastar-se ou ficar ali, devidia-se entre os dous movimentos.

Junto d'ellá um menino de 16 annos, ultimamente chegado á cabana, acompanhava com attenção delicada seus movimentos, dirigindo-lhe palavras de animação ou consolo. Era Lucio, filho de D. Alina, e muito camarada de Mario, apezar da repugnancia que mostrava sua mãe por — *essa gente*. Chegado á fazenda quando os outros já tinham partido, apenas soube do passeio encaminhou-se para o logar, muito seu conhecido.

A' cabeceira estava o barão, sustendo no joelho a loura cabeça da filha. Sepultado no fatal desengano de seu infortunio, amparava o rosto em uma das mãos. Mas de repente um vislumbre desse crepitar da esperança, que bruxulea como a lampada ao apagar-se, atravessava aquella treva lugubre. Abaixava então a cabeça ; interrogava anciosamente os olhos, a face, e os pulsos da filha.



O frio glacial e a immobildade respondiam apenas á soffreguidão e os ancias daquelle coração de pai. Elle retrahia-se dolorosamente ; e sepultava-se de novo em um desespero mudo e estúpido.

Alice era a imagem de um anjo em cêra. Seus cabellos louros, molduravam-lhe o rosto como um resplendor ; o vestido despedaçado, apparecendo por cima das coberturas junto ás espaldas, figurava as pontas de lindas azas azues. Seus labios entreabertos não sorriam, porque não tinham mais alma que os animasse, e o sorriso é uma flôr d'alma ; porém, essa flôr, ali ficára como a pallida bonina arrancada de sua haste. Os olhos abertos e completamente pasmos, coalhavam-se, como a luz na gota que se congela ; aquelles céos estavam ermos do anjo que os habitara.

A cutis alva tinha uma doce transparencia produzida pela polarisação da luz de sua alma que se refrangia para o céu.

Mario estacou em face dessa pura imagem, cobrindo-a com um olhar ardente. Não foram porém os toques suaves da belleza inanimada, nem a candura da linda menina, ceifada no alvorecer

da innocencia, que seus olhos viram n'aquelle corpo inanimado ; foi a preza por elle disputada ao abysmo, foi o premio de seu esforço, o despojo opimo do vencedor.

Assim tambem não viu elle na cabana em torno ao leito, pái, ama, escravos, affeições mais ou menos ardentes ; pessoas com melhor direito ou mais experiencia para se interessarem pela sorte da menina, e tentarem os ultimos, embora vãos esforços. Para elle não havia ali sinão testemunhas da lucta, que tendo assistido ao primeiro recontro, iam presenciar o outro. Alice não era á seus olhos uma filha, uma amiga, uma senhora; não passava de uma cousa, que lhe queriam usurpar.

Arredando bruscamente os escravos, Mario se inclinou sobre o leito e apoderou-se do corpo de Alice, retirando sua cabeça dos joelhos do pai.

Nas circumstancias supremas, as distincções sociaes, e até mesmo as que estabelece a norma commum da natureza, se apagam diante da superioridade real. Entre as pessoas ahi presentes, algumas encanecidas, a vontade firme e resoluta, o coração forte e sobranceiro, era o de Mario. Elle devia exercer sobre os espiritos abatidos, a influen-

cia que é o effeito da electricidade moral. Ninguém oppôz a seus movimentos o menor obstaculo. Completamente desanimados, não sabendo o que fazer, na expectativa illusoria do soccorro que Mártinho montado no cavallo do senhor fôra buscar; permaneciam todos atados pela dôr e espanto.

No meio dessa indecisão, uma energia era a resurreição moral : era o exemplo. Todos submettendo-se espontaneamente áquelle coração capaz de querer, quando elles succumbiam, áquelle espirito que pensava no meio do torpor geral, puzeram-se ao seu serviço com uma obediencia passiva e timida.

O barão viu lhe retirarem dos joelhos a cabeça da filha, e não fez um movimento ; logo depois ergueu-se sem dizer palavra porque o menino lhe indicára que sahisse da cama. Seus olhos seguiam os gestos de Mario, sem os comprehender ; mas com essa vaga esperança, que se embebe de fé, como o menor vapor na athmosphera se embebe de luz. Mario não desesperára ainda, e o barão sentia em si o reflexo tenue d'essa crença.

Com os travesseiros, colxas e esteiras, que pôde

obter, arranjou Mario rapidamente e ajudado de Benedicto, um plano inclinado sobre o leito, e ahi collocou a menina. Depois, debruçado sobre ella, collou seus labios na mimosa boca desmaiada, e apertando com os dedos as cartilagens do nariz, insuflou-lhe fortemente o ar nos pulmões.

A pericia do menino na prestação de soccorros aos affogados, sendo para admirar, explicava-se comtudo muito naturalmente. Na barca de salvação, montada a expensas do barão, Mario tivera frequentes occasiões de ver applicadas pelo administrador da fazenda as instrucções de um habil medico da côrte, para combater a asphyxia por submersão conforme as indicações do Dr. Curry. Avido de tudo saber, aquella jovem intelligencia comprehendeu o mysterio da morte apparente pela falta do ar; e viu em alguns casos a efficacia d'esse meio supremo de restabelecer pela inflação do folego a vida já extincta no coração.

Elle sabia que no caso de asphyxia por submersão, havia completa cessação de vida: equivalendo a cura a uma ressurreição; e lembrava-se de ter lido no extracto da obra

do Dr. Curry, que embora a salvação dos affogados não fosse commum, quando a submersão durava um quarto de hora; comtudo havia exemplos de resurreição depois de uma submersão por mais de meia hora e até de algumas horas. Alice estivera dentro d'agua apenas uns dez ou doze minutos ; e felizmente nenhuma lesão tinha soffrido.

Eis porque Mario em vez de assustar-se com a algidez que apresentava o corpo da menina, e a completa cessação da vida, emprehendera salva-la.

A operação repetiu-se muitas vezes successivas. Todos silenciosos e attentos, com os olhos cravados no leito, esperavam em uma anciedade indizível os palpites de uma esperança que mal assomando, affogava-se para logo no receio de que Mario, exausto de forças, não pudesse continuar a operação. E quem teria a calma e destreza necessaria para substitui-lo ?

— Silencio ! disse Mario mais com o gesto do que com a voz.

Pousando a mão sobre o seio da menina e interrogando o coração ; parecia recolher toda sua alma, e concentra-la na ponta dos dedos que tacteavam uma pulsação imaginaria. O canto de

seu labio frisado pela contensão do espirito, foi-se distendendo, em um sorriso a principio quasi imperceptivel. Quando afinal seu rosto expandiu-se, a cabeça erguida ressumbrava a vehemencia do prazer que sentia.

Alice respirava.

Elle tinha duas vezes em menos de uma hora arrancado á morte sua preza. Tinha duas vezes esmagado com sua superioridade o homem á quem mais odiava no mundo, salvando-lhe a filha, e obrigando-a á dever-lhe a felicidade de sua vida. As esmolas que o barão fazia a sua mãe, esses sobejos de uma riqueza talvez bem mal adquirida, elle as pagava por esse preço.

— Tem café quente ou espirito ?

A respiração da menina, quasi insensivel durante alguns instantes, afinal sublevou-lhe docemente o seio. Sentiu-se um raio tenuissimo de luz perpassar na pupilla immovel e crystalisada. A vida foi a pouco e pouco derramando-se pelo corpo, já cadaver. Quando o rosado das faces, a pulsação distincta e o movimento muscular, revelaram uma reacção franca ; o menino conhecendo que Alice estava salva, eclipsou-se no

meio das effusões de contentamento do barão e das outras pessoas presentes.

A alguns passos do leito, encontrou-se com Lucio, que o olhava cheio de ardente admiração.

— Adeus, Lucio !

— Mario, você já é um homem !

— Hei de ser !

— Que homem era capaz de fazer isto ?

Mario sorriu com indiferença :

— Qualquer pessoa que estivesse acostumada como eu. Não vale nada.

Um sorriso de Adelia attrahiu Lucio, em quanto Mario ganhava a porta.

Ninguem o viu affastar-se. Era natural. Esse jubilo do coração, ao ver dissipar-se a desgraça; essa festa da vida que torna, mais solemne sem duvida, do que a festa da vida que nasce : bastariam para occupar naquelle instante as testemunhas da scena. Alem disso porém havia ali um extremoso amor de pai, a ternura apaixonada da mãe de leite, e outras affeições sinceras.

Benedicto comtudo não tardou em reparar na ausencia de Mario. O velho africano, que já adorava aquelle menino e admirava sua des- greza e coragem ; começou desde então a venerar

nelle alguma cousa de sobrenatural, incompreensível para seu espirito inculto. Um ente que participava do anjo, do feiticeiro e do homem, tal era a imagem que se gravou em sua alma.

Recobrando inteiramente os sentidos, entre os beijos ardentes do barão e as caricias de Chica, Alice correu o olhar ainda entorpecido pelas pessoas que cercavam o leito. Sorriu ao pai, á Adelia, á todos; mas faltava alguém que esperava achar ali e que debalde procurou.

Seu labio balbuciou um nome :

— Mario!...

No momento em que preza da voragem ella se debatia nas vascas da agonia, a derradeira impressão desse transe supremo fôra a do braço de Mario que luctava para arranca-la ao abysmo. Tambem toruando a vida, a primeira visão, embora confusa, de sua alma sopitada, fôra a do rosto do companheiro de infancia, que debruçado sobre ella, sorria-lhe.

Seria tudo isto um sonho ?

— Elle estava aqui ; disse o barão. Mario !

— Sahiu ! respondeu Benedicto.

— Vão chama-lo. Ainda não o abracei.

Benedicto percorreu durante algum tempo os



arredores da cabana : d'ahi podia elle dominar toda a varzea e uma parte do pomar. Depois de algumas voltas inuteis, descobriu além, na baixa, alguma cousa alva, que excitou-lhe a attenção, porque destacava entre o verde da folhagem. Com uma vaga suspeita do que era, seguiu naquella direcção ; verificou ser a roupa do menino estendida para enxugar, no lugar onde batia o sol.

Mario dormia profundamente, coberto com as folhas seccas das proximas bananeiras. Descançava a cabeça no braço direito dobrado sobre uma raiz que lhe servia de travesseiro. Extenuado de fadiga, o organismo reclamara imperiosamente aquelle somno profundo e reparador.

Sahira da cabana com intenção de voltar a casa para mudar a roupa molhada, que ó estava resfriando ; mas chegado aquelle lugar, os continuos arripios obrigaram-n'o a despir-se para seccar o corpo. Então cedendo á fadiga dormiu.

Benedicto o estava contemplando enternecido, quando ouviu um rumor de passos nas folhas seccas. Por entre as arvores avistou D. Francisca, arrastando o passo tropego em direcção á cabana. Benedicto correu á senhora e carregando-a nos

braços robustos, a trouxe para junto do filho, animando-a com a narração entrecortada do que havia passado.

— Deixa, minha sinhá, deixa elle dormir. Precisa bem.

D. Francisca ajoelhada roçou a fronte de Mario com os labios, cobriu-lhe o corpo com o chale, e rendeu ao Senhor ferventes graças, por lhe haver conservado o filho querido.

Benedicto tambem ajoelhara aos pés do menino, mas em vez de rezar por elle, pôz-se a adora-lo, como á um idolo.

## XVII.

### O JURAMENTO.

Seriam oito horas da noite.

Reunidos na sala da *Casa grande*, os hospedes do barão, e sentados ao sofá, conversavam em tom moderado sobre o acontecimento do dia.

O conselheiro Lopez, tinha feito um discurso philosophico sobre o phenomeno das coincidencias, citando alguns factos historicos dos mais notaveis. Era esta a face porque o desastre acontecido á Alice o tinha mais impressionado ; a intervenção de Mario e a data de 15 de janeiro prendiam esse acontecimento como dois élos de bronze á morte de José Figueira, occorrida havia onze annos.

D. Luiza além da parte que tomara na afflicção da familia de Alice, estremecia de horror, lembrando-se que podia ter Adelia corrido o mesmo ou maior perigo. D. Alina, essa as vezes desmerecia na acção de Mario, figurando-a como cousa facilima; outras vezes insinuava, embora de longe, que o culpado de tudo era o menino com sua travessura.

— Quem sabe? Talvez si Alice fosse sosinha com Adelia, ou com o meu Lucio, que é tão socegado, não lhe acontecesse nada. Esses rapazes traquinas deitam os outros a perder.

Junto á meza, onde ardia o candelabro, Lucio estava muito applicado em levantar castellos de cartas para entreter Adelia. Feliz idade em que a imaginação entre risos de prazer edifica palacios com essas figuras coloridas! Mais tarde em vez de castellos de carta, são os castellos de vento, edificados com as illusões e as esperanças de nossa alma. Vem um sopro de criança e arrasa o sumptuoso palacio. O menino reúne as cartas e levanta novo castello. O homem debalde tenta colligir as illusões que tombaram: não encontra nem o pó; desfizeram-se em fumo.

O castello de Lucio era um pretexto. Cada carta precisa para a construcção, tinha de ser tomada a Adelia, senhora de quasi todo o baralho. Quanto mais se elevava o castello, mais tentações tinha a menina de abatel-o de um sopro, ou derrubal-o com a unha rosada, que disfarçadamente brincava sobre a verde cobertura da meza.

Dando taes assaltos direito á defeza, a mão de Lucio animava-se a interceptar nos labios da menina o sopro destruidor, á prender e conservar captivo o dedinho perfido, e finalmente a sentir esses rapidos toques da cutis assetinada, que lhe sabiam como raios da polpa deliciosa do cambucá.

De vez em quando D. Luiza erguia-se do sofá e penetrava no interior por uma porta lateral. Pouco depois voltava trazendo informações á respeito do estado de Alice.

Transportada para a casa nos braços do pai, a menina passara algumas horas sem grave alteração, embora muito abatida. A tarde porém se declarara febre com dôres lancinantes pelo corpo. O medico prevenido á primeira noticia do desastre já estava na fazenda. Seu prognostico

foi favoravel. A menina, em virtude do abalo por que passara e do longo resfriamento, soffria de um accesso nevrálgico. Os calmantes receitados não tardariam a debellar o mal.

— Está na mesma. Agora chegaram os remedios que o doutor mandou buscar : disse D. Luiza voltando da alcova.

— O barão devia ter aqui uma botica sempre bem sortida ! ponderou o conselheiro.

— O commendador, meu marido, tinha : acodiou D. Alina.

A porta do corredor abriu-se dando passagem á D. Francisca e seu filho. Este vinha manifestamente contrariado ; sua physionomia e até seu passo o indicavam.

Depois de duas horas de somno ; que sua mãe não se animou á interromper, Mario despertara á sombra das arvores onde se havia deitado. No primeiro momento admirou-se de ver a mãe ali perto d'elle ; mas logo percebeu vagamente o que tinha passado, e com isso satisfez-se a sua curiosidade.

Vendo porém no rosto da senhora traços de fadiga e afflicção, Mario ficou de máu humor e contrariado. A vehemencia das cari-

cias maternas respondeu apenas com um frio abraço.

— Minha roupa já está enchuta? perguntou.

Benedicto tivera tempo de trazer outra roupa, e café para o menino tomar apenas accordasse. Um fogo vivo além de conservar a quentura da chaleira, derramava um doce calor sobre o menino adormecido.

Recolhidos á sua habitação, nem a mãe, nem o filho, tinham desejos de tornar á *Casa grande* naquelle dia. D. Francisca ficara prostada com as emoções: Mario queria fugir a impertinente curiosidade dos hospedes do barão. Repugnava-lhe contar sua acção á gente de quem não gostava. Todas as pessoas da amizade do rico fazendeiro, incorriam na antipathia do menino.

Ao cahir da noite porém o barão mandou segundo recado insistindo com D. Francisca para levar-lhe o Mario naquella mesma noite. Avaliando pelo seu coração do sentimento daquelle coração de pai, e desejando tambem mostrar seu interesse por Alice, de cuja febre acabava de saber, a viuva accedeu.

Muito custou-lhe persuadir a Mario. A seus rogos o menino respondia :

— Não tenho nada que fazer lá ! O Sr. barão póde guardar seus agradecimentos, que eu passarei muito bem sem elles. Si cuida que lhe prestei algum serviço, está enganado. Quiz mostrar-lhe que um pobresinho, ás vezes vale mais do que os ricos e barões.

D. Francisca amava cegamente o filho, e por isso em vez de o governar, era por elle governada. Ante a resistencia que Mario oppunha ao seu desejo, não se animou a formular uma ordem ; esgotados os rogos, soccorreu-se ao argumento supremo, que applicado á proposito dobrava a tenacidade do menino.

— Meu filho, lembra-te da recommendação que teu pai deixou em seu testamento. Deves obedecer ao barão como a elle.

Mario mordeu os beiços e acompanhou sua mãe á *Casa grande* ; mas cedendo embora, elle não podia esconder sua contrariedade. Já não era sómente a curiosidade importuna que o afastava, mas tambem a molestia de Alice. Incommodava-o a idéa de envolver-se na sollicitude affectuosa, que devia inspirar á familia e aos amigos o sof-



frimento de uma pessoa querida. Elle não podia associar-se á esse sentimento ; tambem não devia alegrar-se com elle.

Por outro lado o barão estava triste, abalado ainda com as emoções daquella manhã, afflicto com a enfermidade da filha. Não era assim abatido por outras causas, que o menino desejava affrontar seu inimigo. Era no apogeo da fortuna, do alto do seu orgulho, que elle pretendia humilha-lo.

Estes sentimentos possuíam Mario ao entrar na sala.

— Oh ! eis o nosso heroe ! Venha cá ! exclamou o conselheiro chamando-o com a mão.

— A senhora deve estar muito contente com seu filho, D. Francisca ; o que elle fez !... disse D. Luiza.

Mario levantou os hombros, e respondeu d'uma vez aos dois, mulher e marido :

— Ora ! O que eu fiz !... Aqui na fazenda ha um cachorro, o *Trovão*, que nada e mergulha muito mais do que eu. Si quer ver um heroe, mande busca-lo ; ou então um dos marrecos ali do tanque, pois dentro d'agua nos vence á ambos.

O conselheiro era homem áquem nada pertur-

bava. Apesar da estranheza da resposta, elle replicou sorrindo com certa magnanimidade magistral :

— Ora, Sr. estudante, isto é pura e simplesmente um sophisma. O animal obra por instincto, enquanto o senhor arriscou a vida para salvar...

— Não ha tal ! Não corri nenhum perigo ; tenho feito isso tantas vezes !... Si me pudesse succeder algum mal de certo que não ia me atirar n'agua ; não tinha necessidade disso.

Depois de ter assim amesquinhado com um remoque, e suffocado sob uma ostentação de egoismo, seu rasgo heroico ; o menino aproximou-se da meza, onde estavam os dois camaradas. Adelia, desde a entrada de Mario, não cessava de olha-lo com um modo de ingenua admiração ; o que expremeu no coração de Lucio a primeira gota de fel ; o fel que exsuda o ciume.

— Mas então, Mario, disse a gentil menina com um sorriso faceiro ; si esta rosa que eu tenho no seio, cahisse no boqueirão ; você ia apanhala ?

— Ia ! respondeu o menino com vivacidade ; mas logo retrahindo-se, accrescentou : Si na occasião estivesse de veia para brincar.

— Lembra-se ? Foi você que me deu esta rosa ! Está aqui guardada.

— Pois dê ao Lucio, que está ali com uns olhos para ella !...

Lucio corou. O sorriso apagou-se nos labios de Adelia, como o vôo nas azas da borboleta, quando expira a luz que a enleva. Mario voltou-se á voz da mãe que o chamava da porta.

A baroneza, já tranquillá á respeito da filha entrara na sala acompanhada pelo medico. Recebeu a D. Francisca do mesmo modo, com fria altivez ; a Mario disse apenas estas palavras :

— Viu em que dão as travessuras ? Bom será que lhe fique de lição para emendar-se.

Mario retrucou arremedando o riso da baroneza :

— Eh ! eh !... emendado já estou. Mesmo que a senhora cahisse amanhã no boqueirão, não seria eu que a tirasse de lá.

— Já se viu !... exclamou D. Alina.

O conselheiro repremindo uma risada, pensou consigo que si Mario algum dia fosse deputado, seria um rival do Aprigio, o maior apartista da camara ; gloria até hoje sem successor.

— E' patetinha, coitado! disse a baroneza a meia voz, voltando-se para o medico.

D. Francisca e seu filho seguiram o Martinho, que os introduziu no gabinete do fazendeiro.

O barão estava ainda na mesma agitação, que d'elle se apoderara desde a noticia do passeio, e que bem longe de acalmar-se com a salvação de Alice, parecia progredir em intensidade. A dôr de perder a filha, essa abrandara vendo-a livre de perigo ; mas o acontecimento produzira nelle um abalo profundo, uma crise que ainda não tivera remissão.

Antes de deixar a cabana, na occasião de transportar-se Alice, o barão descera só a *Lapa*; e ali permanecera um momento com os olhos no remoinho. Seu rosto tinha nessa occasião uma expressão grave e solemne ; os labios balbuciarão palavras não ouvidas ; a mão pairou um momento sobre o abysmo. Dir-se-hia que prestava um juramento.

Tremulo, agarrando-se ás pedras para amparar os mal seguros passos, voltou á cabana, donde seguiu a rede que transportava a filha. O resto do dia até aquella hora, passara-o á cabeceira de Alice, ou debruçado na mezã do ga-

binete, murmurando palavras surdas e entrecortadas.

Levantou-se para receber D. Francisca ; e abraçou tanto a mãe, como ao filho.

— Mario, eu lhe devo a vida de minha filha ; mais do que a minha propria vida, porque é ella, só ella que me prende á este mundo. São dividas que não se pagam. Foi sempre minha intenção protege-lo ; mas hoje fiz um juramento á memoria de seu pai, de... meu amigo, no lugar mesmo onde você salvou Alice. Encarrego-me de seu futuro.

— Não quero paga. Não servi a ninguem ! O que eu fiz foi por brincadeira : disse o menino arrebatadamente.

— Bem ; fallaremos depois á este respeito. Eu combinarei com D. Francisca ácerca dos seus estudos. Deve formar-se... em direito ou medicina !

— Que bondade, Sr. barão !... disse D. Francisca.

O barão despediu-os com um gesto.

— Vá vêr Alice, Mario. Ella tem perguntado muito por você.

A alcova estava em meia obscuridade, exclamou

recida apenas pela luz opaca de uma lamparina. D. Francisca chegou-se subtilmente, e percebendo que Alice estava acordada e com os olhos abertos, chamou o filho.

Vendo Mario, os labios da menina se enfloram com um sorriso.

— Ainda está zangado comigo, Mario? disse ella apertando-lhe a mão. Eu lhe prometto que não heide fazer mais travessuras. Não quero que você morra por minha causa.

O menino sentiu um movimento de piedade; nesse momento teve pena que Alice fosse filha do barão.

Mas a sua natural repugnancia o dominou :

— Não tenha susto !...

Essa palavra podia ser uma segurança que tranquilisasse seu espirito, e Alice comprehendeu-a, quiz comprehende-la, assim : mas ella cahira dos labios de Mario como uma ironia.

Horas depois toda a habitação estava entregue ao repouso. Alice dormia um somno prolongado, embora um tanto inquieto. Só o barão velava, crusando a passos lentos o seu gabinete:

— Fazem onze annos ! Foi em uma noite como esta ; talvez á mesma hora... Que horas

serão ? Meia noite. Era mais cedo !... Eu o vi !... Meu Deus ; o tempo não apaga esta imagem, ao contrario parece que a aviva !... Ha onze annos o vejo... assim... sempre assim !

● O barão foi, abafando os passos, contemplar Alice adormecida. Mudo ante o vulto da menina, elle estremecia ao choque dos pensamentos que lhe tumultuavam dentro d'alma. Afinal seus labios murmuraram estas palavras :

— Serás o anjo do perdão, minha filha !

Defronte via-se a porta entreaberta do oratorio. O barão aproximou-se do altar e pousando a mão sobre a ara santa, repetiu o juramento solemne, cujo segredo ficou entre elle e Deus.





## XVIII

### O NOIVADO.

Tinha decorrido uma semana.

Alice estava completamente restabelecida. Naquella idade as impressões se apagam rapidamente. A gentil menina tinha recobrado sua graciosa e scintillante vivacidade.

Para dar expansão a seu regosijo, o barão improvisara um sumptuoso banquete; e convidara as familias dos fazendeiros da vizinhança.

Era meio dia. Já muitas senhoras e cavalleiros se tinham apeado no pateo da *Casa grande*; e achavam-se agora reunidos na sala e varanda.

O barão parecia outro homem; a alegria transbordava de sua alma, no rosto e nos movimentos.

Saudava a cada um dos convidados, com tanta effusão ! Parecia agradecer-lhes o grande prazer que sentia.

A baroneza recebia os hospedes com a amabilidade que permittiam sua altivez e frieza. O apparatus da riqueza e os rumores da festa reanimavam sua natureza apathica.

D. Luiza, sentada ao piano, misturava ao borborinho da conversação e aos rumores do campo, os brilhantes ritornellos de uma walsa então muito em voga. Ao trinado das teclas do instrumento, a graúna pousada na proxima aroeira suspendia um momento o gorgoeio, para ouvir a extranha harmonia.

Aos moços, os sons do piano lembravam a quadrilha ; aos velhos o canto, a dengosa modinha brasileira. Ambos os desejos foram submettidos á baroneza, que aprouve deferir a ambos com uma magnanimidade de rainha.

Entretanto D. Alina com duas ou tres roceiras criticava dos ares que tomava a baroneza ; do desembaraço de D. Luiza, que sem a chamarem, tomara conta do piano ; e do vestuario das senhoras mais elegantes.

O conselheiro Lopez, rodeado por algumas das

influencias da provincia, áquem desejava gran- gear, achava-se em uma situação difficil. Elle manifestara na camara uma opinião favoravel á extincção do trafico ; idéa então muito impopu- lar entre os fazendeiros. Incredulo á este respeito, fez o conselheiro largas e luminosas considera- ções sobre a opinião européa, o canhão inglez, o bill Aberdeen ; e concluiu affirmando que não havia realmente a menor divergencia entre o voto dos amigos que o ouviam e a sua opinião.

Nesse momento uma recommendação de silen- cio foi soffrear a eloquencia do conselheiro. D. Luiza cantava uma aria do *Dominó noir*, re- cordações da opera franceza que ultimamente havia feito as delicias da côrte.

Acabavam de chegar os ultimos convidados, o que augmentou a animação da festa. Depois do canto veio a dança baralhar damas e caval- leiros, velhos e moços, nessa agradavel confusão que rompe durante algumas horas a monotonia das existencias calmas.

A' par da festa das senhoras e dos homens ha- via na *Casa grande* outra festa, por ventura mais interessante pela sua originalidade.

Proximo á varanda em uma saleta, onde cos-

tumava assistir a baroneza, estavam agrupados junto ao sofá alguns dos nossos conhecidos da semana anterior; e tão embebidos no seu divertimento que não ouviam as contradansas.

Enchia o tapete do sofá uma profusão de objectos, que aos olhos do menino homem são uma ninharia, mas aos olhos do homem-menino parecem um thesouro das mil e uma noite. Eram trastes, camas, berços, guarda-roupas, lavatorios, poltronas, apparatus de louça, talheres; um oratorio com imagens e candelabros; jardins, com alamedas de flôres, repucho e estatuas; casas com repartimentos, carros puchados por parelhas de cavallo; uma fazenda cheia de arvores, de bois, carneiros e outros animaes; tudo isto em delicada miniatura.

Havia tambem cestas, caixinhas, e pequenos bahús, uns já vazios, e outras ainda cheios de vestidos de seda ou cassa, chapéos, sapatos, e toda a especie de roupa de um tamanho proportional ás dimensões dos trastes.

Finalmente sobre o sofá gravemente enfileirados pelo braço do recosto, viam-se os donos dessas riquezas: bonecos e bonecas de todos os feitios e qualidades, uns já vestidos com o maior

apuro e elegancia, e outros ainda em fralda de camisa, mostrando muito sem cerimonia, as pernas de panno, de louça, de páu ou de cera.

Alice sentada em um banquinho de almofada, com o regaço cheio de mil cousas tiradas das cestas e bahús, estava occupada em fazer a distribuição e arranjo da festa, ajudada por Eufrosina e Felicia. Do outro lado, Adelia, acomodada em uma cadeira baixa de costura, acabava o traje de noivado de uma formosa boneca de cera. De joelhos aos pés da menina, o Lucio com sua habitual galanteria, adivinhava os desejos da menina, para satisfaze-los: procurando no tapetê já o véo de renda, já a grinalda de flôres, o lenço ou o leque.

A causa de todo esse alvoroço que ia pelo mundo das bonecas, talvez ninguem se lembre della. Pois não era outra sinão aquelle casamento de D. Elisa com o Dr. Oscar; casamento sobre o qual as meninas tinham conversado no pomar, por occasião do fatal passeio á cabana de pai Benedicto.

Essa união, que estava projectada para outro domingo não póde ter lugar em virtude do desastre. Festejando-se porém n'aquelle dia a sua sal-

vação e restabelecimento, não quiz Alice demorar por mais tempo a felicidade dos dois noivos. Acresce que Mario, padrinho por ella escolhido, devia partir no dia seguinte para a côrte, afim de completar ali seus estudos preparatorios.

D. Elisa e o Dr. Oscar eram um lindo casal de bonecos, vindos directamente de Paris por encomenda do barão. Alice os tinha recebido havia alguns mezes; foi o presente do pai no dia de seus annos. D. Elisa era um anjo de bonita e o Dr. Oscar um seraphim, na opinião de Euphrosina; Felicia porém comparava-o á um cabelleiro francez, para ella o typo da suprema elegancia parisiense.

— A noiva está prompta! disse Adelia mirando a boneca enfeitada.

— O noivo tambem! acodiu a Felicia.

— Agora falta o oratorio; disse Lucio. Acendo as velas?

— Não; Mario ainda não chegou; respondeu Alice.

— Onde anda elle? perguntou Adelia.

— Foi se despedir de Benedicto.

— E' verdade elle vae amanhã. Tão depressa!

— Foi elle mesmo que pediu; não foi, nhanhã?

— Mario quer estudar depressa para se formar logo; disse Alice com um suspiro. Depois vem morar aqui na fazenda e não ha de sahir mais. Papai me prometteu.

— Gentes, quédê a colxa rica da cama dos noivos? perguntou a Eufrosina.

— Não é a de setim? Está ali no bahú de tartaruga.

— Deixe ver!...E' muito rica, observou Felicia; mas para meu gosto havia de ser côr de rosa, que significa amor.

— Azul quer dizer constancia e fidelidade. E' mais proprio; acodiou Lucio. Que elles se amam todos sabem, porque são noivos. Não é, Adelia?

— De certo! Eu hei de querer muito bem ao meu! respondeu a menina com a ingenuidade da infancia.

— Quem ha de ser?

— Isto é o que ninguem sabe.

Lucio corou:

— Mario não vem: disse elle disfarçando: depois fica tarde, e não se faz o casamento.

— Não tenha cuidado! replicou Alice.

— Si quizer que eu sirva de padrinho!..

— Pois não. E Mario?

— Elle não se importa.

— Mas importo-me eu ! exclamou Alice, batendo com o pézinho no tapete.

Lucio de esperto queria substituir-se a Mario, porque a madrinha era Adelia ; esse ponto de contacto com a menina lhe daria um prazer immenso ; parecia-lhe que ficava unido á ella por algum laço, por uma recordação mutua.

Mario porém acabava de chegar. Alice o viu da janella e chamou-o.

O menino já não se lembrava do tal brinquedo de bonecas. A despedida de Benedicto o impressionara. Esse negro era o unico ente a quem sua alma se abria. Sem duvida amava elle mais á sua mãe ; porém o coração, se recatava della, e diffundia-se no seio do velho africano. Ha caracteres assim, que se concentram para com as pessoas que mais amam, e entretanto affagam um cão ou um cavallo.

Além disso o negro dissera algumas palavras que excitaram a curiosidade do menino ao ultimo ponto ; e alyoroçaram em seu espirito as suspeitas que ahí pullulavam á respeito da morte de seu pai.

Nestas condicções, estava elle pouco disposto



a brincar: e de certo não acodiria ao chamado da menina, si de repente não lhe occorresse a idéa de se distrahir com as zangas e contrariedades, que podia causar aos outros.

Foi chegar elle, e sentir-se immediatamente a perturbação produzida por sua presença. Elle entrou, como costuma entrar o tufão, a torrente, o raio; sem pedir licença, uem escolher caminho.

Todo o arranjo que tanto trabalho dera á Alice e ás mucamas desapareceu de relance; porque elle entendeu que não estavam os objectos collocados em regra. A unha da Eufrosina, a mesma unha da topada, fez conhecimento com o tacão do botim do menino; em quanto a Felicia chiava com um beliscão que elle lhe pêspegava no braço em resposta á uma observação impertinente.

— Esta cadeira é para o padrinho? perguntou Mario mostrando uma poltrona de marfim, acolxada de setim verde.

— E'; respondeu Alice.

— Então posso sentar-me!

— Mario!... exclamou Adelia.

O menino acabava de espedaçar o mimoso traste em miniatura pretendendo sentar-se nelle.

— Que graça ! disse Lucio.

— Calle a bocca. Não bula comigo !

— Olhe, nhanhã ; sua cadeirinha, tão bonita, em que estado ficou !

— Não faz mal ; dizia Alice rindo.

Ella, a boa e gentil Alice, achava nas travesuras de Mario uma graça extrema. Em vez de zangar-se, applaudia.

Mario entretanto ia continuando a desordem começada, despindo umas bonecas e vestindo outras da maneira a mais grotesca e ridicula ; o que suscitava observações da parte de Adelia e Felicia, deffensoras da moda e elegancia. Grande porém foi o alvoroço quando o menino armando-se de uma grande agulha de enfiar, perguntou :

— Onde está a noiva ?

— Para que ?

— Quero ver uma cousa.

— Eu não dou ! disse Adelia.

— Nhanhã Alice, tome conta de D. Elisa ; porque ninguem pode com este menino, não.

— E' melhor ; disse Adelia restituindo a noiva a Alice.

— Tome, Mario.

E Alice entregou sorrindo a boneca a seu companheiro de infancia. Este porém perdeu o gosto da travessura, desde que a menina em vez de revoltar-se contra ella, parecia ao contrario associar-se de boa vontade.

— Está bom, era para abrir-lhe o coração ; mas já vejo que é ouca.

— Ouca é a cabeça bem sei de quem ; disse Lucio.

— A nossa !... Ah ! esta é cama dos noivos ?

Mario acabava de descobrir a cama á Luiz XV que Lucio estava arranjando com todo o esmero.

— Vamas á ver se está macia !

— Deixe-se disso, Mario ; tire a cabeça.

— Espera, espera que eu te mostro.

Mario travou-se de luta com o camarada, e como apesar de mais moço, era mais agil e robusto, em breve o subjugou. Então levantando-o nos braços, gritou :

— Preparem o berço para o nenê !

Nesse momento felizmente appareceu o Sr. Frederico de Mattos, moço de vinte annos, filho de um fazendeiro da visinhança. A voz geral o apontava como o noivo de Alice, e affirmava que esse casamento já estava justo entre os

pais. O commendador Mattos era depois do barão o homem mais rico do logar; todos achavam pois muito natural que essas duas riquezas se attrahissem mutuamente por uma irresistivel paixão matrimonial.

Frederico era bonito moço, mas tinha um rosto de alfinim, redondo, sem a menor sombra de buço; o que lhe dava certo aspecto affeminado e ingenuo. Sem intenção de transtornar os futuros planos matrimoniaes de seu pai, si taes planos existiam, o rapaz tinha suas quédinhas por Adelia.

— Falta um par; disse elle entrando. Venha dançar comigo, Alice.

— Eu não! respondeu a menina com estouvamento.

— Então me rejeita? Muito obrigado. E a senhora, D. Adelia? perguntou corando.

O pedido á Alice não fôra mais do que uma tabella para dar no alvo. Adelia tambem enrubeceu ligeiramente, e hesitou:

— Não posso dançar agora! respondeu com ligeiro pezar.

— Temos cá um casamento; disse Mario.

— Ah! E não me convidaram!

— Está convidado ; tornou Mario.

Frederico procurara com o pretexto da falta de par se aproximar de Adelia. Indeciso entre o desejo de participar do folguedo, e a vergonha de metter-se com as crianças, elle ia deixando-se ficar.

— Aqui não é logar para moço ; disse Alice contrariada.

— Tambem acho! observou Lucio.

— Fique! atalhou Mario cathegoricamente. Carecemos de um padre para casar os noivos ; e o senhor tem justamente cara disso.

— Está engraçado !

O riso geral que provocou o gracejo de Mario desconcertou Frederico. Foi-se pois o cupido da roça como tinha vindo, nas azas de um pretexto : a quadrilha estava á sua espera.

— E o casamento ? disse Eufrosina. A noiva já está cansada de esperar.

— O ditado bem diz « Casamento demorado, com certeza é desmanchado. » Está me parecendo que é o que vae succeder.

— Vamos, vamos ; disse Alice. Accenda o oratorio, Lucio.



## XIX

### PRIMEIRA SAUDAD

Emquanto se faziam os ultimos preparativos, Alice foi á sala buscar o Sr. Domingos Paes.

Este curioso personagem occupava na casa do barão da Espera o emprego de compadre. Muitas pessoas talvez ignorem a natureza e importancia deste cargo, que existe em quasi todas as casas de ricos fazendeiros.

Um compadre não é parente, nem hospede, nem creado ; mas participa dessas tres posições ; é um ente maleavel que se presta á todas as feições e toma o aspecto que apraz ao dono da casa ; é um appendice da familia da qual elle se incumbe de supprir quaesquer lacunas, e de apregoar as grandezas.

Ha na casa outros compadres, mas são conhecidos por seu nome: o compadre por excellencia, o compadre da familia, aquelle que não precisa de outro qualificativo; é elle, o homem de todas as occasiões, o commensal effectivo, prompto sempre para conversar, andar, jogar e comer, conforme a veneta do protector a quem annexou-se.

O compadre alem da familia a que se aggrega, tem uma familia propria; mas esta só lhe serve para formar os pimpolhos que dão logar ao compadresco; e para exercitar a paciencia indispensavel ao bom desempenho de seu emprego. Como chefe da familia, sua missão pois não é crear filhos, mas unicamente fabricar afilhados.

Nenhum compadre accumulou jamais tão varias e importantes funcções como o Sr. Domingos Paes. Era recado vivo para os vizinhos, e bilhete de convite para as festas ou banquetes. Servia de parceiro do solo, sendo preciso; fazia de carrancho no voltarete; jogava o gamão com a baroneza, e o burro com as crianças que não terminavam sem deitar-lhe duas orelhas de papel. Fazia dansar as velhas e feias que não achavam par; estava sempre disponivel para padrinho das



crias da fazenda; ajudava a missa ; e finalmente, além de muitas outras incumbencias, parochiava as bonecas de Alice; isto é, celebrava os baptisados e casamentos de brinquedo.

Fora para exercer esta ultima função, e unir em laços matrimoniaes D. Elisa e o Dr. Oscar, que Alice o foi buscar á sala. Quando voltava com elle pela mão, parou na porta empallidecendo.

O Martinho durante a ausencia da filha do barão tinha entrado na saleta :

— Eh! nhô Mario anda muito por cima hoje.

— Porque ?

— Não sabe? Lá está seu logar na cabeceira da mesa, junto de nhandã Alice, todo enfeitado. Flor muita; fita tambem. Não vê que nhô Mario é o rei da festa; e nhandã Alice a rainha. Hih!... Banquete de estouro! Champanha está fervendo.

Foi por ouvir estas palavras e perceber a impressão estranha produzida no semblante de Mario, que Alice descorou :

— Martinho! exclamou ella com severidade.

— Não disse nada; não, nhandã !

— Si papai soubesse !...

Alice conhecia instinctivamente o caracter de seu companheiro de infancia e receiava muito da influencia que teria a revelação do pagem no genio desconfiado e caprichoso de Mario. A cerimonia do casamento, cujos preliminares eram determinados com toda a gravidade pelo Sr. Domingos Paes, a distrahiu.

O illustre parochio das bonecas benzeu a agua, paramentou-se com uma toalha passada pelos hombros, e ia pronunciar o *conjungo vobis*, quando se deu pelo desapparecimento de Mario. Falta o padrinho; procurou-se o menino por toda a casa: trabalho inutil.

Lucio de novo offereceu-se para padrinho: mas Alice zangada mandou tirar todas as bonecas e brinquedos; protestando que não queria mais saber delles.

Assim desfez-se o casamento do Dr. Oscar e D. Elisa com bastante magoa dos convidados.

A hora do jantar ainda não se tinha encontrado Mario, o que muito contrariou o barão, e entristeceu Alice. O fazendeiro desejava fazer uma publica e solemne consagração de seu reconhecimento. Na cabeceira da mesa do banquete, sob um estrado com docel forrado de sedas escarlates

e enfeitado com grinaldas de flôres, estavam collocadas as cadeiras destinadas aos dois meninos.

O conselheiro Lopes devia commemorar em um discurso arrebatador o acontecimento, que dera motivo á festa. O vigario preparara um soneto e umas quadrinhas, para recitar na sobremeza, quando se fizesse a saude do heroe. O Sr. Domingos Paes fôra incumbido de começar com força os *hips*, que de ordinario os convivas por acanhamento não se animavam á soltar, si não depois de electrizados.

A ausencia de Mario diminuiu o prazer e alegria da festa ; mas não transtornou o programma. Principiou o banquete e prolongou-se até a noite ao som da banda de musica dos pretos da fazenda, que tocava quadrilhas e valsas. Afinal chegou a occasião das saudes, discursos e versos : o enthusiasmo era tal que ninguem talvez, a excepção de D. Francisca e Alice, lembrou-se de Mario nessa occasião.

Só muito depois de terminado o banquete, é que Mario, ainda um tanto arisco foi-se aproximando da casa.

O menino desde que salvara Alice, achava se coacto com a gratidão do fazendeiro, e a consi

deração que adquirira na familia. Essa nova situação o incommodava ; muitas vezes chegava ao ponto de irrita-lo. Preferia a má vontade ou indiferença com que o tratavam anteriormente. Essa luta incessante contra os que o cercavam, correspondia melhor á sua indole, ás tendencias de seu coração. Enquanto o reprehendiam á cada instante e o maltratavam, elle tinha o direito de odia-los com todas as forças de sua alma. Mas agora que se mostavam bons sentia-se constrangido.

Praticando o seu acto de heroismo, cuidara esmagar o barão sob o despeito de lhe dever, á elle um coitadinho, a vida de sua filha. Entretanto era o barão que o esmagava com sua nobre e sumptuosa generosidade.

Pesava tanto a Mario a gratidão creada pela salvação de Alice, que chegou a arrepender-se de seu impulso. Aceitou pois com fervor uma occasião que se offereceu para escapar á incommoda posição. Tratando-se do projecto de concluir os preparatorios na côrte ; pediu elle para partir immediatamente, ao que a mãe e o barão accederam, enchergando nisso ardor pelo estudo. Não se enganavam de todo ; Mario era tambem

movido por esse estímulo nobre. Havia em seu espirito a ardente curiosidade de saber, que revela as energias de uma intelligencia precoce. O segredo das grandes vontades, como dos grandes talentos, não é outro senão a intuição da incognita. Quando o espirito, tem consciencia de sua ignorancia, elle sente a necessidade de a debellar.

Apenas duas pessoas se aperceberam do apparecimento de Mario; porque o esperavam com ansiedade. Foram D. Francisca e Alice; nenhuma alludiu á sua ausencia durante o jantar; por uma delicadeza espontanea calaram-se á este respeito.

O baile começara. As quadrilha formadas se entrelaçavam. Lucio tinha alcançado um logar para elle e Adelia seu par; valeu-lhes o Sr. Domingos Paes que serviu de *vis à vis*, tendo por par a sogra do administrador. Dessa noite em diante o velho accumulou mais este importante emprego aos outros que já exercia na fazenda.

Alice aproveitando o momento em que a contradansa attrahia a attenção general, trocou algumas palavras em segredo com o pai, e tirando-lhe do bolso da casaca uma caixinha oval de tartaruga aproximou-se de Mario, que estava de pé apoiado no recosto da cadeira de D. Francisca.

Com os olhos baixos e a voz tremula de emoção, mas com um sorriso nos lábios, a menina apresentou a caixinha a seu companheiro de infancia.

— Tome, Mario ; quando olhar para elle lembre-se de mim. Para contar os instantes que você passará longe de nós, não preciso d'elle ; tenho meu coração : basta pôr a mão aqui.

— Que é isto ? perguntou Mario bruscamente.

— Veja; respondeu Alice.

O menino apertou a mola da caixa de tartaruga e viu dentro um lindo relógio de senhora, com tampa esmaltada de verde, e a firma de Alice—A. F.—cravada em diamantes. Ao aro estava preso um cordão feito dos cabellos da menina.

.. Não havendo tempo de mandarem ir da côrte um presente, que fosse do agrado de Alice, combinou ella com seu pai dar a Mario como lembrança, na vespera da sua partida, aquella joia. O barão accedeu, fazendo tenção de encomendar para a filha outro relógio mais rico.

Lançando um olhar rapido e cheio de prevenções ao interior da caixa, Mario exclamou com ar de mofa :

— Tinha que ver! Andar eu com um relóji-  
nho de mulher!

— Mario! exclamou D. Francisco penalizada  
em extremo.

A boa senhora disfarçou como pode o arreba-  
tamento do filho. Tomando a caixa do collo, onde  
o haviam deixado as mãos dos dois meninos retra-  
hindo-se; ella obrigou affectuosamente o filho á  
admirar a delicadeza do trabalho. A força de ca-  
ricias e de ternuras conseguiu que Mario aper-  
tasse a mão de Alice em signal de agradecimento  
e de despedida.

Alice não proferiu uma queixa: mas seu cora-  
ção fôra magoado pelo frio desdem.

Quando o toque d'alvorada, no sino da fazenda  
a derpertou, seu alvo travesseiro estava molhado  
de lagrimas. A menina ergueu-se de manso, e  
vestindo-se ligeiramente encostou a fronte ao cai-  
xilho da janella de sua alcova. Os primeiros albo-  
res da luz empallideciam as trevas do horisonte.

No pateo se distinguiam os rumores que an-  
nunciam o despertar de um estabelecimento rural.  
Na estrebaria especialmente, o tropel dos caval-  
los ou mulas e o resmoer do milho nos embor-  
naes, indicavam proxima jornada.

O primeiro arrebol dourava as nuvens quando Mario montou á cavallo em companhia do capataz que devia conduzil-o á corte.

Vendo sumir-se na volta do caminho o vulto de seu companheiro de infancia, a menina levou a mão ao seio, que arfou com um longo suspiro.

Era o pungir da primeira saudade.

FIM DO 1º VOLUME.



# INDICE

	Pag.
I.—O feiticeiro	5
II.—O passeio.	15
III.—Espinhos de rosa	24
IV.—Travessuras	39
V.—Tia Chica.	51
VI.—Historia da carouchinha	63
VII.—Pai Benedicto .	75
VIII.—A mãe d'agua	85
IX.—Castigo	97
X.— Dois amigos.	109
XI.—Desastre	121
XII.—O conselheiro.	129
XIII.—Coração de mãe.	145
XIV.—Mario .	157
XV.—O boqueirão	171
XVI.—O beijo da vida.	185
XVII.—O juramento.	199
XVIII.—O noivado	213
XIX.—Primeira saudade	227



## Erratas.

PAGINA	LINHA	ERRO	EMENDA
7	19	deducções	seducções
9	1	negro velho	preto velho
10	15	approximei-me	aproximei-me
11	6	só abriu	sôabriu
16	6	nonho	nhônô
11	10	accodiu	acodiu
19	14	criola	crioula
27	13	estancalo	estanca-lo
33	7	geito	gesto
44	7	travessuras ?	travessuras !
48	9	preocupou	preoccupou
55	20	Benedito	Benedicto
55	24	da ca	dá cá
58	16	preocupação	preoccupação.
60	24	como o meu ?	como o meu t.
63	1	carochinha	carouchinha
»	5	do cama	da cama
74	8	dez annos	onze annos
76	25	pessoa	a pessoa
79	4—5	não era outrosenão	não era senão
94	25	facha	faxa
103	6	no peito	ao peito
122	7	molho de canna	molho de cannas
128	4	creou	estabeleceu
128	8	Não foi	Não foram
207	14	licção	lição
211	11	orotorio	oratorio
218	13	cabelleiro	cabellerelro
233	13	vamas	vamos
»	34	appontava	apontava



## BRASILIANA DIGITAL

### ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

**1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais.** Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

**2. Atribuição.** Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

**3. Direitos do autor.** No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente ([brasiliiana@usp.br](mailto:brasiliiana@usp.br)).